



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Filiada à Associação Psicanalítica Internacional desde 1963 e
à Associação Brasileira de Psicanálise

Presidente

Carlos Gari Faria

Secretário

Paulo Fonseca

Secretário Científico

Juarez Guedes Cruz

Tesoureiro

Gerson Isac Berlim

Conselheiros

Cláudio Laks Eizirik

Paulo Martins Machado

Diretor do Instituto

Luiz Carlos Mabilde



ISSN 1413-4438

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 - Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Volume IV - Nº 3 - Dezembro -1997

Editor

Mauro Gus

Co-Editor

Joel Nogueira

Conselho Consultivo

Alírio Torres Dantas Junior - SPR • Bruno Salésio da Silva Francisco - SPPel • Carlos Edson Duarte - SPRJ • Carlos Gari Faria - SPPA • Elias Mallet da Rocha Barros - SBPSP • Leopold Nosek - SBPSP • Luiz Carlos Meneghini - SPPA • Luiz Emmanuel de Almeida Levy - SBPRJ • Ney Couto Marinho - SBPRJ • Paulo Martins Machado - SPPA • Plínio Montagna - SBPSP • Sérgio Paulo Annes - SPPA

Conselho Editorial

Cláudio Laks Eizirik • David Epelbaum Zimerman • Flávio Rotta Corrêa • Germano Vollmer Filho • Isaac Pechansky • Luiz Carlos Mabilde • Marlene Silveira Araújo • Paulo Fernando B. Soares • Paulo Fonseca • Roaldo Naumann Machado • Romualdo Romanowski

Comissão de Redação

Anette Blaya Luz • Carmem Emília Keidann • José Carlos Calich • Jussara Schestatsky Dal Zot • Raul Hartke • Ruggero Levy • Theobaldo Thomaz

Secretária Executiva

Irma Angela Manassero

Revisão

Clotilde Favalli

Capa

Mireille Bellelis Rossi

Composição

Luiz Cezar F. de Lima

Impressão

Gráfica Editora Pallotti



R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. IV, nº 3 (dez., 1997)
– Porto Alegre: SPPA, 1997, –

 Quadrimestral

 ISSN 1413-4438

 1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

 CDU: 159.964.2 (05)
 616.89.072.87 (05)

 CDU: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Mônica Nodari Borges
CRB/10 - 900





Dezembro/1997 - Vol. IV - Nº 3

S U M Á R I O

EDITORIAL

O resultado de uma jornada
JOEL NOGUEIRA - 403

PALAVRA DO PRESIDENTE

CARLOS GARI FARIA - 405

ARTIGOS

Uma teoria psicanalítica explicativa: a teoria do protomental
ANTONIO IMBASCIATI - 409

Acting Out: Evolução do conceito e sua relação com a inveja
GERSON ISAC BERLIM - 425

"Fin du siècle": repercussões na clínica
IDA IOSCHPE GUS - 449

Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica
LENORA LERRER ROSENFELD - 461

Arte pura e ciência pura – um encontro com Ernesto Sábató
LUIZ CARLOS MENEGHINI - 477

O sujeito perverso da análise
THOMAS H. OGDEN - 487

ENTREVISTAS

Entrevista com BETTY JOSEPH - 513

Entrevista com ROY SCHAFER - 527

CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE

O Homem das Estrelas – cinema e psicanálise
VIVIANE SPRINZ MONDRZAK - 549

*O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação
com a mãe: Como água para chocolate*
ALDA DORNELLES DE OLIVEIRA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA ROSA,
INGEBORG MAGDA BORNHOLDT, ISAAC PECHANSKY,
MERY POMERANCBUM WOLFF e TULA BISOL BRUM - 555





Atenção montador
a página **402** é branca





Editorial

O resultado de uma jornada

É com a máxima satisfação que entregamos o exemplar nº 3 do vol. IV da Revista de Psicanálise para a comunidade psicanalítica representada pelo universo do nosso leitor. Dentro deste estado de espírito cujo sentimento predominante é o do “dever cumprido”, aproveitamos o encerramento do ano de 97 bem como o início de 98 para agradecer a todos aqueles que emprestaram uma efetiva colaboração com trabalhos, com leituras reflexivas, com incentivos e com críticas construtivas endereçadas à equipe editorial, sem a qual não teríamos obtido o sucesso que consideramos alcançado no final do nosso quinto ano de tão produtiva jornada.

Nunca é demais lembrar que o ano ora encerrado revelou um balanço muito positivo em termos de conquistas, quando a Revista, através da atuação séria e coesa da sua equipe de trabalho, deu ampla divulgação ao fato histórico impar referente à comemoração dos cem anos do Complexo de Édipo. Tal fato proporcionou um agradável conagraçamento da SPPA por meio do seu órgão oficial de divulgação científica com os meios intelectual, artístico e cultural da capital gaúcha.

O referido fato histórico, documentado através do número temático já distribuído, teve seu ponto culminante no evento realizado no majestoso Theatro São Pedro de Porto Alegre, quase lotado, com a presença de mais de 500 participantes que foram sensibilizados, previamente, por ampla divulgação sobre o tema da universalidade do complexo edípico, realizada de forma competente pela equipe da Revista através dos veículos de divulgação.

Como resposta direta da atuação da Revista como veículo de divulgação e integração entre a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e a comunidade no seu sentido mais amplo, recebemos a comunicação do serviço de triagem afeta ao Instituto de Psicanálise que, após o evento comemorativo, houve uma procura incomum do referido serviço na busca de tratamento analítico por parte de pessoas interessadas.

Por outro lado, não podemos deixar de salientar e agradecer à direção da SPPA, o que fazemos através dos seus presidentes, passado e presente, Luiz Carlos Mabilde e Carlos Gari Faria, pelo apoio amplo, leal e irrestrito da qual a Revista de Psicanálise sempre foi alvo.

Já nas primeiras páginas do nosso periódico, tomaremos contato com as palavras do atual presidente, Carlos Gari Faria, que nos brinda com seu discurso de posse no qual traduz otimismo e um bem articulado plano de trabalho para o biênio de 98/99.





Joel Nogueira

Antonino Imbasciati, no seu texto, faz-nos pensar sobre a Teoria do Protomen-
tal que é uma teoria das relações objetais que, partindo de interrogações não resolvi-
das por Bion, se propõe a hipotizar, além do “como”, também um porquê” das fun-
ções psíquicas.

O colega Gerson Berlim leva-nos a acompanhá-lo no seu consistente estudo
evolutivo do conceito de “acting out” e sua relação com a inveja. No artigo de autoria
de Ida Gus, vemos o estabelecimento da relação entre o contexto sócio-cultural do
final do século e a repercussão clínica resultante que produz uma mudança no perfil
da demanda de tratamento, trazendo maior número de estudos psicopatológicos que
se afastam do modelo neurótico e se aproximam de estruturas narcisísticas.

Na seqüência dos artigos, Lenora Rosenfield e Luiz Carlos Meneghini apre-
sentam dois ensaios de psicanálise aplicada à pintura e à literatura, respectivamente.

Thomas Ogden, um dos pensadores da psicanálise atual, colaborador contu-
maz do nosso periódico, estimula a reflexão sobre o fenômeno do campo analítico e
as interações perversas que se estabelecem no mesmo.

No segmento referente às entrevistas com convidados estrangeiros, acompa-
nharemos, passo a passo, as idéias de Betty Joseph e Roy Schafer sobre a psicanálise
no presente, tanto no velho mundo quanto na América do Norte.

Finalmente, nos artigos que versam sobre cinema e psicanálise, teremos a oportu-
nidade de rever os filmes “O Homem das Estrelas” e “Como Água para Chocola-
te”, agora debaixo do olhar psicanalítico de Viviane Mondrzak, Alda Dorneles de
Oliveira, Antônio Carlos S. Marques da Rosa, Ingeborg Magda Bornholdt, Isaac Pe-
chansky, Mery Pomernclum Wolff e Tula Bisol Brum.

Sem mais delongas, queremos, mais uma vez, aproveitar a oportunidade para
agradecer ao nosso leitor, fiel companheiro de 97 e renovar a expectativa de que
continuaremos juntos em 98. A todos o nosso carinhoso abraço neste ano novo que
inicia.

Joel Nogueira
Co-Editor





Palavra do Presidente

Palavras proferidas pelo Dr. Carlos Gari Faria na posse como Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre:

Poder ser parte de ou pertencer a um grupo organizado que tem sua história própria, recriar sempre o presente da vertente do passado, dando rumo ao seu futuro, faz parte da necessidade de buscar laços, de estabelecer conexões, manifestação básica da predominância de forças da vida.

Dentro desse contexto temos vivido nossa Sociedade. Esta moça feita ou esta jovem senhora que, além do bem nascida e bem formada, nos vem firmando: permitiu-nos espaço para nascer e nos tem ajudado a crescer, quando buscamos lugar para somar e integrar; não para cindir ou desfazer.

Tomar posse nesta diretoria e neste conselho técnico administrativo implica reconhecer a dimensão de um tempo maior que inclui um antes, um agora e um depois, para poder assumir a responsabilidade diante do potencial e do possível deste agora.

O crescimento de nossa Sociedade tem-lhe permitido assistir, participar e ser reconhecida em âmbito crescente dentro do espaço da psicanálise: em termos locais, nacionais, continentais e internacional mais amplo, ao longo de uma linha continuada em que a participação científica e a presença política podem se complementar, incentivando intercâmbios em termos de conhecimento técnico e teórico.

Vejo nossa Sociedade bem inserida e bem representada por colegas, numa perspectiva mais ampla que não pode ser descuidada e penso que o primeiro olhar de uma diretoria que assume deve começar voltado para dentro de casa. Para a casa de onde viemos e da qual somos todos guardiões. Nela encontramos em parte a origem de nosso perfil profissional e, através de sua estrutura interna, emergem e são reconhecidos como psicanalistas nossos colegas presentes e futuros.

É sempre presente em mim a boa acolhida que encontrei aqui desde o período de formação. Ao longo dos quatro anos de seminários, encontrei, nos professores, em todos, ainda que cada um em seu estilo e a seu jeito próprio, uma atitude de disponibilidade estimulante e de respeito e tolerância diante do não saber de quem procura para aprender. Esta postura ética pautou sua consistência teórica e técnica como professores. Sabemos que consistência envolta em atividade de respeito é a marca da identidade profissional verdadeira.

De meus supervisores, que não posso mais ver, guardo a lembrança com uma





Carlos Gari Faria

ponta de saude. Por vezes, em horas de trabalho clínico, de seminários ou supervi-
sões, os reencontro aqui e ali e sei que não os perdi na função que me ensinaram.

E antes e além de tudo, há um psicanalista daqui que procurei e encontrei, que
me aceitou e em quem confiei e cuja confiança guardo comigo.

Como formadora de futuros analistas através de seu Instituto, como mantene-
dora de uma postura ética e como promotora do desenvolvimento técnico de seus
membros e candidatos, nossa Sociedade dará continuidade ao progresso científico
que vem desenvolvendo e para o qual, assim como para outras áreas, está aberta para
receber sugestões.

Entre os convidados estrangeiros, temos confirmados, para 1998, as presenças
de Ronald Britton, Donald Meltzer e Antonino Ferro. Para a produção científica da
casa, continuamos com o espaço renovado para ser aproveitado tanto quanto ou mais
ainda do que neste ano que encerra.

Estamos dando início a um programa de encontros continuados. O primeiro,
já agendado para quatro módulos, abordará epistemologia e psicanálise. A seguir, e
partindo de outro pólo abordado por Alejandro Kacelnik, pretendemos desenvolver
uma atividade sobre biologia e psicanálise.

A Gestão que encerra nesta noite, graças a seu trabalho e à disponibilidade em
contribuir que tem caracterizado os colegas que formam esta Sociedade e os que aqui
estão em formação, conseguiu também ampliar nosso espaço físico, tornando-o com-
patível com nosso crescimento em número e em atividades.

Contando com a presença dos colegas que compõem o CTA e a diretoria que
toma posse nesta noite e em seu nome, declaro que continuaremos desenvolvendo
juntos um trabalho marcado por uma postura atenta, ativa e discreta; serena tanto
quanto possível; e segura como convém à solidez da Sociedade que a confiança dos
colegas nos chamou para ajudar a conduzir.

Carlos Gari Faria

Presidente da SPPA

04/12/97





Artigos





Atenção montador
a página **408** é branca





Uma teoria psicanalítica explicativa: a teoria do protomental

Antonio Imbasciati*, Itália

O autor expõe as premissas epistemológicas de sua teoria do desenvolvimento da mente, elaborada em precedentes volumes. Freud construiu sua teoria energético-pulsional não somente para compreender o “como” dos processos psíquicos, mas também para hipotizar um “porquê”; tais hipóteses foram formuladas de acordo e analogamente às descobertas das ciências físicas e neurofisiológicas da sua época. Essa parte da teoria freudiana foi, hoje, abandonada, a favor de teorias das relações objetais. Essas descrevem mais adequadamente a formação da mente e o seu desenvolvimento, todavia não o explicam suficientemente. A descrição do “como” é eficaz, mas a explicação do “porquê” do surgimento e do desenvolvimento das funções mentais é, normalmente, deixada de lado. A teoria do protomental, elaborada pelo autor, é uma teoria das relações objetais que, partindo de interrogações não resolvidas por Bion, se propõe conjecturar, além do “como”, também um “porquê” das funções psíquicas. Essa finalidade é perseguida da mesma forma como operou Freud, mas baseando-se nas ciências psicológico-experimentais, psicofisiológicas e cibernéticas da nossa época e, portanto, formulando uma teoria diferente.

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica Italiana.





Antonio Imbasciati

Com o termo “teoria do protomental” delineei uma teoria do desenvolvimento psíquico que elaborei desde 1978 até hoje. Dado que essa teoria já foi delineada em muitos trabalhos, até mesmo em livros, não é possível resumi-la em um artigo de revista. Limitar-me-ei, portanto, a dar uma idéia (também para superar as barreiras lingüísticas, particularmente em função do italiano), apresentando-a aqui esquematicamente; o leitor que desejar conhecê-la melhor poderá fazê-lo através das minhas publicações indicadas na bibliografia.

As hipóteses energético-pulsionais de Freud são a base daquela parte da teorização psicanalítica tradicional que, há algumas décadas, vem sendo criticada. Tais críticas propõem seguidamente modelos diferentes, porém, creio eu, sem terem claramente delineado uma alternativa àquele valor explicativo que a originária teoria freudiana possuía. A teoria energético-pulsional tem realmente um valor heurístico que ainda hoje conserva e isso serve à compreensão dos afetos e, portanto, é de utilidade clínica, mas possuía também um valor explicativo, talvez, para Freud, mais importante do que o primeiro, apesar de que, atualmente, isso não pode mais ser sustentado.

A epistemologia moderna distingue, para todo tipo de ciência, um nível de conhecimento descritivo, um interpretativo e um explicativo (Imbasciati, 1994). Os dois primeiros dizem respeito, em graus diferentes, à *compreensão* (o “como”, “how” e “how well”) dos fenômenos observados, enquanto o terceiro permite a *explicação* deles (o “porquê”, “why”). Esse último nível exige, muito mais que os outros dois primeiros, que a explicação esteja de acordo com aquela dada pelas outras ciências que se ocupam, desde outro vértice, dos mesmos fenômenos. Freud, além de fornecer uma chave descritivo-interpretativa para a *compreensão* dos eventos psíquicos (ou seja, que permitisse compreender “internamente” a subjetividade e a sua evolução), pretendia também explicá-los de um modo que fosse objetivo, de acordo com as descobertas, ou pelo menos, com as hipóteses das outras ciências. Isso foi obtido, propriamente, com a teoria energético-pulsional, com referência ao instinto e à uma energia psicobiológica, de acordo com as ciências da época, particularmente com a neurofisiologia (modelo do arco reflexo, da descarga eletrofisiológica, etc.) e com a termodinâmica de então.

Tal acordo não é mais atual em relação às neurociências atuais. Esse é um motivo a mais para não se dar à teoria freudiana um valor explicativo, mesmo que ela queira conservar-se, ser compreendida no sentido metafórico, como modelo (ao invés de teoria em si própria) de inquestionável valor heurístico para a clínica. Minha teorização, apresentando um modelo de acordo com o estado atual das ciências psicológicas e neuropsicológicas (e, ao mesmo tempo, no âmago da psicanálise), pretende propor uma alternativa ao valor explicativo da teoria freudiana.

410 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Trata-se, portanto, de uma teoria psicanalítica que possa “explicar” o desenvolvimento, prescindindo das hipóteses energético-pulsionais de Freud. Espero que isso não cause eventuais preconceitos em algum defensor exagerado da ortodoxia. A minha teoria tem, por outro lado, a intenção de criar uma ponte entre a psicanálise e as outras ciências psicológicas, particularmente a psicologia cognitiva; por isso usei o termo “cognitivismo psicanalítico”. É minha opinião que o método psicanalítico tenha uma especificidade exclusivamente sua, mas que uma teoria psicanalítica não pode sobreviver sem que se integre com as teorias da mente que provêm das ciências limítrofes.

A teoria freudiana compreendida como teoria explicativa do desenvolvimento pode assim ser esquematizada: uma força de origem natural, ínsita, portanto, no biológico (libido), leva o ser humano à satisfação; essa constitui a descarga natural da energia. Para conseguir a satisfação e a descarga, o indivíduo se encontra ou se embaate com a realidade e se adapta (conceito de adaptação, desenvolvido por Hartmann, 1939); a energia se ramifica e se distribui em tantas “pulsões” que “atropelam” os vários elementos do real que, de tal modo, assumem o seu diferente valor psíquico; uma dinâmica e uma economia pulsional, com investimentos e desinvestimentos, angústias e defesas determinam o desenvolvimento da estrutura psíquica de cada indivíduo. O esquema originário pode ser reduzido a *necessidade (biológico) + frustração ambiental → defesas → estrutura psíquica*. Também, mais simplesmente, a *Natureza + Ambiente = Indivíduo* que reproduz aquilo: *Genótipo + ambiente = Fenótipo*.

Certamente a “realidade” de que trata a psicanálise não é simplesmente uma interação com um ambiente inanimado e sim a complexa integração das relações interpessoais, a começar por aquelas da criança com as figuras parentais. A partir daqui originou-se o conceito de “objeto” e todo o sucessivo desenvolvimento das teorias das relações objetais. Essas foram elaboradas e usadas para descrever e compreender “como” se estrutura a psique dos indivíduos; mas o “porquê” foi ou colocado de lado ou relacionado à tradição freudiana, ou seja, à hipótese de uma “energia” que, modelada por certas “realidades”, desempenha uma dinâmica e uma economia que levam à estrutura psíquica do indivíduo.

Muitos autores desenvolveram uma teoria das relações objetais sem considerar, não o confessando, o esquema energético-pulsional; toda a escola inglesa está nessa linha. Os avanços da escola de Bion, evidenciando o aprender *através da* experiência, parecem mostrar que a estruturação da mente não necessita de impulsos endógenos (libido, pulsões), mas se realiza por aprendizagens, cujas leis não aparecem necessariamente ligadas ao paradigma freudiano, nem enquadradas na teoria energético-pulsional. Também o conceito de agressividade que, em Klein, aparece ligado





Antonio Imbasciati

(segundo o meu parecer, só formalmente) ao conceito de instinto (de morte), é sucessivamente desvinculado do paradigma instintivo (ver a obra de Money Kyrle, 1955, 1968) e, na escola bioniana, substituído pelo conceito de destrutividade que, livre de traços explicativos (o “porquê”), é usado para descrever uma modalidade relacional (um “como”), ancorado ao conceito de fantasia e não ao de pulsão.

Os avanços das teorias objetais determinaram importantes divergências com a psicanálise; por isso muitos autores procuraram colocar juntos os dois modelos, o pulsional e o objetal. Exemplos típicos encontramos na obra de Kohut (1971,1977); conhecidos nesse sentido são também os trabalhos de Gedo (1973) e de Modell (1975). Outros autores, enfim, pronunciaram-se explicitamente contra as hipóteses energético-pulsionais sobre as quais se apóia grande parte da construção teórico freudiana e a metapsicologia *in primis*; veja-se, somente como exemplo, a obra de George Klein (1976) e a resenha do problema feita por Eagle (1984).

As tentativas de conciliar os dois modelos, sobrepondo as teorias objetais à composição teórica freudiana, baseiam-se, normalmente, na tese que são os fatos clínicos que determinam qual dos dois modelos é o mais útil. Um modelo e uma teoria são “instrumentos” para a compreensão da clínica e pela conseqüente modulação da intervenção; nesse caso, não são nem verdadeiros nem falsos, é o critério operativo que determina sua adoção.

Colocado sob o relativismo da teoria, o problema poderia parecer resolvido. Todavia a diferença entre os dois modelos e as respectivas teorias do desenvolvimento da mente não são homologáveis; o primeiro, de fato, o freudiano, conserva um valor explicativo (o “porquê”), enquanto o segundo aparece focalizado no “como”. A ambição explicativa, nos autores que usam o segundo tipo de teoria, permanece pendente, relacionada às primeiríssimas relações objetais. São essas relações neonatais e também fetais que determinam as primeiras estruturas¹ que, por sua vez, condicionam as sucessivas “aprendizagens”. Daqui nasce o interesse pelas pesquisas que unem psicanálise, observação do recém-nascido e do feto e psicologia experimental. Exemplificativa é a obra de Stern (1985).

Considerar as primeiríssimas relações objetais, ou mesmo as experiências neonatais ou fetais, não explica, todavia, o originário “porquê” do início de uma estrutura funcional, psíquica, capaz de desenvolver, no seu interior, todas as suas sucessivas e progressivas complexas funções. *Compreende-se como* as primeiras relações objetais (mesmo as fetais) condicionam a aquisição das primeiras capacidades funcionais, mas não se *explica o porquê* através de uma experiência que, mesmo sendo inicialmente sempre recepção de estímulos, se passe à capacidade de processá-los.

1. O termo estrutura é aqui usado não em sentido biológico, mas como estrutura funcional adquirida.





Uma explicação biolística parece ingênua, mesmo para o psiquismo fetal.

O interesse de individualizar um tal porquê (acerca da passagem do biológico ao psíquico e, portanto, ao início dos processos de aprendizagem) move, a meu ver, o pensamento de Bion na atenção específica que ele dedica às modalidades para a passagem de uma experiência dos sentidos, não mentalizável (sensorialidade ou sensualidade, conforme elementos β), a uma experiência utilizável para construir a “mente”, ou melhor, aos fatores que geram a capacidade de “aprender através da experiência” (passagem de β a α).

O interesse de Bion pela passagem da sensorialidade ao pensamento parece correspondente àquele que movera as pesquisas dos psicólogos experimentais sobre a origem da percepção, na distinção entre os elementos sensoriais e a organização que é implícita ao ato perceptivo; em psicologia experimental, por muito tempo, confundiu-se e considerou-se a recepção sensorial (sensação) com a capacidade de “ler” e organizar a sensorialidade. Somente esse último evento é “percepção”, um processo ativo, diferente da simples recepção, que pressupõe, para tanto, capacidades funcionais. O processo perceptivo, hoje, é considerado um dos primeiros eventos “mentais”. Mas, como se passa da organização devida à morfologia dos receptores sensoriais à organização perceptiva? A primeira pode ser devida à constituição e à maturação dos receptores e das vias neurais, mas a segunda implica uma funcionalidade (leitura do input por causa de uma precedente memória) que pressupõe uma precedente aprendizagem; pode isso ser explicado somente pela maturação biológica? Ou pressupõe outras funções também adquiridas com a experiência? Ou seja, pressupõe que já exista uma mente. Ecoa um antigo dilema dos filósofos (conforme Leibnitz e Barkeley: “*nihil est intellectu quod non fuerit prius in sensu*”, ao que se respondeu “*nisi intellectus ipse*”). Tal *intellectus*, se não se supõe que seja presente ou ínsito na natureza, necessita de uma explicação em relação à sua origem. Hoje, se estuda o psiquismo fetal, mas o problema de uma explicação permanece: como (e eventualmente por que), *através da experiência* fetal, se originam as primeiras capacidades *mentais* (Manfredi, Imbasciati, 1997).

Então, o que dá partida ao “motor”, por assim dizer, que permite, ao substrato neural, iniciar a aquisição de funções que permitam o começo da progressiva construção de funções que constituirão a mente? E que, assim, essa mente seja capaz de aprender?

As ciências cognitivas estão elaborando as assim chamadas teorias construtivistas da mente que parecem poder superar o impasse acima descrito: a mente se autoconstrói, pela estruturação progressiva de aquisições funcionais, com base na experiência (o “social”, evidenciado por alguns autores cognitivistas, ou o “objetal” primário, segundo os psicanalistas) em um circuito de causa-efeito entre experiência





Antonio Imbasciati

e estruturas neurais. Kelly (1955) pode ser considerado um precursor dessa posição; entre os autores mais recentes, podem ser citados Maturana e Varela (1985), Watzlawick (1986), Gili Marchetti (1992) e Camaioni (1993). Esses modelos consideram as estruturas afetivo-emotivas como esquemas cognitivos de base (Plutchik, 1980) adquiridos em épocas muito precoces. Tais concepções podem ser coligadas aos modelos etológicos do *imprinting* e com a teoria etológica psicanalítica de Bowlby (1969-1980, 1979) e os avanços de Lichtenberg (1989). Em geral, a psicanálise atual relaciona o início da estruturação de capacidades mentais às primeiríssimas relações objetais, neonatais e fetais (Mancia, 1980; Piontelli, 1987; Nathanielsz, 1990; Negri, 1993). Isso, porém, não esclarece o motivo pelo qual se inicia a aquisição de tais capacidades; esclarecem-se muitos “comos”, mas o “porquê” permanece incerto.

Freud edificou a sua teoria energético-pulsional tendo a intenção de explicar o “porquê”, “hipotizado” no biológico. Ele, de fato, partiu da hipótese de um presumível substrato bioquímico das pulsões (Freud, 1983-95, p.347; 1901, p.394 seg.; 1905, p.479 seg.; 521 seg. 524 seg.; 1906, p.223 seg.; 1914, p.448; 1915a, p.21; 1915b, p.478). Essa hipótese, mesmo se desenvolvida com a devida cautela, era dividida com entusiasmo, a tal ponto que ele desejava que, um dia, a bioquímica pudesse substituir a clínica psicanalítica. A idéia de um “porquê” biológico, ou mesmo “natural”, permaneceu, por muito, implícita no ânimo dos psicanalistas. Quando se abandonou a futurologia freudiana em relação ao substrato biológico, continuou-se, por muito tempo, a usar o conceito de pulsão e toda a teoria energético-pulsional. Explícitamente os conceitos eram usados no seu sentido metafórico, devido ao indubitável valor heurístico para a clínica; mas, implicitamente, a meu ver, a ênfase que se deu a esses conceitos deve ser atribuída ao fascínio explicativo dos mesmos, pela relação deles ao “porquê”. Um “porquê” “natural”, relacionado *sine die*, que desviou, em minha opinião, os psicanalistas de procurar uma outra alternativa. Dessa forma, mesmo que a teoria energético-pulsional seja, há décadas, amplamente criticada em favor das teorias objetais, essas últimas não foram desenvolvidas a ponto de buscarem uma explicação além da compreensão e da utilidade clínica.

A meu ver, elas podem, ao contrário, oferecer, ao lado dos atuais avanços de outras ciências psicológicas e neuropsicológicas, uma linha de desenvolvimento que possa individualizar também o “porquê”, aquele porquê que permite o desenvolvimento psíquico nas primeiríssimas eras da vida.

Nesse quadro desenvolvi, partindo de algumas premissas de Bion, minha “teoria do protomental”.

Na obra de Bion (1962, 1963, 1965, 1967, 1970, 1974, 1978) podem ser evidenciadas três intuições sobre o funcionamento mental e sobre a origem do desenvol-





vimento, que, creio, têm valor de descobertas, da clínica à teoria, graças ao método da escola kleiniana e aos modelos teóricos das relações objetais (conforme “método”, “descobertas”, “teorias”, Imbasciati, 1994). Elas podem ser assim resumidas:

1. Os afetos, aqueles profundos, inconscientes, radicados no mundo infantil, são a base do pensamento. São eles mesmos o pensamento. Portanto, os processos cognitivos originam-se dos afetos.

2. Os afetos são constituídos por fantasias (no sentido kleiniano) que implicam objetos internos. Esses e aqueles se originaram das primeiríssimas relações da criança, através de processos complexos de interiorização, que levaram à constituição de um “mundo interno”. Com base nisso, o indivíduo desenvolve seus laços com as pessoas que o circundam, sua relação com o real, seu aprender através da experiência, sua própria estrutura psíquica e, portanto, suas capacidades cognitivas.

3. Os objetos internos (as relações com as quais se constituem as fantasias e, portanto, os afetos) são os elementos constitutivos do pensamento, isto é, do modo como se conhece o mundo, o mundo externo através do mundo interno e através das relações.

Os primeiros dois núcleos conceituais confirmam, de uma vez por todas, que os afetos não podem ser concebidos como relativos a uma entidade, tal como a libido e as pulsões, concebidas como se fossem quase de uma “substância” diferente daquilo que constitui a cognição. Cai, assim, a dicotomia cognição-afeto que Freud procurara compor e explicar com a complexa relação entre investimentos da libido e objetos reais conhecidos, dando, por outro lado, como evidente que esses últimos deveriam ser percebidos e representados automaticamente, por obra da estrutura cerebral, com exceção de uma sua modulação devido aos investimentos (conforme representação e princípio da constância, Imbasciati, 1991). Delineia-se, então, o terceiro ponto: a cognição (do mundo externo, mais do que a de si mesmo) é mediada pelos objetos internos. Aqui Bion adere ao pensamento de Money Kyrle (sem mencioná-lo), que, mais explicitamente, afirmara que os objetos internos são o meio com que (em um modo qualquer diferente do adulto) a criança representa o mundo e, portanto, constrói (Money Kyrle introduz o termo de “pirâmides conceituais”, 1968) suas representações e, depois, os conceitos com os quais percebe e conhece a realidade.

A capacidade de conhecer o mundo depende da possibilidade que temos de representá-lo de forma mais ou menos adequada. Delineia-se, então, o problema do “valor representacional dos objetos internos” e da relação entre objetos internos e representações em sentido restrito: as representações que, gradualmente, podem também assumir os caracteres nítidos e precisos que permitem o pensamento consciente. Podemos supor razoavelmente que há um *continuum* entre a função representativa dos objetos internos e as representações em sentido restrito, *continuum* na diacronia





Antonio Imbasciati

do desenvolvimento infantil e *continuum* nos processos inconscientes do pensamento do adulto. Bion subentende esse *continuum* propondo-nos a sua “grade”.

A observação de bebês e a análise das crianças parecem confirmar tal continuidade. No decorrer dessa progressão, passar-se-ia de proto-representações que não têm nenhuma relação com objetos reais (assim, de fato, a criança representa o mundo, através dos seus objetos internos diferentes de qualquer realidade) a outras, em que tal relação começa a existir de forma aproximativa e, indo aos poucos, até as representações em sentido restrito. Teremos uma cadeia de significantes internos que servem progressivamente a significar sempre melhor a realidade. A existência, ou melhor, a construção de significantes, aos poucos sempre mais idôneos a representar a realidade, não elimina a persistência e a presença dos primeiros: os objetos internos primários permanecem (e agem) também quando existem representações verdadeiras e próprias. A existência de uma continuidade progressiva entre objetos internos e representações não elimina o conceito psicanalítico de conflito: esse último pode ser descrito em termos de representação, ao contrário de energéticos, como discrepância e contradição de significados ao longo da cadeia das representações significantes (1981, 1983). Isso corresponde à “mentira” interior de Bion.

Bion propõe, além disso, de modo focal, o problema de como se passa dos sentidos ao mental. Evidentemente se coloca a questão: o que faz “acionar o motor”, para que, das aferências neurológicas, devidas à morfofisiologia dos receptores, se passe àquela coisa que pode ser elaborada e adquirida (portanto, memorizada) como capacidade de pensamento e que permite cada sucessivo “aprender através da experiência”. O problema é resolvido por Bion com os conceitos de elementos α , elementos β , tela β , função α , etc.. Por baixo do modelo abstrato, matemático de Bion, existe o mesmo problema, a meu ver, que os psicólogos experimentais acharam, estudando o processo de organização perceptiva e, sobretudo, o conceito de representação como base mnésica para que ocorra aquela “leitura” que dá origem à percepção e ao sucessivo desenvolvimento da aprendizagem. A percepção é, dessa forma, o processo psíquico no qual podem ter origem os outros processos cognitivos.

A impostação bioniana põe, portanto, três interrogações na pesquisa do “porquê” do desenvolvimento psíquico que a minha teoria procura colocar em um quadro que leve em consideração o desenvolvimento atual das ciências psicológicas experimentais. A primeira interrogação é relativa à gênese dos objetos internos; dizer que se originam das relações é tão verdadeiro quanto simplista; é necessário, de fato, descrever e, depois, explicar, como a aferência sensorial, que é sempre o meio físico de cada comunicação entre os seres vivos e, portanto, também de cada relação interpessoal, se torna objeto interno. Disso deriva a segunda interrogação: como é possível conceitualizar a aprendizagem primária como passagem da informação mera-





mente sensorial (input) a organizações mentais com valor de representação (objetos internos, antes, representações em sentido restrito, depois), ou seja, como é possível conceitualizar, de forma mais detalhada do que nos permitem os modelos abstratos de Bion, a passagem mais geral dos sentidos à mentalização. A terceira interrogação, que segue as precedentes, diz respeito a uma possível análise do processo perceptivo em termos que sejam comuns à psicologia experimental e à psicofisiologia e que possam, ao mesmo tempo, ser colocados e utilizados no enquadre psicanalítico, isto é, a relação entre gênese da percepção e gênese dos objetos internos.

Às três interrogações acima, que surgem desenvolvendo a teoria bioniana, acrescentamos uma quarta, relativa à possibilidade de uma teoria psicanalítica que tenha também um aspecto “explicativo” e, portanto, seja compatível com aquilo que hoje nos dizem as outras ciências. Nos tempos de Freud, as neurociências de então falavam em termos homologáveis ao conceito de energia e transformação de energia; Freud falou de libido e pulsões. Hoje as ciências experimentais colocam o problema evidenciando como a mente implica a capacidade de processar os input que recebe, de forma que resulte uma atividade capaz de “ler” as experiências externas e internas, podemos acrescentar. Minha teoria pretende conceitualizar, nesses termos, as experiências que derivam das relações objetais.

Se a hipótese energético-pulsional não pode ser invocada para *explicar* a origem do psíquico, é necessária uma teoria alternativa. Creio que a psicanálise se movimenta em direção a esse horizonte através dos múltiplos e diferentes estudos de vários autores. Muitos desses individualizam respostas, mesmo complexas, evocadas por determinadas configurações de estímulos, como a base de uma atividade “mental” que permite sucessivas aprendizagens. Ogden, por exemplo (1986), chama instinto (creio, com aceção imprópria) um código inato para a leitura de certas experiências: uma organização funcional seria adquirida com o aparecer de certas experiências, devido, porém, à presença de uma predisposição biológica. Isso seria homólogo ao conceito de preconcepção de Bion. Para explicar depois a passagem de uma atividade mental desse tipo e, portanto, não apta a ler a realidade, a uma mais propriamente capaz de aprender, o mesmo autor traz à tona os mecanismos de identificação projetiva.

Parece-me que a identificação projetiva nos ajuda a compreender o “como” do início dos processos mentais, mas pouco o “porquê”. Esse último não pode prescindir do problema de individualizar a passagem das aferências sensoriais (oriundas da experiência e, acrescento, também da que é interna) à capacidade de processá-las, através da própria experiência. Trata-se da capacidade de organizar os singulares e múltiplos input recolhidos em unidades operativas que tornem possíveis as “operações” mentais. Nessa direção se move minha teoria, partindo das relações objetais e formu-





Antonio Imbasciati

lando um modelo no qual a fonte de experiência se concebe em termos homologáveis àquilo que sabemos ser aferência, input, processamento, leitura, memória de leitura e assim por diante². Espero que a minha tentativa teórica possa ser integrada e superada ao ser confrontada com o pensamento de outros estudiosos.

O modelo que elaborei (perdoe-me o leitor se, no espaço de um artigo, sou obrigado a ser esquemático) parte da psicofisiologia sensorial para explicar o desenvolvimento psíquico, desde seu início, de tal forma a utilizar os conceitos psicanalíticos (1981). Isso deveria corresponder a dar a tais conceitos valor probatório, além de heurístico e clínico, para a “explicação”. O modelo é do tipo construtivista e leva em conta os princípios elementares da cibernética. O cérebro é comparável a uma grande calculadora e a mente é o conjunto dos “programas” ou das funções que foram armazenadas ou “aprendidas”. Com a variação delas, variam as capacidades globais da calculadora; a estrutura psíquica é o conjunto de tais funções mais elementares; essa memorização inicial de funções, que constitui o núcleo primário da mente, modula cada sucessiva aprendizagem e cada sucessiva e progressiva memória e de novas funções e de conteúdos, umas e outros não separáveis entre eles. De tal forma, a mente aprende e, ao mesmo tempo, se autoconstrói, nas suas próprias capacidades de aprendizagem³.

Cada aprendizagem dependerá, além das potencialidades do hardware (o cérebro do homo sapiens), do input, ou dos conjuntos de input. Ou seja, devemos pesquisar na sensorialidade a origem da estruturação daquilo que é memorizado. Isso é fácil de ser concebido, considerando uma mente já desenvolvida (“em stricto sensu”, por assim dizer), mas torna-se problemático se consideramos o início, no nebuloso surgir dos afetos, seja porque devemos considerar a sensorialidade neonatal e fetal, seja, sobretudo, porque devemos explicar como acontece a primeira memorização, desde o momento que, para memorizar, é necessário percepção e, para que exista percepção, são necessários processos psíquicos de reconhecimento, leitura e, portanto, memória anterior.

O input neurossensorial, por si próprio, considerado como entidade pontual (singular estimulação de singulares células receptoras), não entra na memória, não entra naquela bioquímica que se deposita no RNA, nem se conserva por muito tempo

2. O meu modelo exprime uma posição empirista ao invés de inatista, ou seja, o valor da experiência como prevalente ao biológico. Isso não significa a subvalorização do substrato neural, ao contrário, parece-me, de acordo com os estudos mais recentes que mostram o complexo feed back entre morfologia, fisiologia, aprendizagem e daqui, ainda, à fisiologia e à própria morfologia. Também a morfologia neural é modificada pela aprendizagem (Oliverio, 1986).

3. Alguns psicanalistas, ao ouvirem palavras como aprendizagem, leitura, memória e outras, pouco comuns quando aplicadas aos afetos, podem sentir-se desnaturalizados do seu específico psicanalítico. Tal especificidade é a essência da compreensão da subjetividade, mas, se queremos levar o nosso conhecimento em direção à explicação, é necessário ir além.





como traços bioelétricos. O input deve ser “lido” para ser memorizado. Para a leitura é necessário um reconhecimento dos “conjuntos” que o compõem. Para que um “conjunto” seja “legível” é, portanto, necessário um correspondente traço mnésico que constitua a homóloga unidade de leitura, tudo isso em correspondência com aqueles eventos neurofisiológicos que exprimem o reconhecimento perceptivo, ou melhor, a “leitura” dos elementos que darão lugar à percepção.

Apresenta-se, então, uma série de interrogações. Como se formam as primeiras unidades de leitura? Quais são os “conjuntos” de input que constituirão a primeira memória? Existem conjuntos que, por si próprios, são memorizados e que, portanto, podem constituir as primeiras unidade de leitura? Em outras palavras, se, também para os primeiros input, são necessárias unidades de leitura, como se pode iniciar a primeira “função” que permite a primeira memorização? Existe um problema de “montagem” dos singulares input neurosensoriais que permite ou não que os seus traços sejam memorizados. Por que e como esses traços são memorizados? Quais são as características dessas primeiras montagens de traços de conjuntos que constituem, portanto, as primeiras proto-representações e, portanto, as primeiras percepções? Quais são as modalidades de montagem e dos inputs e dos respectivos traços que permitem a constituição das primeiras “funções”, que, por sua vez, permitem as primeiras aprendizagens? Existem diferentes graus de ordens de proto-representações? Quais são as respectivas modalidades de montagem? Todas essas questões, em termos neuropsicofisiológicos, exprimem outras tantas em termos psicológicos: o que percebe um recém-nascido? O que percebe um feto? Quais são as representações (ou melhor, proto-representações) que um recém-nascido (e talvez mesmo um feto em gravidez avançada) deve indubitavelmente já ter para poder perceber? Como se formaram? Que tipo de aprender através da experiência aconteceu e que tipo de aprender isso permite? Isso que chamamos “afetos”, como se forma?

O recém-nascido e o feto não têm consciência; o fato, porém, não nos exime de considerar os processos perceptivos e, portanto, examinar quais sejam os engramas⁴ proto-representativos que permitem a leitura perceptiva. Analogamente, então, podemos estudar o inconsciente do adulto. A grade de Bion ajuda-nos a não considerar a percepção e os outros processos conscientes como de natureza diferente daqueles inconscientes. Então, todas as interrogações acima colocadas, sejam elas formuladas em termos explicativos neurofisiológicos, sejam em termos descritivos da observação própria da psicologia experimental, são úteis para a psicanálise? Quais conceitos psicanalíticos a elas se sobrepõem, encontrando a explicação? Por exemplo, os objetos internos, dos quais evidenciamos o valor proto-representativo para as primei-

4. Hipotéticas modificações que acontecem no sistema nervoso central em consequência de uma experiência e que são consideradas a base dos processos de memorização. (N. do T.)





Antonio Imbasciati

ras percepções – conhecimentos – do mundo, ao que correspondem em termos de ordens de proto-representações e, portanto, em termos de montagem de traços de input de várias sensorialidades? São, então, tais objetos internos a base de um certo tipo de percepção, ao invés de alucinação? Assim, também, quando em psicanálise se diz que o objeto real ausente é percebido como se fosse um objeto negativo presente, que tipo de percepção tem o recém-nascido daqueles input com base no qual é representado – isto é, é percebido – esse “objeto negativo”? Não se trata somente de um objeto de afetos, mas também de um objeto perceptivo (Imbasciati, 1993). O recém-nascido, de fato, pode assustar-se por causa de um barulho estranho; isso quer dizer que aquele barulho foi percebido (=lido, através de unidades de leitura proto-representativas) como se fosse um objeto negativo. Quais unidades de leitura proto-representativas foram consideradas? Essas unidades, com quais traços de qual sensorialidade foram construídas? E, quando a criança transforma as aferências enteroceptivas da fome em uma percepção de objeto negativo externo, que tipo de proto-representações se apresenta? Existe, portanto, continuum entre alucinação e percepção, e, para cada grau de tal continuum, são necessárias unidades representativas.

Ainda, em psicanálise (e em Bion, particularmente) diz-se que os mecanismos esquizoparanóides não permitem distinguir a realidade interna (objetos negativos) da externa, tanto que essa é percebida como ameaçadora e disforme da realidade efetiva. Nesses tipos de mecanismos e de conseqüentes percepções (ou alucinações), que tipo de proto-representações se apresentam? Que montagens de traços externos e internos são “misturados”, de forma que ocorra a confusão perceptivo-alucinatória? Se consideramos os processos inconscientes do adulto e a presença da oscilação PS-D, descrita por Bion, na polaridade PS (esquizoparanóide), que “metabolismo” de traços proto-representativos acontece? Analogamente, a que mudanças de montagem de traços proto-representativos corresponde a depressão? É essa última “remontagem” que permite a emergência de uma percepção adequada à realidade e depois da dimensão consciente da própria percepção?

Muitas outras questões podem ser colocadas, para dar a tantos outros conceitos psicanalíticos uma base de possíveis explicações em termos neuropsicológicos. Em particular, conceitualizei o conflito, em termos representativos, a cisão, as outras defesas (1981, 1983). Mas, sobretudo, procurei reconsiderar o processo inteiro de simbolização. A psicanálise no-lo apresentou em vários modos repetidamente: Bion nos propõe esse como uma progressão de elementos primários, de origem sensorial, em produtos aos poucos mais complexos, que constituem a base das funções de pensamento mais evoluídas, até as conscientes. Na minha teoria, isso se traduz como construção de progressivos significantes, para serem consideradas como várias ordens de montagens representativas. Nessa perspectiva, as interrogações sobre a gênese





se da percepção (e da alucinação) repetem-se e multiplicam-se: quais são as várias ordens de proto-representações ou representações que se apresentam aos poucos, ao se construírem várias ordens de funções mentais, sempre mais complexas em relação às perceptivas? Também, para a aquisição de “funções”, é necessário que venha colocado, na memória, um esquema operacional correspondente, isto é, que exista uma representação de função. Como se constituem ou se constroem esses “engramas”? Nessa perspectiva, a simbolopoiese é reconsiderada como a obra de autoconstrução da mente inteira: o “protomental” constitui a base; a teoria do protomental propõe uma descrição passível de “explicação”.

Dou-me conta que a avalanche de interrogações que propus pode desconcertar o leitor e, talvez, indispor o mesmo diante das perspectivas que afirmo serem abertas pela minha teorização. De outro lado, não posso não correr esse risco, já que não é possível condensar em um artigo, sem torná-lo esquemático e apodíctico, o que foi exposto em alguns volumes. Um relativo isolamento, cultural e lingüístico, onde cresceu a minha produção, aumenta esse risco. Penso, de outro lado, que, exatamente nestes últimos tempos, em que a IPA recomenda que a psicanálise seja aberta às outras ciências (sobretudo às limítrofes), possa ser útil que eu informe sobre o meu trabalho.

Minha teoria não pretende dar resposta definitiva a todas as interrogações acima prospectadas. Ela dá respostas possíveis à busca do “porquê” dos processos psíquicos e do seu desenvolvimento; ela é, portanto, constituída pela rede lógica de tais interrogações. Nesse sentido, ela se coloca no espírito que animava Freud: procurar, além de descrever e compreender os processos psíquicos e, portanto, de intervir na sessão de análise, também a sua explicação, o “porquê”. Freud o procurou nas ciências neurofisiológicas do seu tempo e concebeu a sua teoria energético-pulsional; hoje devemos procurá-lo através de outros caminhos, outras hipóteses, outras teorias, na base dos princípios cibernéticos e do estado atual das ciências psicológico-experimentais. □

Summary

The author sets out epistemological introductory statements to a theory about mind development, elaborated in his foregoing volumes. Freud built up his energetic and instinctual theory not only to understand the “how” and the “how well” of psychic processes, but also to make an hypothesis on a “why”. These hypotheses were formulated according to and on the analogy of the discoveries of the psysical and neurophysiological sciences of his time. This part of freudian theoresis is nowadays





Antonio Imbasciati

abandoned, in favour of object-relations theories. These theories *describe* more suitably mind forming and development, but they don't *explain* them adequately. The *description*, concerning the *how* and the *how well*, is efficacious, but the *explanation*, regarding the *why* of beginning and developing of the mind functions, is generally neglected. The protomental theory, elaborated by the author, is an object-relations theory which, by starting from some Bion open questions, aims to make an hypothesis not only on the "how", but also on a "why" of psychic functions. This purpose is pursued in the same way as Freud did, but on the basis of experimental psychological, psychophysiological and cybernetic sciences of nowadays, so that a different explicative theory may be formulated.

Referências

- BION, W.R. (1962). *Learning from Experience*. London: Heinemann (Trad. it. Apprendere dall'esperienza, Armando, Roma, 1972).
- . (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Heinemann (Trad. it. Elementi delle psicoanalisi, Armando, Roma, 1973).
- . (1965). *Transformation: Change from Learning to Growth*. London: Heinemann (Trad. it. Trasformazioni, Armando, Roma, 1973).
- . (1967). *Second Thoughts*. London: Heinemann (Trad. it. Analisi degli schizofrenici e metodo psicoanalitico, Armando, Roma, 1970).
- . (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock (Trad. it. Attenzione e interpretazione, Armando, Roma, 1973).
- . (1974). *Group and organization studies*. Colchester: Mark Peterson Ass. Inc. (Trad. It. Il cambiamento catastrofico, Loescher, Torino, 1981).
- . (1978). *Discussions with Bion*. Colchester: Mark Peterson Ass. Inc. (Trad. It. Discussioni con Bion, Loescher, Torino, 1984).
- BOWLBY, J. (1969, 1973, 1980). *Attachment and Loss* (vol. 1, 2, 3) New York: Basic Books (trad. it. Attaccamento e perdita, Boringhieri, Torino, 1972, 1975, 1983).
- . (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock (Trad. it. Costruzione e rottura dei legami affettivi, Raffaello Cortina, Milano, 1982).
- CAMAIONI, L. (1993). *Teorie della mente*. Bari: Laterza.
- EAGLE, M. (1984). *Recent Developments in Psychoanalysis. A Critical Evaluation*. New York: McGraw-Hill (Trad. It. La psicoanalisi contemporanea, Laterza, Bari, 1988).
- FREUD, S. (1882-95). *Studien über Hysterie*. S.E. vol. 2.
- . (1901). *Brüchstück einer Hysterie-Analyse*. S.E. vol. 7.
- . (1905). *Drei Abandlungen zur sexualtheorie*. S.E. vol. 7.
- . (1906). *Meine Ausichten über die Rolle der Sexualität in der Atiologie der Neurose*. S.E. vol. 7.
- . (1914). *Zur einfurhung der Narzissmus*. S.E. vol. 14.
- . (1915). *Metapsychologie*. S.E. vol. 14.
- . (1915). *Vorlesung zur Einfurung in die Psychoanlise*. S.E. vol. 16.
- GEDO, J.E.; GOLDBERG, A. (1973). *Models of the Mind. A Psychoanalytic Theory*. Chicago: University Chicago Press (trad. it. Modelli della mente, Astrolabio, Roma, 1975).
- GILLI, A., MARCHETTI, L. (1992). *Processi sociocognitivi*. Milano: Raffaello Cortina.

422 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





- KELLY, G.A. (1955). *The Psychology of Personal Construct*. New York: Norton.
- KLEIN, G. (1976). *Psychoanalytic Theory*. New York: International Universities Press (trad. it. Teoria Psicoanalítica, Milano: Raffaello Cortina, 1993).
- KOHUT, H. (1971). *The Analysis of the Self*. New York: International Universities Press (trad. it. Narcisismo e análise do Sè, Torino: Boringhieri, 1976).
- . (1977). *The Restoration of the Self*. New York: International Universities Press (trad. it. La guarigione do Sè, Torino: Boringhieri, 1980).
- IMBASCIATI, A. (1983). *Sviluppo psicossessuale e sviluppo cognitivo*. Roma: Il Pensiero Scientifico.
- . (1986). Psicoanálise e estudo dos processos cognitivos. *Italian J. Clinical Psychology*, 1:89-99.
- . (1987). Um modelo psicanalítico dos processos cognitivos. *Professione Psicologo*, 1: 21-33
- . (1989). Toward a psychoanalytic model of cognitive processes. *Internat Review Psychoan.* 2: 223-236.
- . (1990). *La donna e la bambina*, Milano: Angeli.
- . (1991). *Affetto e rappresentazione*, Milano: Angeli.
- . (1993). *L'oggetto e le sue vicissitudini*, Roma-Castrovillari: Teda.
- . (1994). *Fondamenti psicanalíticos della psicologia clinica*, Torino: UTET Libreria.
- IMBASCIATI, A., CALORIO, D. (1981). *Il Protomentale*, Torino: Boringhieri.
- LICHTENBERG, J.D. (1989). *Psychoanalysis and Motivation*. Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press Inc. (trad. it. Psicoanálise e sistemas motivacionais, Milano: Raffaello Cortina, 1995).
- MANCIA, M. (1980). *Neurofisiologia e vita mentale*. Bologna: Zanichelli.
- MANFREDI, P., IMBASCIATI A. (1997). La percepção acústica fetal, *Arch. Psicol. Psich. Neur.*, 1997, 2, 93-117.
- MODELL, A. (1975). The Ego and the Id: 50 years later. *Internat J. Psychoan.* 56, 57-68.
- . (1975). *Object Love and Reality*. New York: International Universities Press (trad. it. Amore oggettual e realidade, Torino: Boringhieri, 1975).
- MONEY KYRLE, R. (1955). An inconclusive contribution to the theory of Death Instinct. In Money Kyrle (1977). *The collected papers of Roger Money Kyrle*. Perth: Clunie Press (trad. it. Scritti 1927-1977, Torino: Loesche, 1984).
- . (1968). *Cognitive Development*. Ibidem
- MATURANA, H., VARELA, F. (1985). *Autopoiesis e cognizione*. Venezia: Marsilio.
- NEGRI, R. (1993). *Il neonato in terapia intensiva*. Milano: Raffaello Cortina.
- OGDEN, T.H. (1986). *The Matrix of the Mind*. Northvale, New Jersey: Jason Aronson.
- OLIVERIO, A. (1986). *Storia naturale della mente*. Torino: Bollati Boringhieri.
- PIONTELLI, A. (1987). Infant observation before birth. *Int. J. Psychoan.* 68:453-464
- PLUTCHIK, R. (1980). A General Psychoevolutionary Theory of Emotion. In Plutchik R., Kellermann M. (1980-1985). *Emotion: Theory, Research and Experience*, 4 vol.. New York: Academic Press.
- SCHAFFER, H.R. (1977). *Studies in mother-infant interaction*. New York: Academic Press.
- STERN, D. (1985). *The Interpersonal World of the Infant*. New York: Basic Books (trad. it. Il mundo interpersonal do bambino. Torino: Boringhieri, 1987).
- WATZLAWICK, P. Ed. (1986). *La realtà inventata*. Milano: Feltrinelli, 1988.

Tradução de **Kurt Jahn**
Revisão técnica de **Ruggero Levy**

Antonio Imbasciati
Via Celio, 2
20148 – Milano – Itália

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **424** é branca





Acting Out: Evolução do conceito e sua relação com a inveja

Gerson Isac Berlim*, Porto Alegre

O presente trabalho tem como objetivo estudar a evolução do conceito de acting out e examinar sua relação com a inveja. Esta relação se fundamenta no estudo da literatura psicanalítica e em observações clínicas que buscam vincular a participação de sentimentos invejosos no desenvolvimento do acting out, com função resistencial ao trabalho analítico. Inicia com uma revisão da obra de Freud e segue com a revisão de autores de diferentes escolas psicanalíticas até a atualidade. Num tópico à parte, destaca-se a revisão da obra de M. Klein e seus seguidores. Adiante aborda considerações acerca do desenvolvimento do conceito de inveja. Seguem-se vinhetas clínicas que visam exemplificar a relação da inveja com o acting out, cuja relação é destacada nos comentários finais.

* Membro Efetivo da SPPA.





Gerson Isac Berlim

I – Introdução

O presente trabalho tem como objetivo estudar a evolução do conceito de acting out e examinar sua relação com a inveja. Esta relação se fundamenta no estudo da literatura psicanalítica e em observações clínicas que buscam vincular a participação de sentimentos invejosos no desenvolvimento do acting out, com função resistencial ao trabalho analítico.

Mesmo sendo um dos conceitos centrais da prática clínica e aceito por todas as escolas psicanalíticas, o acting out tem sido motivo de divergências não somente quanto à sua conceituação, mas também quanto à sua compreensão e manejo.

Inicialmente, a literatura psicanalítica tendeu a enfatizar os aspectos resistentes, mas artigos posteriores têm visto o acting out também como uma maneira de lembrar e expressar conflitos, numa forma de desenvolvimento primitivo do pensamento.

O acting out é rico em informações, principalmente no que se refere às primitivas relações de objeto, que surgem com muita nitidez e, muitas vezes, com menores disfarces do que na livre associação e nos sonhos.

O trabalho inicia com uma revisão da obra de Freud; segue com a revisão de autores de diferentes escolas psicanalíticas que contribuíram para o tema, desde Freud até a atualidade. Num tópico à parte, destaca-se a revisão da obra de M. Klein e seus seguidores. Adiante aborda considerações acerca do desenvolvimento do conceito de inveja. Seguem-se vinhetas clínicas que visam exemplificar a relação da inveja com o acting out, cuja relação é destacada nos comentários finais.

II – Acting out na obra de S. Freud

Em *Fragmentos da análise de um caso de histeria* (Freud, 1905), encontramos a descrição do acting out (pela primeira vez “agieren”) como: “*Desse modo a transferência apanhou-me desprevenido e, devido ao que havia de desconhecido em mim que a fazia lembrar-se de Herr K., ela vingou-se em mim como desejara vingar-se dele, abandonando-me do mesmo modo como se sentira enganada e abandonada por ele. Assim ela atuou (‘agiert’) uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento*” (Freud, 1905, p.115). Aqui, ao passar a vincular as ações com os sentimentos transferenciais, Freud parece deixar claro o que passaria a ser o conceito de acting out. O seu desenvolvimento teórico e técnico surge em 1914.

Em *Recordar, repetir e elaborar*, lemos que “... podemos dizer que o paciente





não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava mostrar-se desafiante e crítico com respeito à autoridade de seus pais; em vez disso, comporta-se desta maneira para com o médico” (Freud, 1914, p.196). Chama a atenção, neste trabalho, que os termos atuação e repetição são usados como equivalentes. Em seguida, a relação acting out e resistência é assinalada: “Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação substituirá o recordar” (Freud, 1914, p.197). Mais adiante acrescenta a transferência ao acting out e à resistência: “Mas, se à medida que na análise a transferência se torna hostil ou excessivamente intensa e, portanto, precisando de repressão, o recordar imediatamente abre caminho à atuação” (Freud, 1914, p.198).

Verifica-se, desta forma, que o acting out constitui uma forma de expressão da transferência e que se mantém ligado a ela tanto em sua origem, quanto em suas manifestações. É importante salientar que, ao distinguir entre o acting out que ocorre dentro da sessão e o que se desenvolve fora, Freud não vê diferença, pois ambas se originam na situação terapêutica, e a ação repetitiva toma como objeto a pessoa do analista. Percebe-se que Freud tinha o conceito de transferência como sendo fundamentalmente uma repetição do passado: “... a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido...” (Freud, 1914, p.197).

Ainda tentando definir o acting out, Freud faz uma pergunta: “o que é que ele de fato repete ou atua? A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter” (Freud, 1914, p.198).

Em *Além do princípio do prazer*, ele acrescenta e fica explícito que o acting out é uma repetição inevitável e vincula os conteúdos atuais com a sexualidade edípica infantil: “o paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado. Estas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo e de seus derivativos, e são invariavelmente atuados na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico... O médico empenha-se por manter essa neurose de transferência dentro dos limites mais restritos; forçar tanto quanto possível o canal da memória e permitir que surja como repetição o





Gerson Isac Berlim

mínimo possível” (Freud, 1920, p.31).

Freud praticamente não muda de posição até o fim de sua obra, o que se pode constatar no *Esboço de psicanálise*: “*Achamos muito indesejável que o paciente atue fora da transferência, em vez de recordar. A conduta ideal para os nossos fins seria que ele se comportasse tão normalmente quanto possível fora do tratamento e expressasse suas reações anormais somente na transferência*” (Freud, 1940, p.204). Ainda aqui fica bem clara a relação do acting out com o processo psicanalítico e ele acrescenta: “*Outra vantagem ainda da transferência é que, nela, o paciente produz perante nós, com clareza plástica, uma parte importante da história de sua vida, da qual, de outra maneira, ter-nos-ia provavelmente fornecido apenas um relato insuficiente. Ele a representa* diante de nós, por assim dizer, em vez de apenas nos contar*” (Freud, 1940, p.203).

Em função de sua manifestação de 1940, pode-se entender que o acting out “indesejável” se referiria exclusivamente a condutas desenvolvidas fora do setting, mas em estreita relação com o processo analítico e que isto seria, em parte, contraditório com o que disse em 1914 (o acting out é o mesmo tanto dentro quanto fora da sessão).

Para Freud, portanto, o acting out não é diferenciado, em forma essencial, da transferência, mas, sim, constitui uma forma particular de expressão da transferência e está ligado a ela tanto na sua origem quanto nas suas manifestações. A transferência é fundamentalmente uma repetição do passado. A repetição pode-se dar quando o paciente reexperimenta impulsos, desejos e fantasias passadas tomando como objeto a pessoa do analista, ou quando a repetição vai além da reexperiência e toma a forma de tentativa de realização concreta através da ação. Gioia (1974) entende que esta última constitui, para Freud, a característica do acting out e se vincula com condições que determinam uma intensificação dos sentimentos transferenciais. Em função do que se viu, entendo que tanto o reviver os afetos quanto o acting out têm origem na compulsão à repetição, e ambos constituem variantes da transferência. O conceito de acting out, portanto, fica incluído no conceito de transferência como sendo uma repetição, e que se manifesta em ações.

Além da relação entre acting out, transferência e repetição, é conveniente considerar a relação com o recordar que, mesmo estando claro, tem vertentes que podem ser consideradas antagônicas:

a) acting out como forma de não recordar: “... *o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o ... sem, naturalmente, saber que o está repetindo*” (Freud, 1914,p.196);

* O grifo é meu para chamar a atenção de que o tradutor utiliza aqui *representa* em lugar de *atua*.





b) acting out como modo de recordar: “... *não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é sua maneira de recordar*” (Freud, 1914, p.197).

Estas duas formas de relação entre o acting out e o recordar permitem dois modos de entender a substituição do recordar pela ação. Aí reside o que parece ser a semente da compreensão do acting out, não somente como resistência, mas também como comunicação de vivências primitivas. Na primeira, o acting out como modo de não recordar, vinculado ao princípio do prazer onde o paciente repete, tentando evitar uma lembrança desprazerosa e/ou tentando obter uma gratificação de seus desejos eróticos ou hostis. Na segunda, a ação não substitui a recordação, ela própria constitui o recordar, pois implica num material que não pode ser recordado porque nunca chegou a ser consciente, e que seria constituído por acontecimentos reais ou fantasiados, sentimentos, etc., de períodos infantis muito primitivos, que não fazem parte do pensamento verbal e, portanto, não podem ser recordados verbalmente, a não ser por meio da ação (Gioia, 1974).

Tendo sido vista até este momento a correlação do acting out com a transferência, com a repetição e com o recordar, faz-se necessário relacioná-lo com a resistência.

Para Freud, a transferência é também uma resistência e, se o acting out é uma forma de transferência, pode-se concluir que o acting out é também uma forma de resistência.

Freud entende a resistência como uma manifestação, na situação terapêutica, das forças de defesa contra a recordação. Assim, o acting out é uma forma que toma a resistência transferencial que se expressa através da ação, como maneira de evitar defensivamente o recordar. Para Freud, portanto, o acting out não é uma resistência contra a tarefa analítica em si, mas, sim, uma forma analisável da resistência transferencial em geral, que faz parte da tarefa analítica.

Freud sempre salientou os riscos que tinha, para o tratamento analítico, esta forma resistencial – acting out – mas também não engrandeceu um poder ou malignidade especial diferente de outras resistências transferenciais. Ele nos passa, inclusive, uma mensagem otimista quando fala do manejo adequado da transferência para transformar a compulsão de repetição num motivo para a recordação e diz ainda: “*Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido. Admitimo-la à transferência como a um playground no qual lhe é permitido expandir-se em liberdade quase completa... Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise ...*” (Freud, 1914, p.201).

Entende-se, portanto, que a motivação do acting out não difere de qualquer





Gerson Isac Berlim

outra manobra defensiva, pois, para Freud (1914), tinha a finalidade de evitar a frustração e o desprazer, isto é, evitar sentir a dor psíquica revivida na relação analítica. Na sua idéia, apesar de a finalidade do acting out ser defensiva, observa-se que possa aparecer como um fenômeno de ataque.

É interessante salientar que a mudança do modelo topográfico (vigente ainda em 1914) para o estrutural, poucos anos após (1923), implica em alguma mudança no entendimento do acting out. No modelo topográfico do funcionamento mental, as lembranças e pensamentos estão reprimidos e retornam através da ação (“a repetição é a forma que o paciente tem de recordar”); Freud (1914) trabalhava com o conceito de repressão como um esquecimento. Após, passou a considerar que os desejos inconscientes e não as lembranças são as forças motivadoras e que a repressão consiste em uma exclusão ativa da consciência desses desejos.

Parece-me importante observar que Freud não estabeleceu uma distinção muito clara entre acting out e transferência, e suponho que ele, tampouco, considerou que esses termos necessitassem de uma diferenciação precisa. Em 1914, estava preocupado com o andamento de uma análise, evitando que os analistas deixassem de tratar um acting out que ameaçasse a segurança do paciente ou a viabilidade do tratamento, como ele próprio experimentara com Dora. Para ele, como vimos, toda transferência é repetição e, na definição de 1914, todo acting out é transferência. Considerando que, essencialmente, as idéias de Freud sobre acting out não se modificaram desde então, transferência e acting out se restringiam à situação analítica.

Até o final de sua obra Freud manteve a idéia da estreita relação do acting out com a transferência (neurose transferencial) que sempre considerou partes integrantes da situação analítica, o que deixou bem claro em 1940 (*Esboço de psicanálise*). Apesar disto, em 1939 em *Moisés e o monoteísmo*, afirmou que o povo judeu repetiu o parricídio primitivo na pessoa de Moisés (“Tratou-se de um caso de atuação ao invés de recordação, como sucede tão amiúde com os neuróticos durante o trabalho de análise”, p.109).

III – Evolução do conceito de acting out posterior a Freud

Anna Freud (1936), em *O ego e os mecanismos de defesa*, desenvolveu o conceito de transferência e distinguiu três tipos de fenômenos transferenciais: transferência do impulso libidinoso, transferência da defesa e atuação na transferência. Para ela, ao intensificar-se a transferência, o paciente deixa de respeitar as regras do tratamento analítico e passa a atuar os impulsos instintivos e as reações defensivas englobadas em seus afetos transferidos. Isto é a atuação na transferência.





Ela ainda localizou o acting out na transferência dentro do contexto da relação entre o funcionamento do ego e os impulsos do id e do superego e sustentou que os impulsos ou desejos instintivos e as defesas contra eles se expressam através da ação.

A. Freud (1968) chamou a atenção sobre o conceito de acting out em uma mudança teórica. Disse que, na visão inicial, a proporção entre a recuperação do passado via associação livre e interpretação de sonho (por exemplo, recordar) e a recuperação do passado via comportamento transferencial (por exemplo, reviver, repetir e acting out) era praticamente a mesma; a última precedia a anterior em fases de resistência. Este equilíbrio técnico foi alterado decisivamente, seguindo certas mudanças posteriores na teoria.

Entre essas mudanças sobressai o afastamento do interesse e da exploração analítica da fase edípica fálica (como causa precipitante do conflito neurótico) para os acontecimentos pré-edípicos e, notadamente, para as primeiras interações mãe-bebê com suas implicações orais e repercussões no início do desenvolvimento da personalidade. Penso que esta mudança da origem do acting out para fases primitivas, como ela salientou, levaram a alterações fundamentais que atingiram a compreensão e o manejo do acting out.

Segundo A. Freud, o “passado esquecido”, especialmente o que se refere ao período pré-verbal, nunca entrou na organização do ego, no seu sentido restrito. Está sob repressão primária e não secundária e, portanto, não é recuperável através da memória, só podendo ser revivido (repetido, atuado no comportamento).

Depreendo que, para A. Freud, em síntese, a grande mudança é que o recordar não tem o mesmo peso que tinha na conceituação original de Freud. Agora, o reviver da experiência emocional e o repetir (acting out) na transferência têm a primazia na situação analítica.

O. Fenichel (1945) tentou definir o acting out dizendo que “*alivia inconscientemente a tensão interna e produz uma descarga parcial dos impulsos rechaçados. A situação propicia a oportunidade de descarga de energias reprimidas, a catexia se desloca das lembranças reprimidas para o derivado presente, e este deslocamento permite a descarga*” (p. 296).

Falou ainda das fixações orais e das reações violentas às frustrações, do não levar em conta quem é a pessoa que constitui a fonte da provisão necessária. Os objetos ainda não são pessoas, mas tão somente fontes de provisão e, portanto, intercambiáveis. Para ele, este tipo oral de regular a auto-estima constitui a base que predispõe à depressão e à maioria dos atos impulsivos e tem a finalidade de aliviar ou evitar as depressões. Por fim ele concluiu que “*se pode formular pré-condições para o acting out: a) disposição aloplástica (talvez de natureza constitucional); b) fixações na oralidade, intensa necessidade narcisística e intolerância às tensões; c) trau-*





Gerson Isac Berlim

mas primitivos” (Fenichel, 1945, p.300-301).

Phyllis Greenacre (1950) concorda com os fatores que criam uma predisposição, formulados por O. Fenichel (1945), e acrescenta que a situação genética comum e a concomitante tendência geral do acting out consistem em uma deformação da relação da ação com o pensamento verbalizado, que surge, com muita frequência, de severas perturbações no segundo ano de vida.

Considera que pacientes com acting out grave apresentam perturbações no uso da linguagem, em sua comunicação. O emprego da magia, um marcante exibicionismo, um desenvolvimento defeituoso do sentido de realidade são transtornos que estão relacionados com o desequilíbrio entre a verbalização e a atividade motora.

Também, para ela, a oralidade assume grande importância. A criança, frustrada oralmente, expressa sua angústia através de uma motilidade difusa incrementada. Em pacientes com acting out habitual está presente uma oralidade incrementada, uma menor tolerância à frustração e um narcisismo exagerado; a linguagem foi inibida, demorada ou perturbada; progrediu bem na deambulação, que assumiu o peso da necessidade de comunicação, devido às maiores tensões e pressões do período da educação dos hábitos higiênicos. Entre os fenômenos narcisistas, sobressaem a incapacidade de distinguir os objetivos reais dos da fantasia e uma tácita confiança na magia.

É importante salientar, neste momento, que tanto Fenichel quanto Greenacre vinculam o acting out às vivências primitivas do indivíduo, onde a frustração teria um papel preponderante. Mesmo que estes autores não reforcem a importância da relação transferencial como central na existência do acting out, fica compreensível que a frustração vivida com o analista deveria ser marcante para que se desencadeasse um acting out.

Em 1955, W. Silverberg salientou o que parece ser um aspecto da maior importância: o acting out é uma visível e dramatizada manifestação da transferência. Como uma transferência, ele implica na existência de uma memória ou, ainda, de uma experiência traumática de memória não verbalizada e está ainda implícito nos esforços persistentemente repetidos, para retificar o desamparo da experiência traumática original.

M. Kanzer (1957) considera que a necessidade regressiva de posse imediata do objeto é, provavelmente, mais primária do que a atividade motora que serve para aliviar a ansiedade de castração e recuperar, num nível mais primitivo, o sentido primitivo de domínio, resultante da posse do seio. Neste sentido, o acting out tem, para Kanzer, uma função restitutiva ao negar as limitações frustrantes da realidade, ao declarar que o objeto e o self são um e o mesmo e ao provar a sua realidade por uma repetida afirmação através da ação.





E. Jacobson (1957) salientou que o acting out parece ser regularmente vinculado a uma tendência à negação. Para ela, a resistência contra o recordar, efetuada pelo acting out, constitui uma forma de negação. Esta negação persistente segue lado a lado com a distorção da realidade criada de maneira convincente pelo paciente. A função acting out é negar através da ação; a magia da ação e do gesto aparecem com grande clareza. Falou ainda da necessidade de negar seu desamparo através da ação, para afirmar, exagerando, sua independência da mãe ativa arcaica, negando sua dependência da realidade.

L. Bellak (1965) fez um apanhado de idéias que julgo serem abrangentes e significativas ao definir o acting out, com muita propriedade, segundo diferentes aspectos: genéticos, dinâmicos, estruturais, econômicos e topográficos.

a) *aspectos genéticos*: fixações orais e experiências traumáticas; dificuldades no segundo ano de vida com interferência no desenvolvimento da fala e uma motilidade compensatória como substituto para a comunicação verbal; sensibilização verbal que leva ao exibicionismo e à escopofilia, tendência à dramatização e crença na magia da ação; identificação múltipla associada com falta de síntese do núcleo do ego; baixa tolerância à frustração, freqüentemente associada à interferência no desenvolvimento – superindulgente, disciplina insuficiente, relação inconsciente, exigência em relação aos impulsos sexuais e agressivos; superestimulação em quase todas as zonas e sentidos, iniciados com uma mãe com hipermotilidade durante os embalos e cuidados maternos e continuados com uma freqüente exposição e estimulação agressiva e sexual.

b) *aspectos dinâmicos*: vão desde o sentido de que o acting out permite que experiências passadas dominem a percepção de estímulos contemporâneos, passando pela visão de que o acting out teria função catártica e abreativa, onde o paciente descarrega a raiva e reduz a tensão, chegando à função defensiva que é egossintônica, onde se observam a negação e a repressão.

c) *aspectos estruturais*: a falta de fusão do núcleo do ego é mencionada como um genético ponto de sustentação; a deficiência na função sintética do ego parece ser crucial; outras funções do ego estão envolvidas no pobre controle impulsivo, baixa tolerância à frustração e pobre teste de realidade; observa-se uma inabilidade para manter uma constância objetal ou um razoável grau de sublimação e neutralização; salienta um defeito na lógica, implícita no funcionamento do processo secundário.

d) *aspectos econômicos*: em função do papel geral do narcisismo no acting out, conclui que a ação é superinvestida e tem conotação mágica. Junto com o superinvestimento narcísico de certas funções do ego, incluindo ação e motilidade, há também um superinvestimento narcísico do self.

e) *aspectos topográficos*: o acting out é largamente inconsciente, há uma com-





Gerson Isac Berlim

binação de negação pré-consciente e repressão inconsciente.

J. Kestenberg (1968) disse que “há um período de desenvolvimento normal na fase pré-edípica onde a tensão experimentada pela criança é tamanha que ela é incapaz de suportar, sem que tenha a mãe ou um objeto acessório como um ego auxiliar. O esforço da criança, nesta fase, para incluir o objeto descrito como ‘perda’ é realmente um esforço para negar a tensão intolerável, tentando criar um sentimento de unidade com o objeto. É o uso do objeto para estabelecer um equilíbrio narcisístico. A ação da criança revive, na fantasia, a relação com o objeto infantil ‘perdido’. Quando os impulsos conflitivos são externalizados e a realidade externa usada para compensar perdas de relações e sentimentos passados, encontramos o protótipo do acting out” (p.341-342). Para Kestenberg, transferencialmente, o paciente tenta que o analista tenha o papel da mãe, da fase pré-genital, protetora da tensão intolerável e veículo para descarga de tensão.

Esta visão de Kestenberg é bastante peculiar, pois destaca que, para ela, o paciente, através do acting out, tenta recuperar ou manter com o analista uma relação vivida primitivamente. O paciente tende a negar a frustração da relação analítica e a buscar a “atuação” do analista, satisfazendo seus desejos. O seu entendimento encaminha, pelo menos em parte, o acting out para a compreensão distinta das usuais que vêm o acting out como uma resistência, um ataque, uma negação da necessidade do analista.

L. Rangell (1968) definiu o acting out como “uma resposta individualizada da resistência em qualquer fase da análise, baseada na ansiedade ocasionada pelos esforços mais recentes para alcançar um insight efetivo satisfatório, através da liberação do conteúdo mental previamente reprimido” (p.196). Para ele, o acting out não ocorre sob condições de resistência, mas é ele próprio uma forma de resistência. No acting out, o ego usa a ação como uma resistência contra a continuação do processo analítico, para evitar a emergência do reprimido. Um comportamento só pode ser chamado de acting out quando for para defender as repressões contra a incursão do processo terapêutico. Rangell também concluiu que, a longo prazo, o acting out pode levar a um insight terapêutico eficiente.

A. Limentani (1969) referiu-se ao acting out como sendo expressão da fantasia do paciente. A motivação é inconsciente, prevalecem os objetos parciais e os processos mentais são mais primitivos (tal como a identificação projetiva). Constitui um meio para aliviar uma tensão intolerável, aponta uma maneira nova de resolver os conflitos internos e a ansiedade, e nele estão presentes os processos de dissociação, negação e deficiente sentido da realidade. É uma forma de comunicação concisa, secreta e evasiva; uma expressão inócua de avidez; exhibe, às vezes, todas as qualidades da sedução sexual. Os pacientes que habitualmente apresentam acting out, man-





têm relações promíscuas, têm acidentes e reagem com raiva sempre que enfrentem situações que despertem sua inveja, ciúme ou rivalidade.

R. Greenson (1969), ao comentar o trabalho de Limentani (1969), afirmou que o acting out é similar a um sonho e que constituía um tipo de sonambulismo, um sonho em forma de pantomima. Para ele, o acting out oferece ao paciente a oportunidade não só de repetir seu passado, mas também de modificá-lo. É uma nova oportunidade para pôr fim a uma experiência penosa, um intento de falsificar o passado. O acting out pode ser entendido como um pedido de ajuda ao analista e, também, como um sinal de esperança. É importante salientar que, para ele, a única ocasião em que as formas de reviver não servem aos fins de resistência é quando os pacientes repetem alguma experiência pré-verbal. Esta sua afirmação é significativa porque reforça a diferença entre acting out de resistência e acting out de comunicação.

P. Bloss (1978) entendeu que o acting out poderia constituir também uma maneira de dominar ativamente o que se experimentou em forma passiva, em uma idade mais primitiva. Para ele, sempre que o acting out estiver em evidência, presume-se que um mecanismo organizado esteja em operação e não meramente uma descarga de necessidades instintivas. O acting out representaria a repetição da relação com um objeto primitivo e seu modo gratificante através do deslocamento, ou a ativação da fantasia e sua articulação no meio ambiente, onde o acting out aparece como um equivalente auto-erótico.

Para E. Gaddini (1982), “o acting out se passa antes da ação, da atividade e do pensamento”, e aí ele parafraseia a citação de Goethe feita por Freud em 1913, em *Totem e tabu* – “*Im angang war die tat*” (“No início era a ação”), dizendo: “No princípio era o acting out” (p.57). A seu ver, o acting out tende a remover da mente o que não pode ser contido ou elaborado. O acting out, ao trabalhar como uma defesa contra o desenvolvimento (e contra o processo psicanalítico), tende a eliminar as tensões e não a regulá-las; tende a manter um estado de não integração, neutralizando o processo de integração; tende a impedir o reconhecimento objetivo de si próprio e da separação; tende a anular o reconhecimento tanto da própria autonomia quanto da real dependência. O acting out exclui a realidade e é mágico e onipotente. Gaddini pensou que, se o acting out for tomado como forma de funcionamento, pode ser definido como representante de uma organização mental primitiva que tende, acima de tudo, a manter-se imutável. As necessidades estão destinadas a este propósito, portanto elas são prioritárias e imperiosas, sem consideração alguma com a realidade. Ele é usualmente empregado no serviço das necessidades e muito pouco no serviço dos desejos. Ao afirmar que o acting out visa o alívio das tensões e é uma forma de descarga, pode-se concluir que, para ele, o acting out caracteriza-se por ter uma função resistencial.





Gerson Isac Berlim

Boeski (1982) foi muito convincente ao sugerir que a psicanálise não aconteceria sem o acting out, da mesma forma que não aconteceria sem a transferência. Para ele, o acting out serve, como a transferência em geral, tanto como resistência quanto como comunicação e chega a dizer que acting out e neurose de transferência são inseparáveis. Também critica as revisões que só vêem o conceito de acting out como uma resistência contra a conscientização da transferência (ao invés de também ir contra o recordar), baseando-se no fato de que esta resistência é, em si mesma, uma manifestação posterior da neurose transferencial.

R. Erard (1983) destaca um aspecto fundamental na conceituação do acting out, ao dizer que uma conduta resistente em análise pode ser uma forma de repetição, e que seria melhor entender o acting out como um tipo específico de resistência à transferência, cuja função é a de tentar impedir que se estabeleça, ou se mantenha, uma neurose transferencial. Para ele, a expressão acting out deveria ser empregada na presença de uma conduta que ameaçasse a relação profissional, a saúde ou a segurança do analista ou do paciente, ou a relação existente no tratamento, ou ainda, quando fosse empregado como defesa contra os afetos e fantasias concomitantes ao desenvolvimento da neurose transferencial.

IV – O acting out: contribuição kleiniana

M. Klein (1932) comentou que “... o menino, ao obedecer suas fantasias sádicas, não só está atuando sob uma intensa pressão de ansiedade, senão que o domínio da ansiedade se transformou em seu maior prazer” (p.294). Em 1952, ela foi mais adiante dizendo que “O paciente tem que lidar com conflitos e ansiedades reexperimentados com o analista mediante os mesmos métodos que empregou no passado. Isto é, se afasta do analista assim como se afastou dos seus objetos primários; procura cindir sua relação com ele, conservando-o como uma figura boa ou má; desvia certos sentimentos e atitudes experimentados com o analista para outras pessoas de sua vida habitual, o que constitui uma parte do acting out” (p.437).

No parágrafo acima ao falar em ser “uma parte do acting out”, pode-se supor que já tivesse em mente outras idéias a acrescentar. Em 1957 ela de fato o faz ao dizer que “no meu conceito, a atuação, na medida que é empregada para evitar a integração, torna-se uma defesa contra as ansiedades despertadas pela aceitação da parte invejosa do eu” (p.105).

W. R. Bion (1956) referiu-se à tendência de pacientes severamente perturbados de substituírem o pensamento verbal pela ação. Assinalou que o desenvolvimento da capacidade para o pensamento verbal estaria intimamente conectado com a





chegada da posição depressiva. Como consequência, isto levaria a um aumento da dor psíquica e o indivíduo trataria de anular o que sente como sua causa fundamental, sua capacidade para o pensamento verbal. Entendo que, com estas afirmações, Bion estava dando continuidade às idéias de Klein sobre o acting out como defesa contra a ansiedade.

Bion (1962) salientou ainda, a importância que tem o acting out como meio para expressão e atualização das experiências e fantasias pré-verbais orais primitivas. Para ele, a “função alfa” é a que permite aproveitar as experiências sensoriais e emocionais transformando-as em “elementos alfa”, onde se armazenam pensamentos oníricos e de vigília, recordações, etc. Ao fracassar a “função alfa”, as experiências se convertem em “elementos beta”, que servem só para serem evacuados através da identificação projetiva e produção de acting out.

Mais adiante, Bion (1965) disse que, para certos pacientes, as ações dizem mais que as palavras, sendo a rivalidade um traço marcante na relação. Estes pacientes visam mostrar ao analista que suas ações são superiores à técnica analítica. Esta atitude ele considerou um “acting out de rivalidade”, são pacientes que usam seus sentidos como órgãos de evacuação, que geram um mundo próprio e que se sentem completamente independentes de todos.

Entende-se que, para Bion, o acting out, além de defesa contra a ansiedade, tem a finalidade de descarga, onde o paciente utilizar-se-ia desta forma de ação como uma tentativa de se aliviar dos angustiantes sentimentos em conflito, despejando-os no analista. Pode-se entender também que, no acting out de rivalidade, se encontra a tentativa de desfazer as capacidades do analista, negando assim, o intolerável sentimento de inveja.

H. Rosenfeld (1964) propôs uma divisão em acting out parcial e excessivo, em função da intensidade da resistência do paciente. O acting out tem relação direta com o afastamento do objeto primitivo, que se repete agora na relação transferencial, mas depende fundamentalmente do grau de hostilidade com que se afastou do objeto primitivo (seio). Esta maior ou menor hostilidade é decisiva para que o acting out venha a ser parcial ou excessivo. No desenvolvimento primitivo, quando a hostilidade e a ansiedade paranóide não são excessivas, quando a dissociação entre objeto bom e mau não é demasiado rígida, diminui o temor de perder o objeto amado, há uma introjeção mais firme e torna-se possível tolerar a frustração. O paciente pode se afastar do objeto primário para o secundário sem odiar demasiadamente o primário. Assim é quando um paciente, cheio de hostilidade para com o analista, atua voltando-se ao mundo externo em busca de objetos bons sem, no entanto, deixar de manter uma relação boa com o terapeuta e seguir cooperando com a análise. Pode-se, então, elaborar a transferência negativa sem um acting out nefasto. Porém se, no desenvol-





Gerson Isac Berlim

vimento da análise, sente hostilidade e ansiedades paranóides excessivas ante o objeto primário, há uma fixação na posição esquizoparanóide. Será difícil elaborar a posição depressiva e terá uma maior intolerância às frustrações. O paciente tende a realizar um acting out excessivo.

Para L. Grinberg (1968) a origem do acting out reside nas experiências primitivas de separação e perda; a partir daí, a criança busca um alívio da dor psíquica através da projeção num objeto capaz de contê-la e devolvê-la atenuada. Na análise, o paciente “evacua” seus sentimentos intoleráveis no analista, principalmente sua ansiedade e dor frente à separação. A ausência do analista incrementa a perseguição e os afetos dolorosos e, por isto, as separações na análise propiciam, muitas vezes, episódios de acting out, isto é, o paciente busca um objeto substituto para descarregar seus sentimentos. Na essência do acting out encontra-se o paciente que, ao não tolerar o aumento da tensão, “evacua” nos objetos externos através da identificação projetiva. Para ele, “*o acting out é como se fosse um sonho dramatizado e atuado durante a vigília: um sonho que não pôde ser sonhado*” (p.707).

Observa-se que Grinberg, ao falar dos fenômenos evacuatórios, em essência, não difere da idéia de Bion de que o paciente busca se aliviar das tensões através do acting out. Também fica evidente que, para ele, o acting out tem um caráter defensivo.

Etchegoyen (1987-a) diz que “*ninguém tratou de entender o acting out a partir da teoria da inveja primária e que acredita que, ao ser feito, será possível compreender melhor as relações do acting out com os estados confusionais, com a transferência negativa e com as dificuldades inegáveis que o desenvolvimento do processo analítico propõe*” (p. 429).

V – Algumas considerações sobre o conceito de inveja

Com o propósito de examinar a relação entre acting out e inveja, julgo necessário revisar brevemente o conceito de inveja e as principais defesas contra ela.

Freud manteve, dentro de sua obra, a hipótese de que a inveja fálica era o centro da sexualidade feminina e a força primária do desenvolvimento e, portanto, o complexo de Édipo nas mulheres seria um fator secundário. Ainda, para ele, não existe uma força análoga, nos homens, à inveja do pênis nas mulheres.

Contemporaneamente pode-se visualizar a inveja do pênis não só como inveja do objeto concreto – pênis – mas sim, de forma mais ampla, como inveja do falo, visto como símbolo de poder, criatividade e conhecimento, estando a inveja, assim, presente tanto nos homens quanto nas mulheres.

438 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





K. Abraham, já em 1919, falou da participação do sentimento de inveja na formação de resistências narcisísticas contra o tratamento psicanalítico. Em 1920, destacou que a inveja se compõe de um sentimento de hostilidade contra a pessoa que possui algo que lhe falta, e do impulso de privá-la do que possui.

M. J. Eisler (1921) e K. Abraham (1921, 1924) vincularam a inveja a impulsos destrutivos, em relação à etapa oral do desenvolvimento. Não falaram que o objeto da inveja era o seio, mas se entende que a relação é com o seio que amamenta o irmão, e não o que amamenta o próprio indivíduo.

Para J. Rivière (1932), os ciúmes podem servir como substitutos egossintônicos da inveja, a qual tem raiz na relação da criança com o seio. Ela considera os ciúmes patológicos como uma defesa contra a inveja oral, inconsciente, dos pais em coito. Ainda, neste trabalho, relata o caso de uma paciente em que o impulso de apoderar-se de determinadas coisas aparecia como um desejo veemente e específico de possuí-las, mas tinha, como última finalidade, privar delas aquele que as possuía; seu prazer consistia em tirar do outro algo que aquele valorizava e necessitava; tirar o seu bem e o seu gozo; para Rivière, a fantasia de roubo era expressão da inveja da paciente ao objeto que, em última instância, representava o seio da mãe na transferência.

É importante salientar a evolução do conceito de inveja presente neste trabalho de Rivière, onde estaria a raiz da evolução do pensamento kleiniano quanto ao seu entendimento.

M. Klein (1957) considerou que a inveja primária era sentida contra o seio e que provém do indivíduo (constitucional) e não é reativa (é endógena), não nascendo, portanto, da frustração. “*Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, a operar desde o começo da vida e que possui base constitucional*” (p. 23). Ela ainda considera que a inveja é “... o sentimento irado de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável – sendo o impulso invejoso tirá-lo dela ou expoliá-la” (p.33).

Seguindo seu pensamento, entende-se que, para que haja inveja, tem que haver admiração ao objeto e reconhecimento de seu valor, isto é, tem que haver um vínculo para poder depois negá-lo ou aceitá-lo. A inveja tem a finalidade de atacar o que o outro tem de valor, inclusive a capacidade de doação. Ela pode gerar frustração na medida em que impede o indivíduo de receber o que está disponível.

Segal (1964) diz que Klein supõe que a inveja está presente desde o nascimento porque, para ela, desde o início da vida, alguma forma de diferenciação self/objeto está presente: “*A inveja surge assim que a criancinha se dá conta do seio como uma fonte de vida e de boa experiência; a gratificação real que ela experimenta ao seio, reforçada pela idealização, tão poderosa no início da infância, fá-la sentir que o*





Gerson Isac Berlim

seio é a fonte de todos os confortos físicos e mentais, um reservatório inesgotável de alimento e calor, amor, compreensão e saber. A experiência beatífica de satisfação que esse objeto maravilhoso pode dar aumentará seu amor e seu desejo de possuí-lo, preservá-lo e protegê-lo, mas a mesma experiência também desperta nele o desejo de ser ele mesmo a fonte de tal perfeição; experimenta sentimentos dolorosos de inveja que acarretam o desejo de estragar as qualidades do objeto que tão dolorosos sentimentos lhe pode dar” (p. 31-32). “Quando a criancinha se sente cheia de angústia e maldade e vê o seio como a fonte de toda a bondade, deseja em sua inveja estragar o seio, projetando dentro dele partes más e estragadoras de si mesma; assim, em fantasia, ataca o seio, cuspidando, urinando, defecando, soltando ventos e pelo olhar projetivo e penetrante (o mau olhado)” (p. 32). “A inveja forte, em relação ao objeto primário, faz surgir tão aguda dor e desesperança, que contra ela se mobilizam poderosas defesas. Estragar o objeto, alvo da inveja, é, em parte, uma defesa contra ela, pois um objeto estragado não suscita inveja” (p.36).

Bion (1962) foi muito esclarecedor ao falar do bebê congenitamente perturbado, que responde com uma inveja diretamente proporcional à “rêverie” da mãe. Etchegoyen (1987-b) entende, em relação a esta idéia de Bion, que se pode então pensar que uma mãe com menos “rêverie” pudesse ser melhor para este bebê. Este bebê se sente perturbado pelos bons cuidados e está reagindo a uma dificuldade que lhe é própria e que não provém da mãe. Mesmo diante de uma mãe com menos “rêverie”, a inveja seguiria existindo, porém não se expressaria, e nem os riscos resultantes estariam presentes. Pode-se concluir que nem uma mãe sem “rêverie”, nem um analista carente de técnica vai ter que lutar com a inveja; quanto melhor trabalhar, mais arriscada e difícil será a análise. Para Bion (1965) o elemento essencial na inveja é o ódio da diferença entre o sujeito e o objeto, e que o objetivo da inveja é reduzir esta diferença pela destruição do que o objeto possui. Estas observações de Bion são fundamentais para o entendimento de atuações que ameaçam, ou até mesmo interrompem o andamento do processo analítico.

H. Segal (1979) refere-se a Freud (1915) que afirmou ser o ódio ao objeto mais antigo que o amor e que, quando a criança se dá conta que a fonte da vida está fora, reage com raiva narcisista. Segal pensa que esta reação da criança pode ser vista como inveja. Ela entende que a inveja, para Freud, aparece mais tarde, na etapa anal, enquanto que, para Klein, a inveja, não menos que a relação de objeto, existe desde o começo da vida. Ainda Segal, citada por Spillius (1991), disse que “a inveja e o narcisismo podem ser considerados como faces da mesma moeda” (p.553).

J. Steiner (1985) chamou de “organizações patológicas” as defesas altamente organizadas, dirigidas contra a conscientização do indivíduo de ser verdadeiramente dependente de uma outra pessoa. Pode-se supor que estas defesas se expressem fren-





te à inveja das qualidades do objeto que o levam a depender dele. Spillius (1993) diz que as defesas contra a inveja são múltiplas, que se reforçam mutuamente, formando, assim, as “organizações patológicas”.

Spillius (1991) disse, apropriadamente, que “*Embora a inveja seja uma emoção tão comum, é muito dolorosa, e a maior parte das pessoas fará qualquer coisa para evitar tomar conhecimento dela e, em particular, para evitar sentir-se plenamente responsável por ela*” (p.552). Entendo que uma forma de tentar se livrar deste sentimento invejoso intolerável é através do acting out.

VI – Vinhetas Clínicas

Neste tópico são relatadas duas vinhetas clínicas com a finalidade de ilustrar a utilidade da compreensão dos sentimentos invejosos revividos pelos pacientes no processo analítico, para entender as atuações que se desenvolvem como reação a tais sentimentos.

Vinheta clínica nº 1

Marcelo tem 38 anos, é casado e advogado. Ele diz que o pai era prepotente, superpotente (“*passou toda a vida indo a cabarés*”), preocupado com a família, mas muito agressivo, e a mãe sempre foi vista como uma fraca, desvalorizada, que vivia ao redor dos filhos. Apesar de criticar muito o pai, sempre quis ser a sua imagem (“*sempre quis ser grandão como ele, nunca consegui*”). O paciente apresenta traços impulsivos que lembram os aspectos mais criticados no pai. Durante a análise, apareceu uma acentuada tendência ao acting out que se caracterizou como um esforço para desfazer do trabalho analítico. Repetidamente verbalizava que o analista certamente não conseguiria aproveitar uma boa farra, ter outras mulheres. Defendia-se vigorosamente das interpretações transferenciais, mas, quando chegava a ser atingido por uma delas, apareciam associações onde ficava evidente o desejo de ser como imaginava que o analista era; alguém feliz na vida; que não era agressivo; que devia se dar muito bem com a mulher, com os filhos e amigos. Ser assim, para ele, era difícil, pois não suportava manter-se por muito tempo mais próximo, vinha sempre o impulso de rechaçar a relação, com a racionalização de que iria acabar em sofrimento. Este paciente, ao tomar conhecimento das atividades docentes do analista, passou a trazer associações de que a psicanálise estava ultrapassada, que o método não era mais eficiente e que até pensava numa possível interrupção, em função dos sentimentos de desesperança. O objeto analista-pai aparecia ora como um objeto idealizado, com o qual as comparações consigo próprio tornavam-se irrelevantes, ora como objeto de-





Gerson Isac Berlim

negrido por não ter o valor necessário para curar seu desespero. Nesta época, num fim de semana, alcoolizou-se e brigou com familiares, criando um conflito quase que irreversível com um primo muito querido, a quem via como um modelo muito valorizado em relação à masculinidade.. A atuação pode ser entendida, a princípio, como uma defesa masoquista, visando negar a inveja, na qual o paciente se sente onipotentemente desaperçoado. Ele dizia: “*Eu não tenho mais saída, eu sou um caso perdido, eu sou como aquele tipo de bicho que não deu certo*”. A inveja que sentia em relação ao analista por vê-lo valorizado, competente, “*superpotente*”, “*grandão*” de coisas boas, como via o pai e o primo com quem brigara, levou-o a utilizar-se de defesas contra tais sentimentos invejosos, que se expressaram na atuação. Neste caso inclui-se também a inveja dos aspectos receptivos e acolhedores que via no analista, semelhantes aos que via na mãe e que, usualmente, criticava dizendo serem sinal de fraqueza. O paciente temia ser abandonado como se sentira no fim de semana e ser trocado por pacientes que fossem fazer formação analítica. Defendia-se atacando o analista (“*A análise já era.*”, “*Freud já era.*”) e acreditando que assim negaria o seu valor, a falta que sentia dele e o desejo de ter o que este possui. Assim, ao evitar o analista, como fazia com a mãe, não podia também aproveitá-lo porque, pela inveja, não podia tolerar que as capacidades eram do analista e não suas.

Suas fantasias de abandono mostravam o emprego da projeção no analista de seus próprios ataques ao vínculo analítico (“*Vais me trocar por pacientes médicos.*”). Ele se apresentava como um mau paciente, que seria trocado por outro. No entanto, continuamente, atacava o analista, descrevendo-o como incapaz de prazeres, impotente, e que, por isso, não o entenderia, devendo assim ser, o analista, trocado ou abandonado.

Vinheta clínica nº 2

João tem 36 anos, é casado e é industrial. Sempre se queixa da vida, lastima-se por não ter tudo que gostaria de ter. Acusa o pai de não ter sido suficientemente cuidadoso com a família e a mãe por não dar ao paciente a atenção devida. No trabalho, ora achava que o viam como um bom profissional, ora que pensavam que ele iria querer tomar conta de tudo. Está sempre muito curioso em relação aos ganhos dos demais (sócios, colegas, analista), querendo saber como administram estes ganhos (investimentos, prazeres, etc.). É o terceiro filho de uma prole de três e sempre sentiu ciúmes e inveja do irmão (primogênito) que ele achava que era visto como o melhor dos filhos (potente, independente, rico) e predileto dos pais. Diz que sempre chantageou a mãe exigindo atenções especiais (tipos de comida, roupas, etc.) e fantasia que ela o atendia por culpa para reparar o rechaço por ele não ter sido um filho desejado. Sempre se masturbou muito, o que ainda se mantém. Em relação às mulheres, o que





o excita é a fantasia da conquista. Usualmente tem o desejo de ejacular rapidamente com a sensação de ter que livrar-se da situação. Expressa muita contrariedade a cada reajuste do valor da sessão, sempre se referindo à sensação de que vou lhe dar uma “facada”, ou que vou “enrabá-lo” (“*eu penso que tu vai me sacanear e que vens pronto para pôr na minha bunda*”). O chamativo é que seus cálculos para achar o índice de reajuste são sempre muito menores do que os publicados. Isto foi entendido como expressão dos seus desejos de expoliar o analista, a quem julgava muito rico.

Numa sessão de segunda-feira, entra e pede para ir ao banheiro urinar, situação que acontece pela primeira vez em mais de dois anos de análise. No transcorrer da sessão conta que “*Estive no fim de semana em Gramado, não consegui cagar, com a minha mulher dei uma trepada de merda... e ela também não é o bicho e até não entendo porque tenho ciúmes dela... sonhei, no domingo, que estava no carro e me veio uma vontade urgente de cagar, dar uma enorme cagada... tinha uns caras, acho que colegas teus, falando do congresso que vai ter no exterior, eu só ouvi uma beira, não ficou muito claro e até nem tava muito interessado para não me atrapalhar, e achei que ouvi um falando que tu já tinhas estado lá e que tinhas dado dicas sobre onde ficar, passeios, programas a fazer...*”. Já perto do final da sessão ele diz: “*Ah!, já ia me esquecendo de te avisar que vou ter que ir amanhã para São Paulo e não venho terça e quarta, é viagem como as outras da empresa, mas arrumei uma, vou levar a vendedora comigo, acho que o Carlos (sócio) vai ficar se sentindo um merda por eu tirar essa dele, que se acha tão gostoso... no fundo acho que ele não deve ser um grande trepador...*”

Pode-se entender o acting out como expressão da inveja que sente em relação ao analista. O acting out se manifesta no uso do banheiro e se completa na viagem (nas sessões seguintes ficou evidente que ele não tinha necessidade alguma de ir a São Paulo). A ida ao banheiro no início da sessão foi sentida como se estivesse enchendo o analista de urina e fezes, uma forma de atacar a figura idealizada do analista (“*gostoso que dá grandes trepadas*”, “*entendido e possuidor do paraíso – exterior*”). A viagem o deixa triunfante tentando negar o desejo de ter o analista e suas posses. Ele, ao tirar a vendedora do analista-sócio, imagina-o esvaziado, expoliado, deixando-o pobre e dominado por sentimentos invejosos. O paciente projeta no analista sua inveja e passa a sentir-se invejado. A projeção, no entanto, o impede de gozar seus próprios êxitos. Ao deixar o analista (viagem), não pode aproveitar as sessões (faltas), como não podia aproveitar o pai que dizia ser um “*funcionariuzinho da prefeitura*” (o pai tinha sido secretário da prefeitura e era empresário da construção civil) e a mãe que, para ele, só o satisfazia pela chantagem e culpa e não por ser uma boa mãe.

A atuação do paciente começa a se expressar quando o paciente urina durante





Gerson Isac Berlim

a sessão, em lugar de falar sobre a viagem, que só foi comunicada na saída. Isto lembra M. Klein que diz que a inveja não apenas procura despojar, mas também depositar dentro da mãe-seio (analista) excrementos e partes más do self, para expoliá-lo e destruí-lo.

VII – Considerações finais

Freud descobriu o fenômeno que chamou de atuação no *caso Dora* (1905), e só em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), este foi ocupar um lugar significativo na técnica psicanalítica. Para ele, o acting out foi entendido como uma ocorrência indesejável durante o processo psicanalítico que, eventualmente, deveria ser proibido. Deve ser salientado, porém, que Freud observou que este fenômeno era, de certa forma, inevitável.

A partir da visão de Freud, o conceito de acting out foi-se ampliando e ocorreram modificações significativas quanto ao seu entendimento.

O acting out, inicialmente, por ter sido entendido como algo indesejável, foi considerado como uma oposição a lembranças e à comunicação e foi visto como um fator resistencial ao processo analítico. Atualmente, também é aceita a sua função comunicativa, como maneira de serem atualizadas, na transferência, as vivências e as fantasias pré-verbais.

Foram acrescentadas ao acting out algumas relações que permitiram a ampliação do seu entendimento, tal como, o vínculo com vivências e fantasias primitivas (pré-simbólicas) de nível oral, onde existiria uma menor capacidade de tolerância a experiências frustrantes e tensionais (principalmente de abandono e perdas). Em relação às reações provocadas pelas experiências vividas neste momento do desenvolvimento emocional, haveria a tendência de buscar, quando na relação transferencial, através do acting out, a mesma forma de descarga do ódio e da tensão provocados pela frustração. M. Klein (1957), porém, entendeu que o acting out seria empregado pelo indivíduo para manter as defesas de dissociação e negação frente ao sentimento invejoso primário.

Na relação paciente-analista, como bem sabemos, são revividas as experiências primitivas, e a tendência, nesta nova relação, é expressar desejos muitas vezes frustrados, que buscam satisfação. O analista é a representação do seio nutridor, capaz e competente, e que também possuiria dentro dele o falo todo poderoso.

Considero importante, neste momento, esclarecer a relação entre inveja e frustração. A frustração é vista como uma circunstância externa que provoca inveja, que se evidenciaria numa situação onde o outro tem e não se encontra disponível para o





indivíduo. M. Klein (1957) entendeu que a inveja conduz à frustração na medida em que impede o indivíduo de receber o que está disponível no outro. Ela afirma que, para haver inveja, tem que existir admiração pelo objeto, reconhecer seu valor, e, para tanto, não haveria necessidade de um momento prévio de privação para que ela surgisse.

Inveja e frustração apresentam-se usualmente unidas, e onde melhor se pode compreender este entrecruzamento é nas situações onde aparece a angústia de separação. Esta, muitas vezes, se sobrepõe à inveja porque é mais fácil atribuir a hostilidade à ausência do objeto, do que o reconhecimento do ataque invejoso provocado pela sua presença. O adito, por exemplo, como assinala Etchegoyen (1987-b), alega que combate a solidão com a droga, mas nunca diz que a utiliza para se excluir e evitar a presença do outro.

Muitos dos autores revisados, tais como Freud, Fenichel, Greenacre, Kanzer, Kestenberg, entendem o acting out como relacionado à frustração (sem relacionar esta à inveja). A frustração (versagung) foi para Freud, fundamentalmente, representada como a recusa do indivíduo de ter satisfeito um desejo próprio. Se entendermos que a frustração tem origem na inveja porque, em função desta, o indivíduo se sente impedido de receber o que está disponível no outro, pode-se concluir que a inveja primária (oriunda da pulsão de morte) é quem encaminha o desenvolvimento do acting out.

M. Mahler (1977), quando se refere às reações à separação, na subfase de reaproximação precoce, em torno dos quinze meses, diz que a falta da mãe provoca hiperatividade e inquietação crescente no bebê. Antes desta época, ela observou que houve uma baixa geral da atividade que ela vincula à tristeza, sentida pelo bebê, ao dar-se conta do desligamento da mãe. Ela acredita que a hiperatividade desta subfase tem função defensiva contra a percepção do afeto doloroso que é a tristeza. Pode-se pensar que este modo defensivo expresso na conduta, que se instala neste momento do desenvolvimento, faria parte das raízes do acting out, que sabemos tratar-se também de uma forma de defesa frente aos sentimentos depressivos. Entende-se ainda que estes sentimentos depressivos têm sua origem na culpa pelos ataques efetuados ao objeto bom, amado e invejado.

A literatura psicanalítica apresenta, com frequência, exemplos clínicos de situações de separação, com a finalidade de mostrar os mais diferentes aspectos do conhecimento psicanalítico. Entendo que isto se passa porque é com as separações que se revivem, provavelmente, os momentos mais angustiantes do indivíduo. Nestas circunstâncias, os sentimentos tomam vulto, somam-se, e é quando se reforça a idéia do objeto ausente – independente – diferente do indivíduo. Bion (1965) destacou que o elemento essencial na inveja é o ódio da diferença entre sujeito e objeto e que o





Gerson Isac Berlim

objetivo da inveja é reduzir esta diferença pela destruição do que o objeto possui.

As separações do analista, na situação analítica, levam o paciente a reexperimentar vivências e fantasias de perdas e abandonos; as atuações ocorrem como defesa frente a tais experiências dolorosas (Grinberg, 1968). Entendo que estas atuações se expressam em função de sentimentos invejosos primitivos que se encontram na raiz da situação atualizada, revivida transferencialmente. Esta idéia decorre da afirmativa de Etchegoyen (1987-a): “*O ato pelo qual, em vez de pensar o seio bom como ausente o expulsa como seio mau presente, sob forma de elemento beta é, para mim, o protótipo do acting out*” (p. 428).

A relação terapêutica implica no desenvolvimento de um vínculo entre o paciente e o analista. Esta circunstância traz consigo todos os sentimentos primitivos vividos originalmente com o objeto primário, tais como, os sentimentos invejosos e as conseqüentes frustrações, que são inerentes a qualquer indivíduo e a qualquer relação analítica. Tais experiências são sentidas com muito desconforto e levam ao emprego de diferentes mecanismos de defesa. Na relação analítica, portanto, reativa-se transferencialmente, este quadro conflitivo e doloroso. Se a relação com o analista traz o desconforto, evitá-la, na fantasia do paciente, deveria não só livrá-lo de tal desconforto como, até mesmo, proporcionar o bem-estar. Assim encaminha-se o desenvolvimento de um acting out. Para Bion (1956), os ataques ao vínculo seriam ataques ao estado receptivo da mente do analista, que é visto também como um estado de tranqüilidade, e que nestas circunstâncias, surgem as atuações. Estas atuações visariam, portanto, destruir o invejável estado de tranqüilidade.

Pode-se entender que, pelo menos enquanto predominar o sentido resistencial na atuação, o motivador desta seria o sentimento invejoso inconsciente. Neste sentido, a idéia de M. Klein (1957) é esclarecedora quando diz que “*no meu conceito, a atuação, na medida em que é empregada para evitar a integração, torna-se uma defesa contra as ansiedades despertadas pela aceitação da parte invejosa do eu*” (p.105).

O acting out é mais uma das expressões do paciente, esta se dá na conduta, e que acredito tem inestimável valor para a compreensão das relações objetais. Deve, inclusive, ser usado como uma das formas de avaliar a evolução do processo analítico, tendo em vista que a qualidade do acting out nos mostrará a maneira pela qual o analista e os objetos estão sendo tratados pelo paciente.

Com relação ao acting out ainda, deve ficar clara a distinção entre aqueles indivíduos que passam, dentro da situação analítica, a expressar seus conflitos através da conduta, em lugar da livre associação ou do sonho, daqueles que, de forma habitual, expressam seus conflitos em forma de ações, tais como os caracteres impulsivos, os delinquentes, os aditos e os psicóticos.





Espero, através deste trabalho, ter conseguido utilizar os conhecimentos da psicanálise sobre inveja e acting out e, associando-os numa relação de causa e efeito, mostrar que os sentimentos invejosos inconscientes promovem a manifestação do acting out quando entendido como uma forma de resistência.

Summary

The present study on the evolution of the concept of acting out aims to relate it to envy. Psychoanalytic literature and clinical vignettes were used to link the envious feelings in the development of acting out, as a resistance to psychoanalytic treatment. It begins with S. Freud's work, followed by other authors to present time. Melanie Klein's work and her followers' are reviewed apart. After these the development of envy and defenses against it are discussed. To exemplify the relationship, clinical vignettes are used, followed by final comments where the link between envy and acting out is emphasized.

Referências

- ABRAHAM, K. (1919). *Psicoanálisis Clínico*. Buenos Aires: Hormé, 1959.
———. (1921). *Teoria Psicanalítica da Libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
———. (1924). ———. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
BELLAK, L. (1965). The Concept of Acting Out: Theoretical Considerations. In: *Acting Out by ABT and Weissman*. New York: Grune and Stratton.
BION, W.R. (1956). *Second Thoughts*. London: W. Heinemann, 1967.
———. (1962). *Aprendiendo de la Experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1963.
———. (1965). *Transformations. Change from Learning to Growth*. London: W. Heinemann, 1965.
BLOSS, P. (1978). The Concept of Acting Out in Relation to the Adolescent Process. In: *A Developmental Approach to Problems of Acting Out by Eveleen Rexford*. New York: Int. Univ. Press.
BOESKI, D. (1982). Acting Out: A Reconsideration of the Concept. *Int. J. Psycho-Anal.*, 63:39-55.
EISLER, M.J. (1921). Pleasure in Sleep and Disturbed Capacity for Sleep. *Int. J. Psycho-Anal.*, 3:30-42.
ERARD, R. (1983). New Wine in Old Skins: A Reappraisal of the Concept "Acting Out". *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 10:63-73.
ETCHEGOYEN, R.H. y RABIH, M. (1981). Las Teorias Psicoanalíticas de La Envidia. *Psicoanálisis*, 3:359-384.
ETCHEGOYEN, R.H. (1987-a). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
ETCHEGOYEN, R.H., LÓPEZ, B. y RABIH, M. (1987-b). On Envy and How to Interpret It. *Int. J. Psycho-Anal.*, 68:49-61.
FENICHEL, O. (1945). Neurotic Acting Out. In: *The Collected Papers of Otto Fenichel*. New York: Norton, 1954.
FREUD, A. (1936). *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Rio de Janeiro: B.U.P., 1968.
———. (1968). Acting Out. *Int. J. Psycho-Anal.*, 49:165-170.





Gerson Isac Berlim

- FREUD, S. (1901). Psicopatologia da Vida Cotidiana. *Ed. Stand. Bras*, V.6., Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1905). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. *Ed. Stand. Bras*. V.7., Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- . (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. *Ed. Stand. Bras.*, V.12, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1915). Os Instintos e suas Vicissitudes. *Ed. Stand. Bras.*, V.14, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- . (1920). Além do Princípio do Prazer. *Ed. Stand. Bras.*, V.18, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1939). Moisés e o Monoteísmo. *Ed. Stand. Bras*. V.23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . (1940). Esboço de Psicanálise. *Ed. Stand. Bras.*, V.23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GADDINI, E. (1982). Acting Out in the Psychoanalytic Session. *Int. J. Psycho-Anal.*, 63:57-64.
- GIOIA, T.B. (1974). El Concepto de Acting Out. *Revista de Psicoanálisis*, 31:969-984.
- GREENSON, R. (1969). Comentários y Contribuciones. *Revista de Psicoanálisis*, 26:861-864.
- GREENACRE, P. (1950). *Trauma, Desarrollo y Personalidad*. Buenos Aires: Hormé, 1960.
- GRINBERG, L. (1968). Sobre el Acting Out en el Proceso Psicoanalítico. *Revista de Psicoanálisis*, 25:681-713.
- JACOBSON, E. (1957). Denial and Repression. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 5:61-92.
- KANZER, M. (1957). Acting Out, Sublimation and Reality Testing. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 5:663-684.
- KESTENBERG, J. (1968). Acting Out in the Analysis of Children and Adults. *Int. J. Psycho-Anal.*, 49:341-344.
- KLEIN, M. (1932). El Psicoanálisis de Niños. *Obras Completas. Vol.1*, Buenos Aires: Paidós, 1974.
- . (1952). The Origins of the Transference. *Int. J. Psycho-Anal.*, 33:433-438.
- . (1957). *Inveja e Gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- LIMENTANI, A. (1966). Una Reevaluación del Acting Out en Relación con la Elaboración. *Revista de Psicoanálisis*, 26:841-860.
- MAHLER, M.S. (1977). *O Nascimento Psicológico da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RANGELL, L. (1968). A Point of View on Acting Out. *Int. J. Psycho-Anal.*, 49:195-201.
- RIVIÈRE, J. (1932). Jealousy as a Mechanism of Defense. *Int. J. Psycho-Anal.*, 13:414-424.
- ROSENFELD, H. (1964). Una Investigación sobre la Necesidad de Acting Out en Los Pacientes Neurotícos y Psicóticos durante el Análisis. In: *Estados Psicóticos*. Buenos Aires: Hormé, 1974.
- SEGAL, H. (1979). *Klein*. Sussex: Harvester, 1979.
- SILVERBERG, W. (1955). Acting Out versus Insight. *Psychoanal. Quarterly*, 24:527-544.
- SPILLIUS, E.B. (1991). A Interpretação da Inveja na Análise. *Rev. Brasil. Psicanal.*, 25:549-564.
- . (1993). Varieties of Envious Experience. *Int. J. Psycho-Anal.*, 74:1199-1212.
- STEINER, J. (1985). O Interjogo entre Organizações Patológicas e as Posições Esquizoparanóide e Depressiva. In: *Melanie Klein Hoje. Vol.1*, Rio de Janeiro: Imago.

Gerson Isac Berlim

Rua Tobias da Silva, 149/304
90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

448 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





“Fin du siècle”: repercussões na clínica

Ida Ioschpe Gus, Porto Alegre*

O presente trabalho visa estabelecer uma relação entre o contexto sócio-cultural do final do século e a repercussão clínica decorrente, que produz uma mudança no perfil da demanda de tratamento, trazendo estados psicopatológicos que se afastam do modelo neurótico. Enfoca a intensificação de estruturas narcisísticas, cujo funcionamento implica em expressões características da sexualidade. Também são abordadas as implicações técnicas que tal demanda específica impõe ao trabalho analítico.

* Candidata do Instituto de Psicanálise da SPPA.





Ida Ioschpe Gus

Este trabalho pretende relacionar o contexto sócio-cultural deste fim de século e as manifestações clínicas que têm sido observadas na procura de tratamento, verificando-se a expressiva demanda de estruturas narcisísticas que se caracterizam por expressões próprias da sexualidade e que impõem à tarefa analítica implicações técnicas peculiares.

A cultura é uma criação humana, um instrumento para satisfazer as necessidades do indivíduo em sociedade. Ao tentar moldar o narcisismo do sujeito, submetendo-o a dissolver o complexo de Édipo sob a pressão do temor à castração, a cultura assume um dos pólos do conflito, constituindo-se num dos elementos da espiral dialética através da qual se estrutura o psiquismo.

Cada cultura, na tentativa de sistematizar o princípio da realidade através dos valores éticos e estéticos custodiados pelo superego, cria a noção de bons e maus costumes, o que inclui uma sexualidade permitida e outra proibida, assim como institui padrões culturais que influem na formação da identidade e da escolha objetal.

A cultura, portanto, ao sistematizar o útil e o conveniente através dos valores instituídos, busca satisfazer a necessidade narcisista através da sublimação. Porém, essa cultura pode resultar alienante ao converter-se em um fim em si mesma, frustrando a demanda narcísica e mobilizando, então, o retorno do reprimido (Teicher, 1981).

Para podermos estabelecer algumas relações entre a sociedade em que vivemos e a repercussão clínica dela decorrente, neste final de século, precisamos revisar algumas noções psicanalíticas sobre o desenvolvimento da cultura.

Já em 1912, em *Totem e Tabu*, Freud expressou algumas de suas contribuições para a antropologia cultural, ao levantar uma hipótese de uma horda primitiva na qual o assassinato do pai primevo representou a origem de quase todas as instituições sócio-culturais posteriores. Nessa obra é analisado o horror ao incesto e a criação da exogamia totêmica como base da proibição contra os mais poderosos anseios a que o ser humano está sujeito.

Em 1930, Freud volta a esse tema ao escrever *O Mal-Estar na Civilização*, enfocando o antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Abramovici e Landoni (1992) tecem uma reflexão original, retomando as idéias de Freud acerca de três grandes tipos de organização social que influenciaram a expressão diferenciada da subjetividade.

A concepção da sociedade animista como a primeira formação cultural da pré-história do desenvolvimento da espécie teria sido uma decorrência da morte do pai primevo despótico levada a cabo pelos irmãos aliados. Esse mito científico denota o uso da magia como forma de transformar a natureza, dotando a realidade de demônios surgidos pela projeção dos impulsos destrutivos ainda não ligados psiquicamente.

450 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





O homem animista pode alcançar a sublimação da escolha de objeto pulsional dando origem à pulsão gregária que provê a energia necessária para a solidariedade grupal.

A violência é usada para delimitar o narcisismo pela pressão coletiva. A angústia se relaciona ao registro da situação de perigo. O conflito se estabelece entre Ananké (necessidades) e a realidade objetiva, levando à crença na magia, que implica na onipotência do pensamento, e ao predomínio de defesas operativas.

As renovadas lutas narcísicas entre os iguais e o remorso pelo ataque ao pai criam as condições para que reemerja a figura do pai primevo através do totem. A longa passagem histórica do totemismo à religião tem sua culminância na religião judaico-cristã, que pretende a reconciliação com o Deus pai.

A religião substitui a segurança perdida, outorgando à divindade o poder de produzir o destino, desse modo confirmando a impotência dos homens frente à natureza e revivendo em Deus a figura do pai primero despótico redivivo.

A subjetividade do homem religioso evolui, conforme escrevem Abramovici e Landoni (1992), da dessublimação da escolha de objeto pulsional dirigida aos iguais, sendo essa, em parte, reprimida e, em parte, satisfeita como submetimento do ego ao superego. A violência se entrincheira no superego, desenvolvendo-se o sadismo superegótico, a tirania dos ideais e o autocastigo.

O sentimento predominante é a culpa persecutória, e o mal-estar surge, fundamentalmente, da insatisfação libidinal devido à repressão do superego. Há um claro conflito entre Eros e Tânatos, predominando as defesas produtoras de sintomas que originam as neuroses e caracteropatias sociais.

A subjetividade do homem moderno e pós-moderno organiza-se de um modo diferente.

Convencionou-se chamar de pós-moderno o estado da sociedade como se apresenta depois das transformações decorrentes da Segunda Guerra Mundial, com seus efeitos devastadores que afetaram as regras do jogo do saber, da ciência, da política, da arte e de todos os produtos da cultura, a partir da segunda metade do século XX.

O impacto da manipulação ideológica do saber e da ciência, bem como as reformulações políticas e sociais, produto de uma cultura de massa, manejada pelos meios de comunicação maciços, transformaram o planeta no que se chama "*aldeia global*".

Hoje se fala numa crise do humanismo em relação à técnica. Essa se manifesta como a causa de um processo geral de desumanização que envolve o declínio dos ideais humanistas em favor de uma formação baseada na ciência e na produção racionalmente dirigida, expressão máxima da sociedade de consumo, tal como foi antecipada e criticada por Aldous Huxley em *O Admirável Mundo Novo*, já em 1932.





Ida Ioschpe Gus

Na verdade, chegamos a uma dispersão de valores que, em estado de fragmentação, não encontram nenhuma referência e se irradiam por pura contigüidade, numa caótica dispersão, vivida por nós como uma confusão total, como uma impossibilidade de reconquistar uma determinação estética, política ou sexual das coisas, e onde tudo é transexual, transestético e transpolítico, segundo escreve Baudrillard (apud Feijóo, 1992).

As conseqüências sociais e culturais da falta de um marco referencial de valores e da queda do ideal humanista em benefício do transpolítico e do transeconômico envolvem desde a perestroika, a queda do muro de Berlim, o aumento do buraco de ozônio na atmosfera, passando pela transmissão direta pela mídia da Guerra do Golfo, dos bolsões de miséria da Ásia, África e América Latina, pelo uso abusivo de drogas, pela AIDS - fenômenos que comovem a sociedade, gerando um mal-estar que evidencia a violência. Violência essa que também está presente na desigualdade de acesso a níveis aceitáveis de saúde, educação, segurança, trabalho e lazer, como também na generalização da corrupção e de sua impunidade, na manipulação do desejo coisificado e infantilizado, levando a uma erotização defensiva frente à disseminação do componente hostil no corpo social (Feijóo, 1992).

Nesta Sociedade de Mercado, ou de Ultramercado, fruto de uma globalização progressiva, a ligadura fraterna ou a religadura divina já não unem. Vivemos agora a vigência do desligamento, isto é, o primado de Tântatos.

Constatamos a regressão moderna à rivalidade prévia ao pacto social, a exacerbção do individualismo numa luta narcisista que enfraquece a relação objetual. Já não existe o semelhante como o diferente a quem podemos nos unir através de algum laço libidinoso, senão como um bem de uso, uma mercadoria - objeto a quem se dirigem as pulsões agressivas.

As sociedades dos anos 90 pervertem-se no compasso de suas realidades econômicas, sendo considerados aptos os que aprendem a se desfazer de escrúpulos para auto-afirmar-se, prontos a reagir, a agredir, se for preciso, para se demonstrar que se é o que se pede que seja: competente e competitivo.

O discurso televisivo que corresponde a essa demanda enuncia que o êxito tem um preço, embora não diga que tem um limite. Os limites pertencem ao reino da moral, e esse é alheio ao reino do mercado.

Os comportamentos esperados se caracterizam pelas contradições: há que ser generoso, porém egoísta, solidário, mas cauteloso, confiante, porém desconfiado, nobre, mas inescrupuloso, curioso, mas reservado, o que hoje é considerado pragmatismo (Lipovetzky, 1983).

Por trás da ilusão do ativo consumo libidinoso e da competitividade, esconde-se o prazer da entrega para ser devorado canibalisticamente, num consumismo de-





senfreado que consome o consumidor.

As campanhas publicitárias tendem a se basear na ilusão, no princípio do prazer, na sedução, na onipotência, no “*splitting*” em relação à realidade, na relação de objeto parcial. São utilizadas técnicas que visam estimular mecanismos psíquicos predominantemente primitivos e, dessa forma, tendem a aniquilar a capacidade crítica do indivíduo.

Nos dias de hoje, fica evidente uma tendência agressiva voltada contra o sujeito, o que se constitui numa regressão ao masoquismo, retornando à fixação da atitude sexual passiva. Há uma grande defusão instintual: Tânatos se libera e chega ao paroxismo da violência contra si mesmo, num erotismo, em que o desejo de ser devorado conduz ao retorno ao inorgânico. A relação objetal tem a primazia tanática.

A AIDS – enfermidade pós-moderna, cara sinistra das pulsões de autoconservação – representa a concretização trágica de uma sexualidade deslibidinizada, investida de pulsão de morte.

A sociedade consumista propõe uma satisfação automática sustentada por uma fantasia inconsciente de aniquilamento individual e cultural.

Neste ponto podemos tentar articular de que modo esse contexto sócio-cultural, permeado pela primazia tanática, se expressa a nível da psicopatologia individual e da sexualidade dela decorrente.

Esse contexto sócio-cultural condiciona uma mudança no perfil da demanda que busca tratamento, trazendo estados psicopatológicos que se afastam do modelo neurótico e que se expressam na esfera caracterológica, em função de sua organização psíquica narcisista, marcada por comportamentos sintomáticos, ou, como diria McDougall (1983), caracterizada como atos-sintomas que funcionam como representantes dos conteúdos reprimidos, que não conseguem ser elaborados psiquicamente, sendo atuados na conduta.

Cruz Roche (1994) descreve esses pacientes como pessoas com uma certa adaptação social e profissional, embora expressem déficits na área afetiva, falta de criatividade e pouca satisfação pessoal, com uma vida sexual empobrecida ou desviada. Muitas vezes, as dificuldades podem atingir maior gravidade envolvendo inconstância no trabalho, vida amorosa promíscua, comportamento marcadamente agressivo e associal, certos tipos de adição, etc.

Seus principais traços denotam intolerância à frustração, formas de funcionamento mental típicas do processo primário – onipotência, negação, idealização – que configuram relações objetais narcisistas, sem qualquer consideração com o objeto ou pela manutenção do vínculo, o que dificulta sobremaneira a adaptação, aprendizagem e o próprio processo analítico.

“Do ponto de vista nosológico se trata daquilo que foi qualificado como neu-





Ida Ioschpe Gus

roses narcisistas, impulsivas, esquizóides, graves neuroses de caráter, borderlines, desordens psicossomáticas, etc. Quadros que não sendo psicoses francas, não correspondem à concepção clássica de neurose e que dinamicamente possuem algumas coincidências com as psicoses” (Cruz Roche, 1994, p.111).

Tais pacientes, com sintomatologia muito diversificada, são nomeados, de modo geral, como “egos frágeis”, “casos difíceis” ou “pacientes severamente perturbados”. Apresentam um traço comum, uma carapaça caracterológica cuja função é proteger a própria vida e não apenas a sexualidade, como ocorre na sintomatologia neurótica.

Em seu psiquismo, o complexo de Édipo não alcança realizar sua função estruturante devido a uma triangulação pouco definida em função da frágil instituição da imagem paterna, o que dificulta o desenvolvimento e integração dos aspectos agressivos. Conseqüentemente, o complexo de Édipo e seu correlato, a cena primária, atingem um colorido exacerbado, hiperexcitante, pelo “excesso de ausência” e pelas excessivas projeções destrutivas.

Nesses pacientes, as fantasias organizadoras da posição depressiva e do Édipo estabelecem-se de um modo inseguro, insuficiente e confusamente inter-relacionados, levando a dificuldades e desvios sexuais, uma vez que a sexualidade está basicamente voltada à obtenção de gratificações narcisistas e à atuação de fantasias fusio-nais, bem menos configurada, portanto, como uma genitalidade madura que implique o reconhecimento do objeto.

Todo sintoma significa uma tentativa de auto-resolução do conflito, porém, nesses casos, os sintomas servem de muralha contra a ameaça de indiferenciação, de perda de identidade e de implosão fracionante.

O sujeito constrói uma fortaleza psíquica para salvaguardar o seu direito de existir, sem medo de afundar na depressão ou dissolver-se na angústia. Para isso, lastreia-se na magia infantil, megalomaníaca e onipotente, permanecendo preso aos recursos infantis como meio de enfrentar o mundo adulto.

Tais pacientes têm um funcionamento mental baseado nos mecanismos de cisão e identificação projetiva excessiva, tanto dos objetos como do ego, usando em menor escala a repressão. Apresentam um prejuízo da capacidade perceptiva, pelo uso da renegação, mecanismo estudado por Freud (1924) e que é usado para eludir o conhecimento e o impacto da realidade em seu frágil psiquismo.

Klein (1946) descreveu esse funcionamento primitivo como decorrência de transtornos da projeção-introjeção; contudo, as implicações do narcisismo foram aprofundadas por autores pós-kleinianos, como Rosenfeld (1964), que descreve uma estrutura organizada a partir da identificação projetiva e introjetiva com o objeto idealizado, baseada na onipotência, e que conduz à negação das diferenças ou dos





limites entre self e objeto. Por isso, vivem num estado indiscriminado, não alcançando integrar um mundo interno fragmentado, já que não se processou uma suficiente fusão das pulsões de vida ou morte. O psiquismo se apresenta rigidamente aderido ao estado esquizoparanóide ou refugiado no que Steiner (1981) chama de organizações patológicas, sob o predomínio de fantasias sadomasoquistas e angústia de perda do objeto.

Observa-se, nesses pacientes, uma intolerância à separação, expressões de intensa inveja, ciúmes, desconfiança e ansiedade persecutória que aciona um controle onipotente e leva ao uso de identificações projetivas maciças, o que resulta num estado de esvaziamento e dependência de um objeto externo para manter a integração.

Bion (1957) afirma que tais pacientes se retiram em parte da realidade, através da cisão e projeção, de modo que a parte psicótica da personalidade prevalece sobre os mecanismos neuróticos. O funcionamento mental é obstaculizado pela reduzida capacidade de conter e processar a dor psíquica, que é evacuada destrutivamente. Os componentes agressivos levam o paciente ao ataque aos vínculos, determinando a necessidade de um objeto do mundo externo que possa ser continente e realizar a função de "rêverie", o que confirma a sua necessidade de serem pensados por um outro para se sentirem existindo.

A descrição que Bergeret (1988) faz da estrutura narcisista destaca sua angústia pré-depressiva relacionada ao temor da perda de objeto e não à angústia de castração, pois o conflito não se dá entre o ego e o superego, como na estrutura neurótica, mas entre o ideal de ego com o id e com a realidade. O plano relacional evidencia a grande dependência e necessidade de afeto, que caracteriza o tipo de relação objetal narcísica: trata-se de ser amado e ajudado por ambos os pais, o que implica agredir e dominar analmente ambos.

A sexualidade dos pacientes narcisistas não se organizou sob a primazia da genitalidade, retendo um caráter infantil pré-genital, uma vez que o trauma desorganizador precoce ocorreu no início do Édipo, na fase anal secundária, daí decorrendo um predomínio das pulsões agressivas erotizadas.

Em muitos casos, a saída encontrada para a sexualidade passa por um desvio, o que não significa apenas uma mudança de direção do caminho que conduz ao prazer. Como Freud (1905) magistralmente descreveu nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, as aberrações sexuais representam um desvio, uma recusa a se deparar com o fantasma da castração, ligadas ao Édipo de nível fálico. A organização perversa funciona como uma defesa, através da erotização do ódio, com a finalidade de triunfar ativamente sobre uma situação traumática precoce a que o indivíduo se viu passivamente submetido.





Ida Ioschpe Gus

O paciente perverso vive num universo anal muito bem descrito por Chasseguet-Smirgel (1988), necessitando introduzir sua problemática sexual num contexto muito particular, através da criação de cenários e jogos eróticos rígidos e atuados compulsivamente. Tais criações, chamadas por McDougall (1983) de “*neo-sexualidades*”, além de permitirem algum nível de satisfação sexual, revelam-se técnicas de sobrevivência psíquica, com a finalidade de preservar o sentimento de identidade.

Alguns pacientes se organizam em torno da negação do direito dos outros, projetando maciçamente sua pulsão de domínio e assumindo um caráter de perversidade cruel. Para eles, os outros não possuem interesses próprios, vivem como se a relação objetual servisse exclusivamente para assegurar e completar sua falha narcísica.

Bergeret (1988) discrimina a perversão de caráter como a patologia dos sujeitos acometidos de perversidade, diferenciando-a da perversão no sentido habitual do termo. Enquanto os perversos propriamente ditos se estruturam a partir da negação do sexo feminino, superinvestindo o falo de modo compensatório, os perversos de caráter negam ao outro o direito de possuir o seu próprio narcisismo.

Nesses casos, o objeto é mantido numa relação sadomasoquista asfixiante, em que todo o investimento deve ser dirigido ao sujeito que, possessivo e intransigente, exige exclusividade afetiva, a fim de manter seu equilíbrio narcísico precário.

Também podemos apontar a perversão de outras funções vitais, como ocorre na anorexia e bulimia, em que existe uma intensa erotização oral em contrapartida às ansiedades de separação vividas catastróficamente. Aqui, a demanda genital sofre uma regressão defensiva que reduz todos os impulsos à fome, que deve ser controlada ou, até mesmo, ter a sua representação mental destruída.

Assim, enquanto o sujeito reunir todo o investimento pulsional no controle da função alimentar, não haverá por que temer outros desejos, podendo sentir-se suficientemente forte para prescindir de necessidades vitais e, conseqüentemente, de outros objetos, o que não expõe o sujeito ao medo do abandono.

Evidentemente, isso é conseguido através de mecanismos psicóticos, que produzem intensa negação da realidade interna e externa, fruto de uma defusão tanática responsável pelo caráter autodestrutivo, em que a morte nem sempre é percebida ou temida, já que a própria morte é idealizada como libertação.

As diferentes expressões da sexualidade desviante assumem um caráter aditivo, sendo utilizadas como droga, representando, de certo modo, um seio materno que adormece a angústia como toda a droga faz. O objeto materno não pode ser interiorizado a não ser como objeto danificado ou, ainda, ameaçador (McDougall, 1991).

As sexualidades aditivas, que podem também se expressar na drogadição, no alcoolismo, na dependência medicamentosa, na erotização da violência, cumprem o





papel de lidar com uma violência arcaica, a fim de que o sujeito não mate, no imaginário, seus objetos mais vitais, os mais amados e odiados dentro dele, assim como lhe permita preservar também a representação que tem de si mesmo, frente ao risco da morte psíquica.

Uma das técnicas para lidar com essas pulsões tanáticas é projetar, na imagem interna do parceiro, aquilo que é sentido como muito perigoso, a fim de dominá-lo no outro.

Para finalizar, gostaria de trazer algumas contribuições sobre o impacto que os pacientes severamente perturbados, que se constituem, cada vez mais, na demanda clínica atual, têm sobre o analista e o tratamento.

Freqüentemente, os pacientes privilegiam a comunicação não-verbal, podendo demonstrar intolerância com o divã, bem como outras reações contra o *setting* terapêutico, seja pelo temor de se fundir com o analista e perder seus limites, ou por temor de abandono, por sentirem-se isolados e sozinhos, necessitando assegurarem-se da presença do analista através do olhar.

Devido ao seu caráter regressivo e à baixa tolerância à frustração, o funcionamento desses pacientes evidencia atuações recorrentes, dentro e fora do *setting*, tendendo a atacá-lo em função de seu intenso ódio, colocando o analista na posição de confrontar os seus aspectos destrutivos, no sentido de ampliar a parte não psicótica da personalidade, através do fortalecimento do contato com a realidade.

Como a capacidade de contenção da angústia é muito reduzida, observamos uma forte tendência no sentido de projetar suas emoções no analista, pelo uso da identificação projetiva maciça, induzindo nele reações e dificultando a construção de um *setting* terapêutico estável. Durante certo tempo é necessário conter suas projeções, sem devolvê-las imediatamente, funcionando como uma caixa de segurança do conteúdo projetado e devolvendo-o, aos poucos, através da interpretação, conforme a capacidade do paciente para tolerar a sua reintrojeção.

Para isso, o analista tem a dupla tarefa de conter e interpretar, captando o que se passa com o paciente no sentido do conceito de "rêverie" materno de Bion (1962), através do qual acolhe as identificações projetivas, processando-as dentro de si, decodificando-as e devolvendo-as, aos poucos, devidamente nomeadas e significadas. No entanto, o analista encontra dificuldade para compreender os fenômenos que ocorrem no campo da transferência-contratransferência, uma vez que a patologia se estrutura nos primeiros anos de vida, dentro de uma trama vincular na qual não há diferenciação self-objeto, anterior ao uso da palavra.

O analista precisa ampliar seus recursos terapêuticos, uma vez que, além de funcionar como um continente para angústias primitivas diretas, oferece uma nova oportunidade para reparar o dano psíquico desde um vínculo transformador, resga-





Ida loschpe Gus

tando o self verdadeiro através de processos de desidentificação que permitam a emergência dos aspectos mais autênticos e genuínos do paciente (Badaraco, 1992).

O trabalho analítico desperta, geralmente, uma demanda transferencial intensamente erotizada, difícil de ser manejada. Daí a importância de se estar atento para o nível interpretativo, pois, embora aparentemente genital, a transferência emerge carregada por impulsos mais primitivos e precisa ser compreendida como uma busca de cuidados a partir de fantasias fusionais de caráter narcísico.

Aqui, não se trata de reconstruir as distorções, como ocorre com o paciente neurótico. Os graves conflitos pré-genitais impedem uma consistente estruturação edípica que, fragilmente configurada, se constitui numa fuga para adiante, movimento psíquico descrito por Meltzer (1967) como pseudomaturidade.

Com tais pacientes, que não estabeleceram adequadamente a posição depressiva e que, portanto, funcionam a partir de um déficit estrutural, o analista deve estar atento ao que subjaz a seu discurso aparentemente genital, detectando a sobrecarga pulsional destrutiva que inunda o campo da transferência-contratransferência e que se constitui num fator impeditivo de uma maior integração do psiquismo, bem como da dupla analítica.

Nessas condições, uma abordagem excessivamente “clássica”, em que predomine a interpretação transferencial do conteúdo inconsciente, por não contar com um ego suficientemente desenvolvido para processá-la, pode ser vivida como uma intrusão de colorido traumático, podendo mesmo levar à ruptura do tratamento.

A intervenção mais facilitadora é a que reforça o vínculo e auxilia a associação, impulsionando o estabelecimento de nexos verbais que desenvolvam a capacidade de simbolização do paciente. O espaço analítico, ao se configurar flexível em função das necessidades regressivas do paciente, transforma-se no “locus” privilegiado, capaz de levá-lo a discriminar e refletir sobre o seu funcionamento, de modo a criar uma relação construtiva que favoreça o paulatino estabelecimento e posterior internalização do objeto.

Assim, o processo analítico com esses pacientes caracteriza-se pela dificuldade da interação paciente-analista, sendo não raro preciso introduzir alterações (“parâmetros”) na técnica da psicanálise clássica que podem incluir intervenções extra-analíticas como auxílio farmacológico, institucional, familiar, entre outras, conforme escreve Cruz Roche (1994).

No entanto, os autores corroboram que o trabalho psicanalítico baseado no insight da relação transferencial dentro de um enfoque adequado, que contemple o rigor técnico com a necessária flexibilidade para se adequar às demandas específicas do tratamento, pode levar a uma significativa melhora sintomatológica, bem como a um aumento da qualidade de vida do paciente. □

458 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Summary

The goal of this study is to establish a relationship between the sociocultural context at the end of this century and the resultant clinical repercussions that produce a change in the profile of the demand for treatment, showing psychopathological states which become distant from the neurotic model. Attention is given to the intensification of narcissistic structures whose functioning implies characteristics of sexuality. The technical implications of this specific demand for analytic work are also discussed.

Referências

- ABRAMOVICI, R., LANDONI, O. *Malestar actual: el peligro delicioso*. Tema Livre. XIX Congreso Latino-Americano de Psicoanálisis. Montevideo: FEPAL, agosto de 1992.
- BADARACO, J.G. *Introducción al panel: casos difíciles*. Apresentado no I Congreso-Encuentro Internacional sobre Pacientes Severamente Perturbados. Buenos Aires: APdeBA, setembro de 1992.
- BERGERET, J. *A personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BION, W.R. (1957). Diferenciación de las personalidades psicóticas y no psicóticas. In: ———. *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Hormé, 1972.
- . (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *As duas árvores do jardim*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- FEIJÓO, A.H. *La post-modernidade, encrucijada y desafío al psicoanálisis*. Tema Livre. XIX Congreso Latino-Americano de Psicoanálisis. Montevideo: FEPAL, agosto de 1992.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. S.E.B. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII.
- . (1912). *Totem e Tabu*. S.E.B. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIII.
- . (1924). *Neurose e psicose*. S.E.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.
- . (1930). *O mal-estar na civilização*. S.E.B. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.
- HUXLEY, A. (1932). *O admirável mundo novo*. Porto Alegre: Globo, 1996.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre algunos mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. et al. *Desarrollos en psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, 1967.
- LIPOVETSKY, G. *La era del vacío. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Barcelona: Anagrama, 1983.
- McDOUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- . *O divã de Procusto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MELTZER, D. (1967). *El proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- ROCHE, R.C. Sobre as mudanças na demanda clínica da psicanálise. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v.I, n.3, outubro 1994.
- ROSENFELD, H. On the psychopathology of narcissism: a clinical approach. *International Journal of Psychoanalysis*, 45:332-337, 1964.
- STEINER, J. (1981). Relações perversas entre as partes do self: um exemplo clínico. In: BARROS, E.M. *Melanie Klein: evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.





Ida Ioschpe Gus

STOLLER, R. *Masculinidade e feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TEICHER, M. Acerca del narcisismo, complejo de Edipo y cultura. *Revista de Psicoanálisis*, tomo XXXVIII, n.4, p.733-740, julio-agosto 1981.

Ida Ioschpe Gus

Rua Iracema, 20

90470-250 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica*

*Lenora Lerrer Rosenfield***, Porto Alegre

Este artigo compõe-se de duas partes: a primeira e mais importante é uma coleção de pinturas acrílicas que explora o tema dos monstros, demônios, duendes e bruxas; a segunda parte é um texto que discute – com auxílio do artigo de Freud, “O Estranho” – algumas das motivações subjetivas que movem o trabalho de criação artística. Examina ainda as maneiras pelas quais elaborei as motivações “estranhas” e as figuras fantásticas (monstros, demônios, duendes e bruxas) que habitam minha vida subjetiva.

* Artigo extraído da dissertação de Mestrado em pintura, na UFRGS.

** Professora Assistente do Instituto de Artes da UFRGS.





Lenora Lerrer Rosenfield

Introdução

Este trabalho é o resultado de uma reflexão sobre 18 pinturas executadas durante 3 anos através da qual procurei definir e explorar um repertório de imagens, sonhos e fantasias cuja origem está em minha vida psicológica. Ao fazer uso dessas fontes, transformei meu trabalho de pintora em uma forma de autoconhecimento. Contudo, esse autoconhecimento não deve ser confundido com uma descoberta de natureza psicanalítica em qualquer sentido técnico. Ele decorreu não de uma espécie de transcrição mais ou menos fiel de minha experiência subjetiva, mas de um uso estético de um material que, embora inicialmente subjetivo, adquiriu uma dimensão objetiva própria ao ser “traduzido” nos quadros. Assim, este autoconhecimento encontra-se apropriado primeiramente nos quadros e apenas secundariamente em minha vida reflexiva. Partimos, pois, da idéia de que é importante distinguir entre uma motivação puramente psicológica para o conhecimento de nossa vida interior e uma motivação artística, que explora essa experiência interior para alcançar um conhecimento que não é apenas uma expressão pessoal da vida subjetiva, mas primordialmente uma objetificação dessa experiência.

O escritor francês Le Clézio refere-se a esses dois processos sem distingui-los claramente quando, ao comentar seu trabalho sobre a vida de Diego Rivera e Frida Kahlo, afirma: “*escrevo para tentar descobrir quem eu sou*” (Veras, 1995). Nessa passagem ele expressa a intenção de explorar, pela arte, seu mundo interior, sem contudo chamar atenção para o fato de que o que é assim descoberto, quando criativo, ultrapassa inteiramente o relato autobiográfico e se transforma em algo palpável e intersubjetivo.

Com maior precisão diz Max Ernst, sobre esse assunto, citado por Merleau-Ponty (1969, p.47): “*assim como o papel do poeta ... consiste em escrever sob a inspiração do que nele se pensa, do que nele se articula, o papel do pintor é cercar e projetar o que nele se vê.*” Esse “cercar e projetar” é muito mais do que simplesmente estabelecer um contato com o próprio mundo subjetivo. É a transformação do subjetivo numa realidade objetiva, dotada de uma existência independente, com leis e parâmetros próprios, acessíveis e inteligíveis ao Outro. Com o auxílio dessa nova realidade artisticamente construída, podemos então “ver” com novos olhos. Nas palavras de Merleau-Ponty: “*a pintura não evoca coisa alguma, ... ela dá existência visível àquilo que a visão profana acredita invisível, faz com que não tenhamos necessidade de um ‘sentido muscular’ para termos a voluminosidade do mundo.*” “*Enquanto pinta, o pintor, qualquer que seja, pratica uma teoria mágica da visão.*” (Merleau-Ponty, 1969, p.44). A fonte de autoconhecimento na obra do artista não é, portanto, simplesmente o acesso e a manipulação do material subjetivo que está na

462 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





origem do seu trabalho, mas a nova ordem estética que o artista impõe ao seu material, revelando dimensões da realidade até então invisíveis.

O trabalho de exploração de meu imaginário valeu-se da teoria freudiana, com auxílio da qual pude vislumbrar uma lógica por trás de imagens e fantasias cuja frequência, repetição e papel, na minha vida emocional, eu não entendia inteiramente. Procurei complementar esse estudo com leituras históricas e antropológicas sobre o tema dos demônios, bruxas, monstros e duendes. Essas leituras deixaram claro o papel fundamental que tais noções e imagens desempenham no imaginário da cultura ocidental. Recorri ainda ao pensamento do surrealismo para, na minha atividade como pintora, melhor mobilizar todo esse material emocional. Os artistas surrealistas, como Miró e André Masson, foram igualmente utilizados como referência, em especial seus depoimentos teóricos sobre o surrealismo, conforme será descrito mais adiante. Por fim, fiz uso da concepção do expressionismo a respeito da espontaneidade do gesto do pintor, particularmente na forma de aplicação das primeiras camadas de tinta de cada uma de minhas pinturas.

Esses foram todos trabalhos preparatórios, que visaram apenas movimentar aquele fundo de experiência pessoal indispensável à criatividade artística que Lya Luft (1995) denominou, tão belamente, de “o Caldeirão das Bruxas”. Serviram para que eu pudesse primeiro identificar o conteúdo desse “caldeirão” e, em seguida, mobilizá-lo com espontaneidade no ato de pintar. Cada uma dessas fontes de informação contribuiu para que alcançasse o que chamo “a espontaneidade do gesto de pintar”, isto é, a transformação do material subjetivo bruto em imagem ou tema sobre a tela.

Busquei, ainda, com auxílio dos aportes acima mencionados, desenvolver uma técnica que garantisse a espontaneidade e o fluxo livre das imagens que se formavam de maneira por vezes obsessiva e contínua na minha mente. Em seguida, preocupei-me em alcançar uma estreita e direta conexão entre esses processos subjetivos de criação de imagens e a mão, através da espontaneidade do gesto. Com essa espontaneidade gestual tentei obter uma primeira e preparatória expressão do material subjetivo na tela.

Uma outra etapa do trabalho de tratamento do material subjetivo consistiu em buscar meios técnicos – exploração da figura, da pincelada, das cores, etc. – que me permitissem dar a dramaticidade adequada ao simbolismo que a “espontaneidade do gesto” me permitia colocar na tela. Nesse esforço, usei como referência as “Pinturas Negras” de Francisco Goya y Lucientes. Nelas se encontra uma extraordinária valorização da dramaticidade da simbologia dos demônios, bruxas, etc., graças ao uso de elementos técnicos muito específicos. Essa singular união do técnico e do dramático – que levou críticos como Licht a considerar Goya como precursor do expressionis-





Lenora Lerrer Rosenfield

mo – auxiliou-me a definir o objetivo fundamental de meu trabalho de pintora: desenvolver técnicas pictóricas que fossem capazes de expressar a dramaticidade própria dos temas “impostos” por meu material subjetivo.

Nessa mesma direção, mas de uma maneira menos direta, os trabalhos de Iberê Camargo permitiram-me entender o papel que a técnica do pintor deve desempenhar no domínio de suas paixões interiores para fins artísticos. A idéia de Iberê – unir no gesto de pintar a dramaticidade do mundo e a intensidade de sua personalidade com auxílio de uma grande sofisticação técnica – permaneceu para mim um ideal regulador ainda não alcançado, mas sempre perseguido.

Sabemos que numa pintura bem sucedida existe uma coordenação estreita entre a técnica e o tema que ela permite expressar. Assim, por exemplo, quando um artista utiliza a técnica das veladuras transparentes, ele pode obter um detalhamento da figura, mas pouca dramaticidade. Por sua vez, a técnica da pincelada “alla prima” (técnica de pintura a óleo, na qual o efeito final é obtido já na primeira aplicação da camada de tinta, evitando que a tinta seja aplicada camada por camada), utilizada por Goya, expressa dramaticidade e obtém deformação da figura. Desse modo, diferentes técnicas podem alcançar resultados diferentes na expressão dos mesmos componentes psicológicos da pintura.

Por fim, o estudo das relações entre tema e técnica deve levar em conta o repertório iconográfico simbólico e o imaginário do artista, mas não de uma maneira confessional, isto é, do ponto de vista exclusivo das motivações pessoais. Para o artista, a questão realmente desafiadora não é a reconstrução de sua biografia psicológica, mas o estudo do sistema de símbolos expresso na obra “gerada” a partir dessa biografia.

A gênese psicológica das imagens pictóricas

O primeiro desafio do artista plástico consiste em tornar consciente para si mesmo o material subjetivo disponível para utilização na criação artística. Alcançado o acesso a esse material, pode então o artista selecionar nele as imagens e os temas sobre os quais deseja concentrar sua atenção. A tomada de consciência do material subjetivo tem suas raízes no fluxo *natural* da nossa vida psíquica. Nosso controle sobre esse fluxo, sobre o que vem ou deixa de vir a nossa consciência, é sabidamente muito limitado. Além disso, a explicação das causas pelas quais determinadas idéias e imagens nos ocorrem é matéria que convém à psicologia e não à teoria estética. Contudo, o interesse que o artista possa ter sobre a natureza particular de seus próprios processos psicológicos, enquanto únicos, tem por certo uma relevância pessoal,

464 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





mas que, por si só, pouco ou nada diz sobre sua obra. O que interessa, do ponto de vista estético, é a função que tais idéias e imagens desempenham na criação do objeto estético. É bem conhecido que a análise da psicologia individual não se confunde com a análise da psicologia da criação artística.

Em minha experiência pessoal, o material subjetivo utilizado na pintura aflora à consciência na forma de imagens que se sucedem como um fluxo de idéias. Com frequência, não são imagens acabadas, mas “pistas visuais” ou “flashes”, que podem guardar muita ou pouca relação com realidades objetivas. Tais imagens podem ocorrer a qualquer momento, “disparadas” pelos mais variados estímulos subjetivos ou objetivos, embora elas sejam mais frequentes durante aqueles períodos em que estou trabalhando ou me dispondo a trabalhar em uma tela.

Entre as muitas imagens que surgem antes da execução de uma pintura, pelo menos uma dessas imagens tende a permanecer de maneira obsessiva no meu pensamento. No mais das vezes, essa imagem surge repentinamente e se impõe pela insistência. Ela não parece ter sido escolhida por mim, mas, ao contrário, parece ter-se imposto por sua própria força. Percebo-me, então, como o instrumento de uma imagem que tenho dificuldades para definir e que está em busca de expressão. Sinto-me como se estivesse a serviço da expressão dessa imagem.

Nessa etapa do trabalho, faço todo o esforço para permitir que essas imagens se selecionem “por si mesmas”. De minha parte, procuro aumentar minha receptividade a esses fluxos de imagens, suprimindo, na medida do possível, toda a censura ao material que aflora à minha consciência. Além disso, procuro estimular esse fluxo por meio de algo que se poderia chamar de “livre associação de imagens”. Por vezes, imagens associadas a certos temas se impõem.

Determinadas imagens “insistem” em vir à tona na busca de uma expressão pictórica plena. Em alguns casos, uma imagem já aparece com sua personalidade pictórica relativamente definida. Em outros, ela apenas sugere explorações. Nos dois casos, no entanto, ela força sua presença. Essa insistência é o sinal que me leva a selecionar determinada imagem e não qualquer outra.

Esses processos informais de exploração e seleção de imagens guardam alguma relação com o que os surrealistas chamavam de “automatismo psíquico”, isto é, o processo de expressão objetiva do pensamento na ausência de todo controle exercido pela razão. Cabe salientar, contudo, que, no sentido descrito por André Breton no *Manifesto Surrealista* de 1924, a noção de automatismo usada pelos surrealistas não coincide inteiramente com a que emprego. Breton fala de um “*automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética*”





Lenora Lerrer Rosenfield

ou moral”. (Breton, 1985, p.58). Sua definição inclui, portanto, um desejo de exprimir “o funcionamento real do pensamento”. Em meu caso busco muito menos: apenas permitir que o fluxo de imagens me forneça *pistas visuais* com as quais eu possa depois trabalhar.

Uma vez na posse de imagem ou imagens dominantes, sinto como se meu pensamento estivesse “suspenso” ou “pairando no ar”. Esse estado, que se alterna entre uma certa lucidez e uma certa inconsciência, favorece a minha exploração do que há de “desconhecido” ou “estranho” na imagem. Essa exploração passa-me uma sensação prazerosa, que serve de mola propulsora na busca posterior das figuras, formas, cores, etc. – apenas insinuadas por essa primeira imagem, – que possam ser usadas para sua expressão pictórica plena.

O significado universal das imagens – o tema

Tornei-me consciente do tema dominante nas pinturas aqui apresentadas – imagens de entidades consideradas monstruosas ou malignas – através do pedido de uma criança para que pintasse uma bruxa. O pedido, de intenso valor emocional para mim, reacendeu um antigo interesse pessoal pelo tema das bruxas e demônios, interesse que se desenvolvera e que se consolidara durante os meus estudos sobre as “Pinturas Negras” de Goya.

Uma vez despertado o interesse no tema, minha “atenção flutuante” centrou-se inicialmente em imagens de bruxas. No esforço para bem atender a solicitação infantil, procurei auxiliar minha imaginação recorrendo aos livros de contos de fadas familiares na minha infância. Do ponto de vista estritamente psicológico e subjetivo, a convivência com essas imagens apareceu-me progressivamente como uma solicitação para um “encontro” com símbolos ou sinais importantes de minha vida interior pregressa. Do esforço para atender a essa solicitação, resultou o primeiro quadro, a pintura de uma bruxa, intitulada “Auto-Retrato I” (**Figura 1**).

Em meus trabalhos anteriores, a figura básica de uma bruxa já recebera conotações adicionais e associara-se a símbolos conexos. Associara-se a, ou melhor, transmutara-se inicialmente na figura de Lilith, personagem da Cabala. Segundo a tradição cabalística, uma mulher teria sido feita para Adão a partir da terra e não a partir de sua costela, como Eva. Essa outra mulher, Lilith, teria ofendido Deus ao exigir para si direitos iguais aos de Adão. Vendo recusado seu pedido, Lilith, amargurada, teria abandonado o Paraíso e iniciado uma carreira demoníaca (Scholem, 1980, p.195). Na tradição que se construiu a respeito da figura de Lilith, ela passou a ser concebida por alguns como uma bruxa e por outros como uma concepção feminina do demônio.





Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica

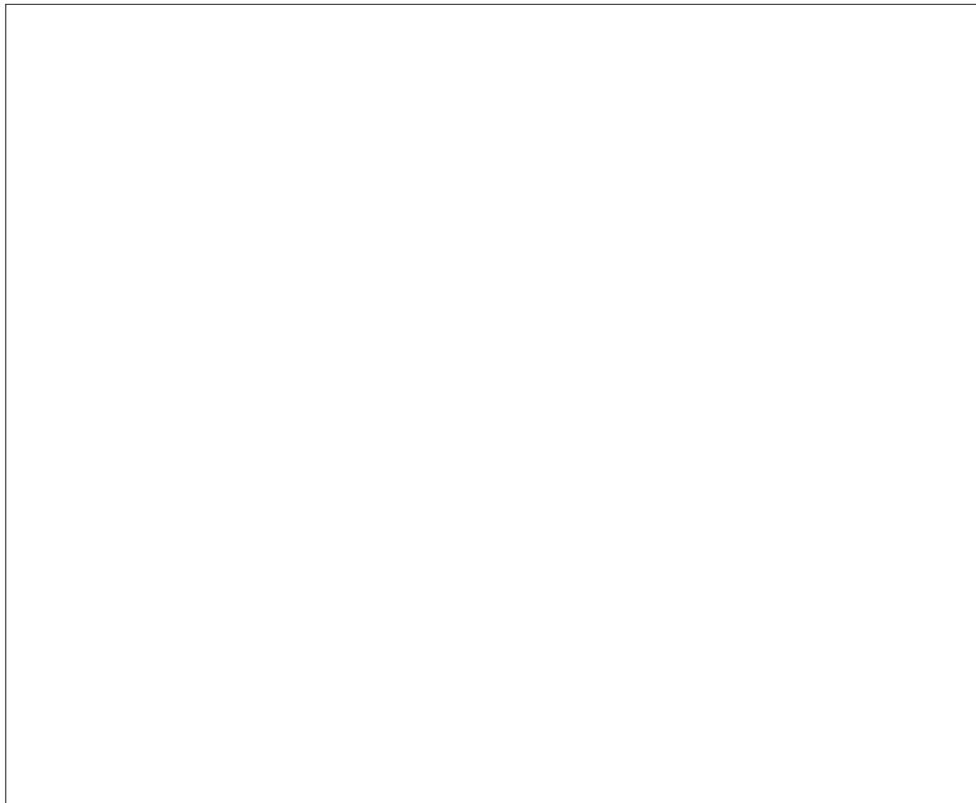


Figura 1 – Auto-Retrato I, 60x73, 1992.

Essa concepção de Lilith me levou a associar imagens de bruxas com imagens de demônios. Esse tema foi explorado em uma pintura intitulada “Lilith Voadora”. (**Figura 2**).

Uma segunda associação foi importante para expandir ainda mais o campo das imagens temáticas a explorar. Ao buscar representações da figura de Lilith na pintura, fui levada a reexaminar as “Pinturas Negras” de Goya, nas quais a personagem cabalística aparece como o correspondente feminino do demônio. Nesses quadros de Goya, está magnificamente representada toda sorte de criaturas monstruosas, além de bruxas e demônios. Ali, esses monstros ou demônios são seres humanos desprovidos das máscaras cotidianas que usam para velar ou esconder o que existe fora do controle da razão humana.

Em resumo, a partir de imagens nascidas de demandas subjetivas bem particulares, estendi progressivamente o campo das associações compatíveis, valendo-me de temas e imagens que estão arraigados no pensamento religioso do misticismo e





Lenora Lerrer Rosenfield

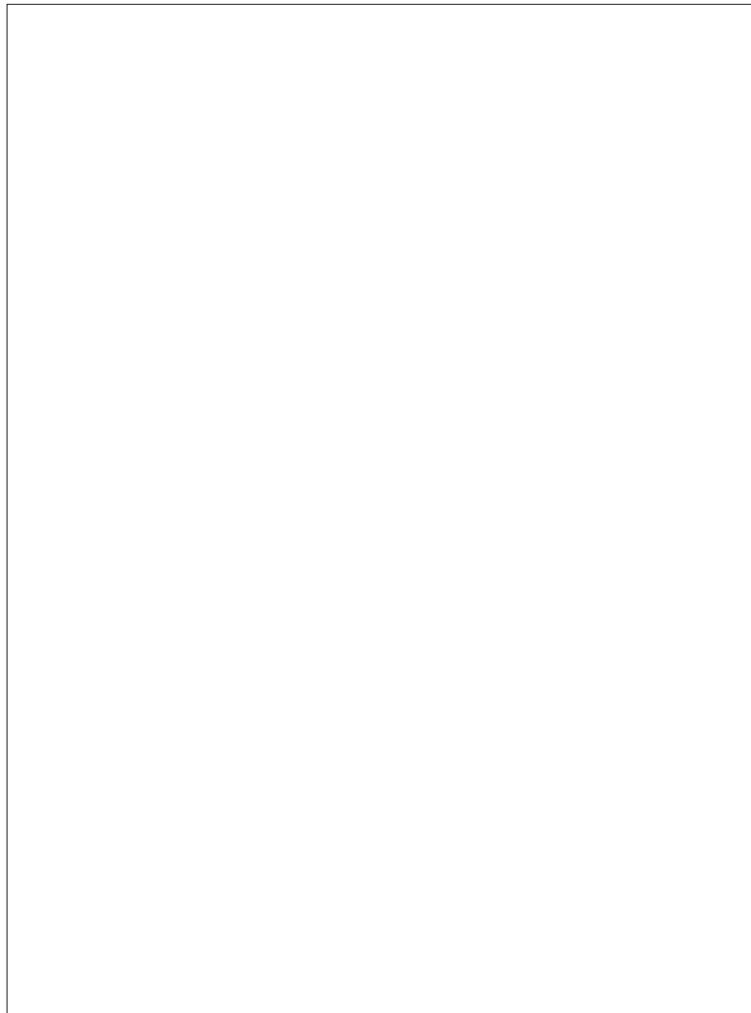


Figura 2 – Lilith Voadora, 81x60, 1992.

fecundamente expressos na pintura moderna. No esforço de ampliar o alcance e riqueza de temas nascidos no círculo estreito de minha experiência pessoal, pude incorporar progressivamente à minha temática um conjunto de motivos e imagens que são patrimônio da cultura universal.

Para uma melhor compreensão dos mecanismos psicológicos que tornam essa transposição ou transformação de experiências internas em imagens de bruxas e demônios parte da experiência humana partilhada, convém examinar as considerações de Freud a respeito do assunto.

Em estudo intitulado “O Estranho”, Freud apresenta subsídios valiosos para a





compreensão do papel que símbolos como de bruxas e de demônios desempenham em nossa vida psicológica e em nossas produções culturais. Durante o desenvolvimento de meu projeto, utilizei esses subsídios para, de um lado, esclarecer as fontes e o significado desse material simbólico em minha vida emocional e assim explorar melhor suas virtualidades no meu imaginário e, de outro lado, para identificar as fontes do interesse potencial do espectador nessa temática.

Em que consiste a estranheza e o temor que causam, em muitos de nós, as figuras e histórias de bruxas, demônios e duendes? E por que, apesar disso, tais entidades ocupam lugar tão proeminente no imaginário da maior parte das sociedades conhecidas? Em que consiste sua estranheza atemorizante? A língua alemã, nos lembra Freud, reúne na palavra “estranho” toda uma gama de significados que normalmente associamos com aquelas entidades. “Estranho” em alemão diz-se “das Unheimliche”, adjetivo substantivado que significa literalmente “o não familiar”, conotando ainda valores como “o inquietante”, “o sinistro”, “o lúgubre”, “o medonho”, “o numinoso”, etc.

É difícil determinar se o que tomamos por estranho é, do ponto de vista emocional, apenas um elemento interno assustador ou se, além disso, está associado a outros afetos. Contudo, seja qual for a alternativa que aceitamos, “o estranho” não deve ser entendido como algo que é inteiramente novo ou completamente alheio a nós. “O Estranho”, diz Freud, refere-se a algo que nos é familiar e de há muito estabelecido em nossa vida mental, mas que foi alienado por um processo psicológico de repressão. Nesse sentido, Freud lembra, com aprovação, a definição do “estranho” oferecida pelo filósofo alemão Schelling: “*estranho é o nome de tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.*” (Schelling apud Freud, 1976, p.281).

O que nos aparece como estranho pode ser dividido em três grandes categorias: o que realmente experimentamos como estranho, o que visualizamos como estranho e, finalmente, o que lemos a respeito do estranho. Todas essas categorias de coisas assustadoras que, tomadas no seu conjunto, constituem “o estranho”, correspondem, na teoria psicanalítica, a afetos pertencentes a um impulso emocional familiar. Esse impulso transforma-se ao ser reprimido, formando uma categoria de elementos assustadores que, uma vez recalçados, tendem a retornar à vida mental do indivíduo.

Segundo a psicanálise, esses elementos “estranhos” estão associados à onipotência dos pensamentos, – por exemplo, à realização mágica de desejos, à existência de poderes secretos maléficos ou à crença no retorno dos mortos, – em suma, a formas primitivas de pensamento. O aparecimento da experiência da “estranheza”, no sentido acima definido, indica que, de algum modo, formas de pensar de nossos antepassados, já racionalmente superadas, retornam a nossa vida mental. Nesse caso,





Lenora Lerrer Rosenfield

como em tantos outros, crenças primitivas permanecem em nós como uma herança.

Esse fenômeno pode ser encarado como um teste de realidade, semelhante ao que ocorre quando nos olhamos em um espelho sem nos reconhecermos. Nesse caso, nossa imagem refletida cria o estranho efeito de um duplo, de um Outro, de um desconhecido que parece semelhante a nós. Mas a estranheza que nos interessa é a que tem origem em elementos emocionais infantis reprimidos, como o complexo de castração, as fantasias de estar no útero materno, etc. Nas palavras de Freud, “...*uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de uma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se*” (Freud, 1976, p.310).

Freud denomina “fenômeno do duplo” a essa transformação de experiências internas em imagens de conteúdos “estranhos”, como bruxas e demônios. Essa transformação se faz através de uma projeção, de um processo mental que produz duas ou mais entidades que são aproximadas e tornadas intersubstituíveis. Trata-se de uma relação dita “telepática”, que faz com que as características de um dos personagens da dupla sejam transplantadas para o outro, fazendo com que o segundo conserve os mesmos conhecimentos, sentimentos e experiências do primeiro. Em termos psicológicos, nesse procedimento o sujeito identifica-se com outra coisa ou pessoa expressa através do “estranho”. Dessa forma estabelece-se uma duplicação, uma divisão e intercâmbio de propriedades entre o eu e o seu outro, o duplo.

A natureza desse processo foi descrita por Kappler nos seguintes termos: “... *o duplo mecanismo de projeção das fantasias e de recriação da realidade é ilustrado no monstro: esta é uma maneira de ver ao mesmo tempo o que não se vê ordinariamente e o que não se gostaria de ver; nele se conjugam angústia e desejo. Além disso, como ocorre com a tentação, o monstro é apenas um episódio da experiência humana, é apenas uma das fases pelas quais o homem passa na busca de si mesmo. Tal é o sentido dos monstros que se postam no caminho dos heróis míticos: Gilgamesh, Ulisses, Édipo...*” (Kappler, 1994, p.368).

Os monstros [e entidades assemelhadas, como bruxas, demônios, duendes, etc.] parecem possuir uma certa perenidade histórica em razão de sua função dentro do psiquismo humano. Em diferentes épocas encontramos narrativas e teorias a respeito dessas entidades, o que demonstra a universalidade do interesse sobre o tema. Esse fato reforça, do ponto de vista antropológico, a concepção freudiana sobre a relação do monstruoso e do estranho com as pulsões humanas fundamentais.

Ao lidar com esses símbolos através da pintura, busquei transmutá-los, pouco a pouco, de estranhos em familiares, de ameaçadores em reveladores. Através do convívio consciente e do esforço de pintar esses temas, procurei deixar de sentir o

470 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





estranho ou o duplo demoníaco como uma ameaça e passei a vê-lo como um instrumento de revelação, através de sua “recomposição” por meio da arte.

Do ponto de vista estritamente pessoal, desimportante nesse trabalho, pude gradativamente reconhecer, através das metáforas pintadas, o pleno significado de uma experiência psicológica inconsciente que, até o momento da sua expressão pictórica, se encontrava reprimida para mim.

Para melhor entendimento do processo mencionado, convém enumerar as diferentes fases pelas quais passo durante a produção de uma pintura. Uma passagem de Miró resume os dois momentos fundamentais desse processo. Em uma entrevista a James J. Sweeney, Miró apresenta o tema da seguinte maneira:

“...começo uma tela sem ter idéia do que ela eventualmente se tornará. Coloco-a de lado depois de passado o primeiro ímpeto. Posso passar meses sem olhar novamente para ela. Então retomo-a friamente, como um artesão, guiado rigorosamente pelas regras da composição, depois de arrefecido o primeiro choque da sugestão...” (Chipp, 1988, p.439).

Miró contrasta a etapa do “ímpeto” com a etapa da “composição”. Nessa passagem, sua intenção é apenas destacar o contraste entre o processo espontâneo e o processo racional que compõem a criação pictórica. Usando esse contraste como ponto de partida, encontro em meu trabalho diversas etapas, com frequência sobrepostas, que aqui distingo para atender o objetivo da clareza.

A primeira etapa, já referida anteriormente, é a da transposição de uma imagem incompleta para a tela branca. Por imagem incompleta entendo uma forma plástica, uma parte de imagem, uma mancha de cores, uma textura, etc. Essa imagem incompleta é selecionada entre outras imagens por sua presença insistente no meu pensamento. Emprego o método de buscar uma imagem através da livre associação entre figuras e emoções. Ela é colocada na tela por meio de gestos espontâneos, não calculados.

Já em outras telas, busquei a imagem com auxílio da técnica de sugestão, valendo-me de manchas de tinta produzidas a partir de pinceladas. Tais manchas, segundo alguns psicólogos, projetam imagens inconscientes. Sempre que utilizei essa técnica, trabalhei com duas telas ao mesmo tempo. Enquanto concluía uma pintura, utilizava os restos de tinta deixados na palheta para produzir manchas em uma tela virgem. Isso é feito com rapidez, impulsivamente, com frequência utilizando-me do cabo do pincel. Não sigo, nessa etapa, um processo de seleção racional e consciente.

A técnica das manchas já era utilizada por Leonardo da Vinci. Foi reabilitada





Lenora Lerrer Rosenfield

por surrealistas como Miró, que afirmou a respeito: “...hoje, raramente começo um quadro partindo de uma alucinação, como fazia na década de 20, ou mais tarde, a partir de colagens. O que hoje é mais interessante para mim é o material com o qual estou trabalhando. Ele me proporciona o choque que sugere a forma, tal como as rachaduras na parede sugeriam formas a Leonardo” (Chipp, 1988, p.439).

A etapa seguinte inicia-se com uma reação a esse processo de extroversão da imagem. Sinto, então, uma grande sensação de libertação, seguida de um sentimento de vazio e uma grande repulsa pela imagem agora “abandonada” na tela. A partir desses sentimentos, fico durante algum tempo – horas, dias, meses, – incapacitada de trabalhar sobre a tela.

O terceiro momento, de retorno à tela, uma vez concluído o “luto”, ainda não é dirigido por um projeto de quadro definido. Nessa etapa minha mão trabalha sobre a tela com total liberdade, como se respondendo ao que já está pintado. O que estimula os movimentos de minha mão são “os apelos” que me são sugeridos, como que automaticamente, pelo já pintado anteriormente. Trata-se de uma etapa inversa à primeira: aqui é imagem objetiva (pintada) que conduz meus movimentos; na etapa anterior a imagem subjetiva guiava minha mão. Ainda nesse caso não se trata da execução de um plano previamente concebido.

Numa quarta etapa, passo finalmente a trabalhar com preocupações estéticas claramente concebidas. Busco, então, alcançar o equilíbrio do quadro, organizá-lo esteticamente. Isso implica numa preocupação com planos, contornos e principalmente luzes. Pinto, então, para guiar o espectador. Luz, plano, etc. são usados para orientar o seu olho, ensiná-lo a ver o que deve ser visto.

Uma última etapa, distinguível da anterior apenas por artifício racional, é a da conclusão da pintura. Subitamente o quadro me aparece como completo, terminado, organizado. Percebo que continuar trabalhando para aprimorá-lo seria aceitar uma tarefa infinita e inútil – tudo sempre pode ser melhorado. O que me parece importante nesse momento é que o quadro parece ter adquirido vida própria. Sinto então que ele está, como dizia Iberê Camargo, “bem pintado”.

O encontro do estranho com a técnica

A escolha do objeto artístico usado como modelo, cultuado pelos surrealistas movidos pela paixão, tinha como objetivo a sua descoberta, levando o artista a criar uma nova imagem ou concepção para o mesmo objeto.

Para os surrealistas, “O objeto encontrado é aquele que, entre muitos outros, exerce a atração do nunca visto. Trata-se geralmente de um objeto artesanal fora de





moda, cuja necessidade prática não é evidente e cuja origem é impenetrável. O impulso de o comprar ou de parar diante dele é de caráter passional.” (Alexandrian, 1973, p.146).

Se considerarmos esse material não apenas da perspectiva surrealista do “objeto encontrado”, mas o encararmos como um objeto, pessoa, ato, ou razão “perdido” ou “dilacerado”, poderemos encarar esse elemento como uma fonte de desejos imaginariamente perdidos, reencontrados pela paixão. Esse “reencontro” pode ter sido a razão que levou tais artistas a pintarem. Freud diria que se trata aqui do primeiro amor reencontrado em outro amor.

Essas considerações sugerem a questão fundamental desta pesquisa. Usei a metáfora do “reencontro”, o momento em que se inicia um caso de paixão, para falar do ato de pintar. Pintar é, para mim, tentar “encontrar algo perdido”, que é invisível e que às vezes se torna magicamente visível através da arte.

Hanna Segal (p.102), falando de temas conexos a esse, descreveu o processo criador do artista, afirmando que, de acordo com Proust, “*um artista é compelido a criar pela sua necessidade de recuperar o seu passado perdido.*” (Proust apud Segal, 1969).

Segal descreve esse processo da seguinte forma: “*Citei Proust extensamente porque ele revela uma percepção profunda daquilo que acredito estar presente no consciente de todos os artistas: a saber, que toda a criação é realmente a recriação de um objeto outrora amado e outrora inteiro, mas que agora está perdido e destruído, um mundo interno e um eu destruídos. Quando o mundo dentro de nós está destruído, quando está morto e sem amor, (...) – é então que devemos recriar o nosso mundo novamente, reunir as peças, infundir vida aos fragmentos mortos, recriar a vida*” (Segal, 1969, p.104).

Essas referências ligam-se de maneira estreita ao meu trabalho. Assim, por exemplo, o passado é uma referência importante para um artista como Goya e uma fonte essencial de minha produção. Essa relação com o passado também está ligada ao exercício da restauração de pinturas – minha atividade profissional secundária – procedimento que implica em relacionar-se, em remexer no passado e em reconstituí-lo ou repará-lo.

No meu caso, a exteriorização do passado dá-se através da pintura e da restauração, atividades que mutuamente se necessitam, do mesmo modo como o real precisa do irreal ou do possível para existir. Essa é uma concretização da duplicidade entre o oculto e a revelação, o real e o irreal.

A busca dessa duplicidade apresentou-se de maneira errônea nos meus primeiros anos de trabalho, nos quais visei apenas imagens interiores para pintar. Tentei encontrar as imagens interiores sem ter primeiro reconhecido as imagens exteriores.





Lenora Lerrer Rosenfield

O exercício da restauração me possibilitou aprender que os elementos exteriores, absorvidos através da cópia e da intensa observação do real exterior, me permitiriam uma experiência do objetivo que eu poderia comparar com o subjetivo. Esses elementos exteriores funcionam como um sistema de limites para a representação pictórica intersubjetivamente comunicável. Esse processo de aprendizado do objetivo e seus limites permitiu-me, mais tarde, o emprego dos “*elementos do mundo exterior existente, para criar com eles uma realidade própria*”, a partir de minha experiência subjetiva (Segal, 1969, p.102).

Com a compreensão dessa relação entre objetivo e subjetivo, alcancei os meios para exorcizar, através da pintura, os “demônios” interiores. Um segundo elemento essencial para a transformação de meu imaginário em pinturas temáticas nasceu do desenvolvimento de uma técnica apropriada à expressão da matéria escolhida. A combinação do modelo subjetivo, após o exercício do modelo real e o domínio da técnica, resultou na expressão-deformação em forma de demônios, bruxas e monstros. Com isso, a solução técnica gerou os instrumentos necessários para o tratamento objetivo de um tema subjetivo. □

Summary

This article comprises two parts. The first and main part is a collection of acrylic paintings which explored the theme of monsters, demons, hobgoblins and witches. The second part is a text that discusses – with the help of Freud's article, "The Uncanny" – some of the subjective motivations which move artistic creation. It examines the ways in which I elaborated the "uncanny" motivations and the fantastic figures (e.g., monsters, demons, hobgoblins and witches) which dwell in my subjective life.

Referências

- ALEXANDRIAN, Sarane. *O surrealismo*. Lisboa: Verbo, 1973, p.280.
BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.231.
CHIPP, H.B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.675.
EHRENZWEIG, Anton. *A ordem oculta da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.287.
FREUD, Sigmund, O estranho. In: ———. *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Imago, 1976. Vol. 18. p.273-318.
GOMBRICH, E.H. *Freud y la psicología del arte*. Barcelona: Barral, 1971, p.132.
GUILLAUD, Jacqueline and Maurice. *Goya: the phantasmal vision*. New York: Clarkson N. Potter-Guillaud, 1987, p.352.

474 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica

- KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da idade média*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.497.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo, 1969, p.111.
- MULLER, Priscilla E. *Goya's black paintings*. New York: The Hispanic Society of America, 1984, p.253.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Porto Alegre: L&PM, 1976, p.88.
- SCHOLEM, Gershom. *La kabbalah e il suo simbolismo*. Torino: G. Einaudi, 1980, p.266.
- SEGAL, Hanna. Uma concepção psicanalítica da estética. In ———. Melanie Klein et al. *Temas de psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.97-122.
- VERAS, Eduardo. O amor nos tempos da revolução. *Zero Hora*, Porto Alegre, 24 jan. 1995. Segundo Caderno, p.8.

Lenora Lerrer Rosenfield

Av. Protásio Alves, 1281, Sala 203
90410-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **476** é branca





Arte pura e ciência pura – um encontro com Ernesto Sábato

Luiz Carlos Meneghini, Porto Alegre*

O autor, dirigindo-se a um Congresso de Escritores em 1991, procura remontar às raízes inconscientes que levam pessoas criativas à arte pura ou à ciência pura. O enquadramento teórico subjacente a este trabalho é baseado em idéias apresentadas pela renomada psicanalista Ella Freeman Sharpe. Esses conceitos são exemplificados pela vida e obra de Ernesto Sábato, inicialmente um matemático e físico que se tornou mais tarde um conhecido ficcionista e ensaísta, bem como um pintor distinguido ao redor de seus oitenta anos. Desempenhou também um importante papel no campo dos direitos humanos. O autor inclui, outrossim, um rápido perfil de Sábato, obtido na sua casa em Buenos Aires, no inverno de 1991, durante uma entrevista pessoal.

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Luiz Carlos Meneghini

“Habrá siempre un hombre tal que, aunque su casa se derrumbe, estará preocupado por el Universo. Habrá siempre una mujer tal que, aunque el Universo se derrumbe, estará preocupada por su casa.” (Sábato, 1984).

Ao convidar-me para o Quarto Encontro Estadual de Escritores (Garibaldi, RS, outubro de 1991), Paulo Wainberg solicitou um texto sobre raízes psicológicas da criação literária.

Como já havia discorrido bastante sobre o tema e não gostaria de repetir idéias, algumas até já publicadas em revistas de psicanálise ou em conferências divulgadas para grupos restritos, cogitei, então, de abordar conceitos sobre alguns determinantes inconscientes que atuam na mente de quem faz ciência pura ou se ocupa em produzir arte pura.

No que me diz respeito, não faço ciência pura e seria pretensão vã intitular-me cientista. Minha formação médica levou-me, obviamente, a um pensamento racional e padrões científicos; a especialidade que escolhi – a psicanálise – proporciona um método de tratamento e investigação que conduz à construção de teorias científicas sobre a personalidade, contemplando os processos mentais desde suas raízes na infância, mesmo em etapas pré-verbais, que vão se constituir nas raízes primitivas das sublimações envolvidas nas diversas manifestações da criatividade.

Mas, por outro lado, minhas inquietações – ansiedades, mesmo – não se esgotam de forma integral com os frutos da atividade clínica diária; insaciável curiosidade me impeliu a apreciar manifestações artísticas, principalmente no campo da literatura mas, também, das artes plásticas e da música.

Assim, a contribuição que agora apresento, com grande certeza, resulta de um dilema próprio, de alguém que, não chegando a ser um cientista puro, também não alcançou aquilo que gostaria, quiçá, de ter sido, isto é, um artista criativo.

Em todo o caso, poder entender os fenômenos envolvidos no dilema já ministra um grande consolo.

“Determinantes inconscientes similares e divergentes que subjazem às sublimações da arte pura e da ciência pura” é o título de um artigo publicado em 1935 por Ella Freeman Sharpe. Esta brilhante psicanalista inglesa, que viveu de 1875 a 1947, antes de iniciar seu treinamento profissional com Hans Saachs, havia sido professora de literatura inglesa, o que explica seu interesse posterior, quando abordou muitos problemas relativos à estética.

Não sendo propriamente uma discípula de Melanie Klein, adota, no entanto, no artigo mencionado, muitos pontos de vista dessa autora, dando contornos quase definitivos ao problema que nos ocupa.

478 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Seria impossível resumir aqui toda a riqueza do material e de interpretações que ela alinha como preliminares às suas onze conclusões, das quais transcreverei apenas três:

“1. Os divergentes mecanismos subjacentes na arte e na ciência são os de projeção e introjeção. O cientista lida com sua problemática psíquica em termos do universo exterior; o artista em termos dele próprio. Num predominam os processos do pensamento, no outro o conhecimento do corpo e dos processos corporais.

2. Estes mecanismos divergentes são métodos para manejar um problema comum, isto é, a preservação do objeto bom e de si mesmo das fantasias agressivas infantis, derivadas de frustração interna e externa, frustração essa vivenciada em etapa oral, quando desejos de autopreservação e libidinosos eram inseparáveis.”

E, agora, a décima primeira e última conclusão de E.F. Sharpe:

“11. Ciência e arte representam dois métodos de conhecer o universo, externo e interno. Processos de pensamento ligados a fantasias inconscientes de índole sexual e agressiva comprometem o conhecimento puro...” “...Há alguns exemplos com os quais estou muito familiarizada, indicando como avanços em nossa própria ciência são dificultados pela projeção de coisas ‘más’ para dentro das teorias científicas, assim como pode ser verdade que diferentes aspectos de nossa ciência podem ser negligenciados, enfatizados ou carentes de coordenação em função de nossas próprias urgências internas: mas, mesmo quando conhecimento puro é atingido na ciência e arte pura pelo artista é, entretanto, a correlação do conhecimento puro intuitivo do corpo com os processos do pensamento que trará a unidade do conhecimento. Projeção e introjeção são processos complementares, o externo e o interno, as superfícies convexa e côncava de uma verdade única” (Sharpe, 1950).

Os conceitos até aqui introduzidos poderiam ser documentados com o estudo da vida e da obra de grandes artistas ou de renomados cientistas do passado ou da atualidade.

Mais fascinante, porém, seria encontrar estes dois atributos da criatividade presentes em uma mesma personalidade: tal figura deverá reunir excepcionais qualificações, como alguém próximo da genialidade.

Os caminhos do acaso, dois meses atrás, conduziram-me a uma pessoa com





Luiz Carlos Meneghini

estas invejáveis características. Durante o último Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Buenos Aires, julho último, reencontrei Paulo Grimaldi, velho amigo e colega porto-alegrense, que lá viveu longos anos, antes de radicar-se no Rio de Janeiro. Grimaldi, de longa data, é ligado por laços fraternais a Ernesto Sábato, conhecido escritor argentino, ensaísta e novelista, que recentemente esteve em evidência pela coordenação que fez, designado por Alfonsín, do relatório das atrocidades cometidas na Argentina, ao curso das últimas ditaduras.

Um rápido contacto telefônico levou-nos a uma povoação nos arredores da capital argentina, com o curioso nome de “Santos Lugares”.

Depois de um pequeno jardim, com vegetação um tanto agreste, uma casa térrea, confortável mas modesta, onde predominam livros e mais livros, muitos em estantes improvisadas. O traço predominante é a grande simplicidade.

Recebeu-nos um homem de 80 anos, magro e alto, com surpreendente agilidade de gestos e no caminhar, transpirando cordialidade e vigor físico e intelectual, com a elasticidade de um felino, cabelo já escasso e vasto bigode branco, óculos de aros pretos e lentes escurecidas que mal disfarçam olhar curioso, brilhante e inquieto.

Feitas as apresentações, limitei-me a ser mais ouvinte do que participante do diálogo que corria fluente entre Sábato e Grimaldi.

Com a vivacidade de um jovem, Sábato discorreu sobre as preocupações de seu cotidiano, pequenas limitações impostas pela idade e, sobretudo, com os padecimentos de sua mulher, portadora de um quadro vertiginoso que lhes dá escassas possibilidades de saírem fora dos limites do lar. Emergem, espontaneamente, episódios de seu passado, projetos atuais, sempre acompanhados de comentários brilhantes e mordazes, com fina ironia de Sábato.

Um tema que perpassa seu discurso é o “tumulto” interior que sente durante toda sua vida, exigindo-lhe o trabalho científico ou artístico sem os quais, confessa, teria enlouquecido.

Este “tumulto” ou angústia – como eu ousaria dizer – levou-o, inicialmente, à matemática, à física e à filosofia.

Deixemos, entretanto, que fale o próprio autor, em depoimento publicado em sua obra:

“Se sabe que usted estudió ciencias físico-matemáticas en su juventud y frecuentemente hemos comentado ese hecho como una inexplicable curiosidad. Tiene usted alguna explicación, existe algún motivo que la gente ignore? Se ansía lo que no se tiene, y el orden y la claridad que en algún momento de mi vida busqué en el universo matemático eran preciosamente buscados a causa de mi tumulto...” “Desde que recuerdo, mi vocación fue artística: la





pintura y la ficción. Sin embargo, en dos momentos cruciales de mi vida corrí hacia las matemáticas. Primero, cuando fui enviado desde mi pequeño pueblo pampeano a una ciudad para mí grande y terrible, a seguir mis estudios secundarios. Me encontré solo y desamparado, lejos de mi madre, rodeado por chicos que se conocían entre sí, que parecían brillantes, que no podían sino considerar con irónica superioridad a un muchacho del campo. Yo había sido patológicamente introvertido, mis noches estaban pobladas de pavorosas pesadillas y alucinaciones, y todo ese tumulto interior y nocturno permanecía dentro de mí, disimulado por mi timidez. Al encontrarme en un mundo más duro, esos males se agravaron hasta un grado que es difícil suponer, y pasaba largas horas cavilando y llorando. Y entonces, de pronto, encontré ante mí el mundo matemático. Todavía ahora recuerdo el éxtasis que experimenté en la primera demostración de un teorema: todo el orden, toda la pureza, todo el rigor que faltaba en mi mundo de adolescente, y que desesperadamente anhelaba, se me revelaba en ese orbe transparente de las formas geométricas; en ese universo platónico y perfecto que fascinaba al vicioso Sócrates. Por primera vez, también, aunque de modo casi inconsciente, me sentí disputado por dos fuerzas encontradas: la que me arrastraba hacia un abismo oscuro, la que intentaba rescatarme mediante los poderes del orden y la luz. En una segunda encrucijada de mi vida, en otro momento de caos y desesperación, volví a acercarme a las matemáticas. Aunque más exacto sería decir que corrí hacia las matemáticas. En 1935 yo había ido, siendo estudiante, a un congreso comunista de Bruselas. Ya iba en plena crisis, mi cabeza era un pandemonio, mis ideas estaban revueltas, nada me parecía claro ni convincente. De Bruselas debía seguir hacia Rusia, pero lo que hice fue fugarme a Paris, sin autorización, naturalmente, de mis superiores. Allá, sin dinero, sin amigos, sin ánimo para nada, enfrenté una tremenda crisis. Durante un tiempo pude dormir en la pieza de un portero comunista de la École Normale Supérieure, que me hacía entrar de noche por una ventana, que creo daba a la Rue d'Ulm. Comía con algunos francos que me daba ese maravilloso ser humano, que me obligaba a aceptar; hasta que conocí a unos estudiantes venezolanos que me recogieron fraternalmente. Un día de máxima desesperación fui a la librería Gibert y robé un libro de Análisis Matemático, de Borel. Volví a la pieza del amigo en que dormía y a la luz de una lámpara (era invierno, no había casi luz natural) empecé a leer su primera página. Pocas veces en mi vida sentí una tal paz interior, un confortamiento tan hermoso. Cuando por fin pude volver al país, me refugié en el Instituto de Física de La Plata, donde trabajé frenéticamente y terminé mi doctorado en 1937. Enton-





Luiz Carlos Meneghini

ces, el doctor Houssay me dio una beca para hacer trabajos de investigación en el Laboratorio Curie. De ese modo volví por segunda vez a Paris. Pero cuando comencé mis tareas, con Irène Joliot, comprendí de pronto que todo eso no era más que una complicadísima evasión, y en el fondo una cobarde salida a mis auténticos problemas interiores. Empecé a vincularme con los surrealistas, particularmente con Oscar Domínguez, y de ese modo creo que se inició la etapa final (y más auténtica) de mi existencia. Supe entonces que mi paso por la ciencia había terminado para siempre. Muchos juzgaron (Houssay, Gaviola, etc.) esa actitud mía como una traición, del mismo modo que los comunistas unos años antes con mi alejamiento del partido; y desde el punto de vista de ellos seguramente que lo era; pero creo que uno debe soportar cualquier clase de acusación por lealtad insobornable hacia uno mismo, hacia los ditados más profundos de su propia conciencia.” (Sábato, 1963).

Nesta longa citação, transparecem, aos olhos do psicanalista, terríveis sentimentos de abandono, pelo escritor localizados na época em que veio para uma grande cidade, afastado da mãe; mas ele refere que, já antes, sofria de acentuada introversão, acossado por pesadelos pavorosos e alucinações.

Não será injustificável deduzir-se que as ricas fantasias amorosas e agressivas que povoavam seu mundo infantil punham já em perigo o objeto primário e bom de seus afetos. Assim, a saída do campo seria apenas um fator reativante, na adolescência, desse conflito primitivo.

A matemática e a física representam, deste modo, uma possibilidade de ordenação e organização, em termos de racionalidade, desse tumulto interior, defesa que mais adiante, fracassa, levando-o, afinal, à criatividade artística, com a publicação, em 1948, de sua primeira novela, *O Tunel*. (Sábato, 1991).

Voltemos, porém, ao encontro com Sábato. O homicídio é um tema recorrente em nossa conversa e Sábato demonstra muita compaixão e empatia por homicidas, especialmente quando relata o caso de Monzon, pugilista argentino que, numa crise de furor, defenestrou a mulher, matando-a.

Ora, a primeira novela de Sábato, há pouco mencionada, tem como eixo uma típica situação triangular – edípica – onde Castel, um pintor, se apaixona por Maria, casada com Allende, um homem cego. Desejo de total possessão de Maria e impossibilidade de a tanto chegar levam Castel a apunhalá-la, ao final do relato, num gesto digno do clímax da *Carmen* de Bizet...

“Ninguno de los episodios fundamentales de esa narración está meramente tomado de la vida real, empezando por el crimen: hasta hoy no he matado a





nadie. Aunque las ganas no me han faltado. Y es probable que esas ganas expliquen en buena medida el crimen de Castel. Porque en un sentido más profundo, no hay novela que no sea autobiográfica, si en la vida de un hombre incluimos sus sueños y pesadillas” (Sábato, 1963).

É conveniente, a esta altura, deixar claro que a psicanálise não considera a obra de arte um simples exorcismo de fantasias agressivas mas que, no ato criador, outrossim, estão contidos impulsos amorosos, com tendências reparadoras e sublimatórias, que implicam na preservação do objeto interno.

Em Sábato, isso aparece não somente em sua obra, mas em sua permanente combatividade pelos direitos humanos, como acentuei antes.

Sua passagem da ciência para a literatura assenta na insatisfação com aquela, “*que tentava resgatar-me mediante os poderes da ordem e da luz*” para mergulhar resolutamente na segunda, que o “*arrastava para um abismo escuro*”, os domínios do inconsciente, onde vai resgatar os fantasmas de suas vivências mais primitivas.

Neste sentido, os recursos da genialidade de Sábato parecem ilimitados. Prosseguindo o diálogo conosco, Sábato, para nossa surpresa, conta que há dez anos havia abandonado a literatura, por pensar que havia esgotado este meio de expressão artística.

Bastante deprimido, confessa que uma cegueira incipiente tornara para ele bastante difícil a leitura e a escrita. A explicação que dá para isso, baseada em pareceres oftalmológicos e neurológicos, não é muito precisa.

E, para espanto meu e de Grimaldi, anuncia-nos que, desde então, procurou saída para seu “tumulto”, refugiando-se na pintura. Ora, isto não é um absurdo médico: é provável que pequeno distúrbio circulatório cerebral lhe tenha causado certo grau de alexia, com dificuldades para a simbolização verbal, mantendo-se, de resto, intactas as capacidades de apreensão visual e sua expressão motora, com os pincéis.

Convidou-nos então, a passar para seu estúdio onde, diante de nossos olhares atônitos, desfilou mais de vinte primorosas telas. São quadros pequenos em torno de quarenta por cinquenta centímetros, onde transparece, como em seus livros, todo seu gênio criativo. Impressionam, desde logo, as cores, apresentadas em tons fortes, chocantes, o preto, o vermelho e o amarelo, contrastando às vezes com verdes puríssimos e transparentes como os que se encontram, por exemplo, na pintura de nossa Alice Brueggemann.

Expressionista, tem o soturno de um “El Grecco” e a dramaticidade de um Goya.

Descreve-nos um universo terrível, com figuras despedaçadas, cabeças e corpos dilacerados, uma paisagem de guerra atômica – ou os corpos destroçados pela





Luiz Carlos Meneghini

tortura – um cenário que lembra muito alguns dos *Sonhos* de Akira Kurosawa.

Sábato entremeava comentários sobre as telas com perguntas sobre minhas impressões e as de Grimaldi, com olhar inquisidor e leve sorriso de satisfação quase infantil.

Explica, orgulhoso: já fez deles uma primeira exposição e, agora em outubro, vai apresentá-los numa galeria de Paris. Deixa claro que aspira hoje a seu reconhecimento como pintor e que quer ser dissociado do Sábato escritor.

Depois destes momentos de muita emoção e dramaticidade, passamos à mesa de chá, com deliciosas “media lunas” e passamos a uma prosa mais amena.

Efusivas despedidas ao anoitecer e saio de lá certo de haver passado uma tarde inesquecível em minha vida, junto a um homem de gênio, imbatível em suas capacidades de renovação permanente de si mesmo e do universo, partilhando com a humanidade sua inconformidade com a estagnação e a coisificação do mundo:

“Lanzado ciegamente a la conquista del mundo externo, preocupado por el solo manejo de las cosas, el hombre terminó por cosificarse él mismo, cayendo al mundo bruto en que rige el ciego determinismo. Empujado por los objetos, títere de la misma circunstancia que había contribuido a crear, el hombre dejó de ser libre, y se volvió tan anónimo e impersonal como sus instrumentos. Ya no vive en el tiempo originario del ser sino en el tiempo de sus propios relojes. Es la caída del ser en el mundo, es la exteriorización y la banalización de su existencia. Ha ganado el mundo pero se ha perdido a sí mismo (Sábato, 1963).

Hasta que la angustia lo despierta, aunque lo despierte a un universo de pesadilla. Tambaleante y ansioso busca nuevamente el camino de sí mismo, en medio de las tinieblas. Algo le susurra que a pesar de todo es libre o puede serlo, que de cualquier modo él no es equiparable a un engranaje. Y hasta el hecho de descubrirse mortal, la angustiosa convicción de comprender su finitud también de algún modo es reconfortante, porque al fin de cuentas le prueba que es algo distinto a aquel engranaje indiferente y neutro: le demuestra que es un ser humano. Nada más pero nada menos que un hombre.” (Sábato, 1963).





Summary

The author addressing to a Congress of Writers in 1991, tries to trace back the unconscious roots that leads creative people to pure art or pure science. The theoretical framework that underlies this paper is based on ideas presented by the well known psychoanalyst Ella Freeman Sharpe. These concepts are exemplified by the life and work of Ernesto Sábato, a former mathematician and physicist that later became a renowned fictionist and ensaist as well as a distinguished painter in his eighties. He had an important role, too, in the field of human rights. The author also includes a brief profile of Sabato, obtained at his home in Buenos Aires, winter 1991, during a personal interview.

Referências

- SÁBATO, E. *El Escritor y sus Fantasmas*. Buenos Aires: M. Aguilar, p.9-11, 1963.
———. *El Escritor y sus Fantasmas*, op.cit. p.13.
———. De la cosa a la angustia in *El Escritor y sus Fantasmas*, op.cit p.139.
———. *Uno y el Universo*. Buenos Aires: 7 ed. Sudamericana, p.117, 1984.
———. *El Tunel*. Buenos Aires: Seix Barral, 1991.
SHARPE, E.F. *Collected Papers on Psycho-Analysis*. London: The Hogarth Press, p.137-154, 1950.

Luiz Carlos Meneghini
Rua Fernandes Vieira, 89
90035-091 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **486** é branca





O sujeito perverso da análise*

Thomas H. Ogden**, San Francisco

Neste trabalho, sugiro que a análise da perversão envolve, necessariamente, a elaboração e análise de uma transferência-contratransferência perversa. Tanto analista como analisando contribuem para e participam na transferência-contratransferência perversa, na qual a construção intersubjetiva é poderosamente determinada pela estrutura perversa do mundo objetal interno inconsciente do paciente. No fragmento que apresento de uma análise, ilustro como o analista faz uso de sua experiência em (da) transferência-contratransferência, para obter o entendimento do cenário perverso que o paciente está utilizando como forma de organização psíquica, defesa, comunicação e relação com o objeto. Discuto o uso feito pelo analista dos seus pensamentos, sentimentos, fantasias, ruminções, sensações e assim por diante, a serviço da compreensão da transferência-contratransferência perversa, compreensão essa a ser utilizada na formulação de interpretações da transferência.

*A perversão da transferência-contratransferência é vista como o resultado do uso defensivo feito pelo paciente de formas específicas de sexualização, de modo a proteger-se contra a experiência de "morte psicológica"***. Entende-se a erotização compulsiva como um método de criação de um sentimento ilusório de vitalidade. A destruição do reconhecimento da experiência de morte psicológica é alcançada pela convocação compulsiva de outros na dramatização (enactment) de substitutos excitantes, erotizados e, freqüentemente, perigosos da experiência de estar vivo.*

* Publicado no Journal of the American Psychoanalytic Association (J.A.P.A.), vol. 44, nº 4, 1996, p.1121-1146.

** Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Americana.

*** "Deadness" – foi traduzido por morte, embora essa não seja a tradução exata. Não há, em português, palavra que corresponda adequadamente ao sentido pretendido pelo autor, no texto. "Deadness" aqui significa algo desvitalizado, morto, deprimido e paralisado. (N. da R.)





Thomas H. Ogden

Hoje em dia já se aceita amplamente que a análise da perversão não é fundamentalmente um processo de decodificação e interpretação das fantasias, ansiedades e defesas inconscientes dramatizadas (enacted) na atividade sexual do paciente perverso. Em lugar disso, reconhece-se, cada vez mais, que a análise da perversão envolve, centralmente, a compreensão e interpretação de fenômenos de transferência estruturados pelo mundo objetal interno perverso do paciente (Malcolm, 1970; Meltzer, 1973). Acredito ser importante que essa compreensão que está evoluindo passe por outra etapa de desenvolvimento: na minha opinião, a análise da perversão envolve forçosamente a análise da transferência-contratransferência perversa, da forma como ela se desdobra na relação analítica.

Ao analisar a perversão, não se pode esperar compreender o que o paciente está tentando comunicar sem, até certo ponto, entrar na cena perversa que se cria na transferência-contratransferência. Como resultado, um analista que procura escrever a respeito da análise da perversão deve descrever algo de sua própria experiência na transferência-contratransferência perversa; caso contrário, deve satisfazer-se com a apresentação de um quadro árido, desinteressado e, em última análise, falso da análise que não consegue capturar a experiência do canto de sereia da cena perversa na qual ele participou sem querer¹.

Neste trabalho, ilustro, por meio de uma discussão clínica detalhada, como uma forma de perversão da transferência-contratransferência se deriva de uma experiência central de morte psicológica. A história dessa forma de perversão é a história fantasmática do self natimorto resultante de uma relação sexual parental vazia inconscientemente fantasiada. É uma história que não pode ser contada (isto é, vivenciada pelo sujeito), já que ele (como bebê natimorto) está morto e, portanto, o próprio ato de contar (criar) uma história é uma mentira, uma charada. Paradoxalmente, a mentira e o reconhecimento de sua falsidade, no contexto de um discurso analítico, é o único locus real de verdade (a única experiência sentida como real, tanto pelo analista quanto pelo analisando).

O tipo de processo perverso que se discute é entendido como envolvendo, centralmente, a destruição do reconhecimento da morte psicológica do sujeito (e do vazio do discurso analítico no qual ele, ou ela, está engajado) e a substituição desse reconhecimento por um sujeito ilusório, o sujeito perverso da análise. O sujeito per-

1. As construções intersubjetivas perversas geradas no decorrer da análise da perversão são, na minha experiência, inevitavelmente (em grau considerável) inacessíveis à atenção consciente (consciência consciente - conscious awareness) do analista, enquanto se desenvolvem. É, portanto, necessário que o analista tente "captar o sentido do inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente" (Freud, 1923, p.239). O analista deve, em certo sentido, vir a compreender a transferência-contratransferência perversa "após o fato", isto é, no decorrer de ele próprio fazer o trabalho psicológico necessário para se dar conta da sua própria experiência inconsciente da e participação na transferência-contratransferência perversa.





verso da análise é o narrador do drama erotizado, mas, em última instância, vazio, criado no palco analítico. O drama em si é destinado a dar a impressão falsa de que o narrador (o sujeito perverso) está vivo no seu poder de excitar (emocionar). A cena analítica perversa e o sujeito perverso da análise são construídos conjuntamente por analista e analisando, com a finalidade de evadir a experiência da morte psicológica e o reconhecimento do vazio do discurso/relacionamento (sexual) analítico. Em certo sentido, o sujeito perverso da análise constitui um terceiro sujeito analítico intersubjetivamente criado por e vivenciado através das subjetividades individuais de analista e analisando, no contexto de seus sistemas de personalidade separados, porém interrelacionados. Conseqüentemente, a construção intersubjetiva conjuntamente criada (o sujeito perverso) é vivenciada de maneira diferente por analista e analisando. (Numa série de publicações recentes [Ogden, 1902a, b, 1994 a, b, c, d, 1995], discuti o conceito do terceiro analítico intersubjetivo, bem como formas específicas do terceiro intersubjetivo tais como o terceiro subjugante da identificação projetiva [Ogden, 1994c, d]).

A perversão da transferência-contratransferência ocorre em todas as análises em medidas diferentes. Para alguns pacientes, é a forma dominante de interação analítica, eclipsando todas as outras modalidades de defesa e de relação de objeto. Para outros pacientes, ascende apenas numa fase ou fases específicas da análise. Para outros pacientes, ainda, a perversão, na transferência-contratransferência representa um pano de fundo que se apresenta, primariamente, na forma de uma excitação social bem disfarçada, associada com esforços inconscientes do paciente no sentido de frustrar a análise de modos fundamentais, porém difíceis de reconhecer (por exemplo, a excitação inconsciente do paciente associada com sua incapacidade/falta de vontade crônicas de gerar um único pensamento original na análise [Ogden, 1994b]).

As compreensões da perversão discutidas no presente trabalho baseiam-se, acentuadamente, em idéias introduzidas por vários pensadores analíticos que clinicam na Inglaterra e na França. Khan (1979) ressaltou a maneira pela qual a perversão representa um esforço compulsivamente repetido, no sentido de criar uma experiência que irá disfarçar e parcialmente substituir a ausência de uma sensação de estar vivo como ser humano. McDougall (1978, 1986) discutiu a necessidade do paciente perverso de gerar “neo-sexualidades”, num esforço de construir um self, embora um self e uma sexualidade que se percebe fragmentária, defensiva e irreal. Chasseguet-Smirgel (1984) descreveu o paciente perverso como se baseando em afirmações onipotentes de que não há limites àquilo que é possível sexualmente, num esforço inconsciente de proteger-se da consciência assustadora da diferença sexual e generacional. Malcolm (1970) ilustrou clinicamente a idéia de que a análise da perversão não é uma questão de dissecação do simbolismo de atos sexuais desviados, mas sim





Thomas H. Ogden

da análise da experiência da perversão da transferência, conforme se desenvolve no relacionamento analítico (veja, também, Meltzer, 1973). Mais recentemente, Joseph (1994) entendeu a excitação sexual perversa no setting analítico como forma de ataque à capacidade do analista e analisando de pensar, ataque esse realizado por meio de uma sexualização persistente da transferência e do ato de pensar.

Na discussão clínica a seguir, foco os problemas técnicos apresentados pela perversão da própria intersubjetividade analítica. Discuto o desafio ao analista representado pela sua tentativa de derivar uma compreensão do processo analítico perverso, a partir de sua própria experiência interna, ao mesmo tempo que mantém a capacidade de pensar e falar consigo mesmo a respeito e, finalmente, discutir seus entendimentos com o paciente sob forma de interpretação verbal. A discussão clínica será seguida de um esforço de compor um conjunto de afirmações teóricas sobre aspectos da estrutura da perversão.

Ilustração clínica: através do espelho

A Sra. A. iniciou nossa primeira sessão dizendo-me que decidira consultar-me, porque seu casamento era uma “ficção”. Há mais de cinco anos, ela e o marido não mantinham relações sexuais. A paciente contou-me que o que mais a perturbava é que se dera conta, recentemente, que não se sentia incomodada com essa situação. No passado, tudo realmente lhe importara muito, mas, agora que chegara a idade de 43 anos, nada parecia importar-lhe. Seus dois filhos estavam no final da adolescência e haviam saído de casa recentemente para frequentar a faculdade. Pareceu-me que, embora a Sra. A. não estivesse mentindo para mim durante nossos primeiros encontros, havia muito mais do que revelara atrás da história de por que buscara a análise. É claro que o caso é sempre esse, mas tive a nítida impressão de que estava sendo mantido na ignorância, no escuro, a respeito de questões importantes bastante específicas que a Sra. conhecia conscientemente. Havia algo no estar com ela que me fazia lembrar de assistir a (ou, em fantasia, participar de) um filme de detetives. Em particular, pensei em Jack Nicholson e Faye Dunaway em *Chinatown* e em diversos filmes com Humphrey Bogart e Lauren Bacall, cujos nomes não conseguia lembrar. Fiquei intrigado com a Sra. A. Sua escolha de palavras era imaginativa e o seu modo de falar tinha uma vitalidade que não coadunava com a descrição de si mesma como uma mulher de meia idade, sem vida.

No decorrer do primeiro ano de análise, a Sra. A. contou-me a respeito de sua infância no sul da Califórnia. O pai era um incorporador imobiliário que rapidamente enriquecera muito e, depois, falira como resultado de uma série de eventos obscuros

490 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





para a Sra. A. O pai da paciente nunca deixou que os amigos e colegas soubessem da falência que tivera no passado e manteve as aparências durante mais de uma década, enquanto acumulava um “império” imobiliário ainda maior do que o anterior. A maioria dos amigos, clientes e parceiros de negócios do pai da Sra. A., após a reconstrução de seu “império”, eram pessoas associadas com a indústria do cinema. Uma ou duas vezes ao mês, os pais da paciente davam grandes festas em casa, eventos que constituíam o centro da vida da família. Ambos os pais pareciam continuamente “consumidos”: a mãe da Sra. A. dedicava-se aos preparativos para a festa seguinte, enquanto que o pai da paciente trabalhava com “intensidade febril”, preparando o próximo negócio imobiliário.

Nesses eventos sociais, no lar da família da paciente, bebia-se muito e pesadamente e tomavam-se drogas. O travestismo e a exibição aberta de “homossexualidade desavergonhada” por alguns dos hóspedes destacavam-se vivamente na memória da paciente. A Sra. A. esteve na maioria dessas festas e dizia que, quando não fazia de conta que era adulta, se sentia invisível (“como se não estivesse presente uma criança”). Às vezes ela se sentia como um adereço nas exibições que um ou outro dos convidados fazia de sua “sensibilidade às crianças”. Em outras ocasiões, era tratada como um “adulto de mentira”, de tal modo que sentia ser alvo de uma piada que não compreendia. Muitas vezes ficava terrivelmente entediada com a “pura previsibilidade de tudo isso: podia-se contar com todo o mundo para desempenhar seu papel à perfeição.”

Embora a paciente não se lembrasse de observar comportamento sexual aberto ou ser alvo do mesmo, ela disse que sentia que “as pessoas beijavam-se excessivamente”. Com o tempo, aprendeu que esse tipo de beijo era uma “afetação social”. Apesar disso achava “nojento”. A paciente descreveu essas festas com um senso de orgulho levemente disfarçado. Referia-se, de passagem, a nomes de celebridades famosas do cinema que freqüentavam as festas regularmente.

A imagem dos pais da paciente que emergiu da descrição da sua infância parecia a de um casal unido num só pensamento: a parceria de criar uma ilusão de ser parte integrante de uma turma “in”, de pessoas ricas e glamurosas, ao mesmo tempo que não tinham quase nenhum contato recíproco ou com os filhos. A mãe sofria de insônia crônica e de outros “problemas nervosos”. A fim de não perturbar o marido, lia durante a noite no quarto de hóspedes. Não era abertamente reconhecido que os pais mantivessem quartos separados durante quase todo o tempo do casamento. De fato, no início da análise, a própria Sra. A. não estava plenamente conscientizada da sua suspeita de que a “insônia” da mãe provavelmente era um artifício para os pais dormirem separados.

Muito do conteúdo manifesto do primeiro ano e meio de análise envolveu a





Thomas H. Ogden

elaboração de uma narrativa da vida da paciente, em particular da sua infância. A Sra. A. falava de maneira divertida, mas deixou-me pouquíssimo espaço para comentar a respeito do que dizia. Praticamente não havia períodos de silêncio que durassem mais do que alguns segundos. A paciente se desculpava pelo fato de ser incapaz de recordar-se dos seus sonhos.

Não era uma mulher bonita no sentido convencional, porém havia uma sexualidade forte, sutil, em quase tudo que dizia e fazia. Aguardava com interesse sua chegada todos os dias e gostava de ouvir-lhe as histórias. A paciente me encontrava na sala de espera com um sorriso caloroso que transmitia o sentimento de que estava contente de me ver, mas que de modo algum dependia de mim desesperadamente. Tinha um ar de independência juvenil que parecia convidar-me a unir-me a ela em rebeldia. Dava a impressão de que se encontrara na vizinhança do consultório por acaso e decidira dar uma chegada. Ao mesmo tempo, aceitava o “formato” do enquadre analítico, raramente chegando atrasada, pagando pontualmente e dando-me o tratamento de “Dr. Ogden”, nas raras ocasiões em que deixava um recado ao telefone.

Fantasia persistente incluía a idéia de que eu teria uma enfermidade física grave, cuja natureza ela achava que estaria escondendo-lhe. Também havia temores de quebras de confidencialidade, por exemplo, o receio de que eu falaria com o marido, se ele me acusasse, enraivecido, de realizar uma análise infundável em meu próprio benefício ou de incentivar a paciente a abandoná-lo. Essas fantasias foram discutidas extensamente, inclusive a idéia de que eu não era o que parecia ser, bem como a idéia da paciente, de que ela poderia estar-me enganando de alguma forma. Além disso, discutiu-se a excitação nela causada pela fantasia de que ela seria o alvo de uma disputa, bem como a idéia de que eu desejaria roubá-la do marido. Contudo, essas interpretações me pareciam mecânicas. Sua monotonia e as respostas que a paciente lhes dava refletiam uma pobreza mais generalizada na análise do pensamento reflexivo. A esperteza e o talento da paciente em contar uma história interessante pareciam servir como substituto para o pensamento criativo espontâneo. (De modo semelhante, eu sentia a necessidade de ser esperto e observei que, de vez em quando, lhe fornecia o nome de um livro ou de uma poesia que a paciente esquecera momentaneamente).

Tentei tratar das minhas próprias “rêveries” (Bion, 1962) durante as sessões, já que considero esse aspecto da experiência analítica indispensável à compreensão da transferência-contratransferência (Ogden, 1989, 1994a, b, c, d, 1995). Durante um desses encontros, a paciente falava do fato de ter assistido a um programa de televisão com o marido na noite anterior. Descreveu como os dois tinham ficado sentados lado a lado no sofá da sala, de uma forma que a ela parecia como se fossem dois

492 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





estranhos num trem de metrô, em igual posição, sem o menor sentimento de ligação entre eles. Enquanto a Sra. A. falava, encontrei-me pensando sobre o fato de que o atendente do estacionamento ao lado do prédio do meu consultório começara a fazer preparativos para abrir ali um lava-carros. Comprara, recentemente, um aspirador comercial que fazia um barulho ensurdecedor. A namorada, que eu achava desavergonhada e irritante, ajudava-o no projeto. Imaginei chamar a prefeitura para dar entrada a uma queixa sobre violações das leis de zoneamento referentes a ruídos. Será que existiam tais leis? Como poderia não existirem? Será que não havia ninguém na prefeitura com quem eu pudesse discutir o assunto? Deveria haver algum tipo de processo de apelação. Fiquei cada vez mais ansioso, enquanto imaginava esse casal pouco razoável, com o qual não havia conversa, e o labirinto burocrático na prefeitura sem ninguém no seu centro.

À medida que emergi desse conjunto de pensamentos, sentimentos e sensações cada vez mais ruminativos, chamou-me a atenção a intensidade da ansiedade que sentia². Perguntei-me a respeito dos paralelos entre o casal no estacionamento e os pais da paciente, cada par com seus planos que nem a paciente nem eu tínhamos o poder de influenciar. Pensei na hipótese de que a idéia do ruído perturbador e assustador do aspirador de pó poderia estar relacionada com uma fantasia de ruído que vinha do quarto dos pais, o ruído perturbador de um relacionamento sexual que era, ao mesmo tempo, vazio (um vácuo) e consumidor (sugando para dentro de si o mundo dos objetos internos da paciente). Minhas hipóteses quanto à conexão entre os elementos do devaneio e minha experiência em estar com a paciente pareciam tensas e intelectualizadas. Entretanto, o devaneio deixou-me com uma sensação de mal-estar extremo e alertou-me para o fato de que eu estava-me sentindo perturbado por algo que ocorria entre mim e a paciente.

No período de meses que se seguiu à sessão que acaba de ser descrita, pouco a pouco, comecei a reconhecer uma sensação de orgulho que começara a experimentar pelo fato de que outras pessoas poderiam saber que eu era o analista da Sra. A. Eu, ao mesmo tempo, tinha prazer nessa fantasia e me sentia profundamente envergonhado a respeito (e conseguia mantê-lo quase completamente fora da consciência). A Sra. A. usava muitos chapéus, casacos e lenços diferentes, e constatei que estava interessado em saber o que ela vestiria na sessão de cada dia. Quando entrava no consultório,

2. Em razão de ser necessário um espaço de tempo considerável para descrever a experiência de um devaneio, o ritmo da análise não está bem representado nos meus esforços de descrevê-lo de maneira linear. Os pensamentos, sentimentos e sensações envolvidos numa "rêverie" podem ocupar apenas alguns momentos. Conseqüentemente, não é certo julgar o uso que o analista faz de suas "rêveries" como reflexo de um estado psicológico desatento, absorvido em si, alheio (detached, separado, alheio a tudo). Ao contrário, a atenção do analista ao seu próprio estado afetivo, conforme é gerado no contexto da intersubjetividade analítica, contribui para um sentimento de intensa imediatez emocional e senso da ressonância do analista junto à experiência inconsciente do paciente no momento atual.





Thomas H. Ogden

colocava o casaco no chão ao lado do divã (quase aos meus pés). A etiqueta da grife muitas vezes era visível, e eu tinha de esforçar-me para tentar lê-la (de cabeça para baixo). (Devo enfatizar que os sentimentos de contratransferência³ que descrevo constituíam um pano de fundo silencioso que ainda não se tornara foco de análise consciente. Em outras palavras, esses aspectos da análise ainda não tinham-se tornado “objetos analíticos” [Bion, 1962; Green, 1975; Ogden, 1994a, b, c, 1995], isto é, elementos de experiência intersubjetiva utilizáveis no processo de geração de significado analítico. Em vez disso, esse conjunto de pensamentos, sentimentos e sensações permanecia parte de um campo intersubjetivo, em grande medida inconsciente, no qual eu era, naquele momento, mais participante do que observador).

Muitas vezes é difícil dizer o que contribui para um deslocamento do equilíbrio de forças psicológicas interpessoais que deixam tal experiência de fundo disponível para uso consciente como dados analíticos. Na fase do trabalho em discussão, foi, parcialmente, outro conjunto de devaneios cheios de ansiedade (em associação com os devaneios antes descritos) que permitiu que aspectos de experiências de fundo, até então em grande parte inconscientes, começassem a ser transformados em “objetos analíticos”. Inicialmente, minha ansiedade era difusa e tinha como centro o sentimento de que eu a esqueceria. Experimentei uma sensação de pressão no sentido de lembrar-me de enviar um cartão a um parente cujo aniversário se avizinhava. Mudara a hora marcada de um paciente e senti-me ansioso porque não estaria lá no momento certo. Notei que esses pensamentos passageiros, durante a sessão com a Sra. A., estavam relacionados ao sentimento de que haveria “furos” na minha consciência. Perguntei-me o que estava deixando de ver no trabalho com a Sra. A. (para que aspectos desse trabalho eu permanecia cego). A ansiedade era agora real e imediata, embora inespecífica; seu significado em relação às principais ansiedades de transferência inconscientes ainda não era claro para mim. Contudo, começava a ocorrer uma mudança na minha autoconsciência, dentro da relação transferência-contratransferência.

Nas semanas de análise que se sucederam, minha ansiedade assumiu uma especificidade cada vez maior. Comecei a experimentá-la logo antes das sessões com a Sra. A., sentindo-me extremamente desajeitado e constrangido. Encontrar-me com ela na sala de espera causava-me a sensação de um primeiro encontro de namorados. A Sra. A. parecia não estar sentindo nenhuma ansiedade desse tipo e, se é que sentia

3. Uso o termo contratransferência para referir-me à experiência do analista quanto à transferência-contratransferência. Conforme o discutido acima, a transferência-contratransferência é entendida como uma construção intersubjetiva inconsciente vivenciada separadamente e individualmente pelo analista e pelo analisando. Não concebo transferência e contratransferência como entidades psicológicas separáveis que surgem independente de ou em resposta uma à outra, mas, sim, como aspectos de uma única totalidade intersubjetiva (Loewald, 1986; Ogden, 1994a,d).





algo, parecia mais graciosa e fluida na sua atitude corporal, forma de falar, vestir-se e assim por diante.

Foi durante esse período de análise que a paciente apresentou o seguinte sonho:

Um velho estava sentado na sua sala de estudo, trabalhando. Era como o seu consultório, mas não era seu consultório, realmente. Era escuro e dava uma sensação de umidade e desgaste. Havia pessoas que o espiavam pela janela. Eu era uma delas. Era terrivelmente importante ficar perfeitamente quieta, para não ser pega. Eu temia que iria fazer xixi. Ele parecia um velho sujo, deprimido. Pensei que ele apenas estava fazendo de conta que lia, ou estava-se forçando a ler. Eu também tinha a sensação de que ele estava tentando despertar-se sexualmente através da leitura, mas que não estava dando certo. Eu não tenho certeza se eu pensei isso no sonho, ou quando eu estava acordando, mas parecia que ele sabia o quanto eu precisava ir fazer xixi.

Foi nesse momento que me ocorreu a idéia muito perturbadora de que a Sra. A. deveria ter estado me observando observá-la. (O sonho era a respeito da excitação de observar secretamente e ser observada no ato de olhar oculta e excitadamente e a respeito da incerteza de quem estava observando quem). Ela devia saber que eu tinha tentado ler as etiquetas nos seus casacos que colocara aos meus pés. Há quanto tempo ela o sabia? Senti intenso constrangimento com a idéia de ter sido observado no ato de olhar. Tudo parecia, súbita e inesperadamente, ter sido invertido: o que fora privado se fizera público; o que parecera simples curiosidade tinha-se tornado um interesse lascivo; a indiferença (*nonchalance*) da paciente passara a transmitir a sensação de controle manipulador; o que parecera intimidade agora se assemelhava à experiência de ter sido feito de idiota.

Por um momento me ocorreu que fora preparada uma armadilha e que eu caíra nela, mas também entendi que eu participara na sua colocação. O fato de eu ter caído não era a parte mais humilhante de tudo isso para mim. Meus sentimentos de constrangimento enfocavam a idéia de que eu caíra na armadilha há muito tempo e não me dera conta disso. Senti-me como se o fato de eu olhar (que agora me dava a sensação de voyeurismo) fora observado a cada passo. Meu segredo nunca fora segredo. Além disso, havia uma intensa sensação de traição.

Agora podia reconhecer, para mim mesmo, pela primeira vez que, inconscientemente, sentira orgulho, prazer e culpa por ter sido incluído num dueto erotizado com a Sra. A. No instante de reconhecimento que descrevo, a experiência de desempenhar um papel nessa cena foi transformada, de uma experiência na qual eu me





Thomas H. Ogden

sentira como um adulto, em uma experiência de mim mesmo pego no ato de ser um bebê ou uma criança que se auto-enganava. Minha imaturidade fora desmascarada. Senti-me fora da sexualidade adulta, com o nariz apertado contra a vidraça, conforme representado no sonho pela paciente que espiava através da janela, ao mesmo tempo que sentia uma forma de excitação sexual infantil (urinária).

Nesse momento, comecei a conseguir falar comigo mesmo mais plenamente a respeito da minha experiência de transferência-contratransferência. Parecia que uma construção inconsciente compartilhada se criara na análise, através da qual a paciente estivera dando forma a aspectos importantes do seu mundo objetal interno. Parecia que o intenso constrangimento que eu sentia representava uma versão denegada e projetada da humilhação da paciente, ao encontrar-se na situação de espectadora infantil quanto às relações (degradadas) entre seus pais (que, em parte, eram vinculadas às “festas”). (Menos conscientemente, sentia-se que os pais estavam excitadamente observando a excitação dela). Eu vivenciara tanto a ilusão como o delírio de ser participante no relacionamento entre os pais e a humilhação de ser revelada como *apenas um bebê* que, excitadamente, fazia de conta que era parte da cena primária.

A Sra. A. e eu, na experiência (assimetricamente) compartilhada desse drama de transferência-contratransferência, tínhamos, cada um a nossa maneira, insistido que não estávamos de fora nas relações parentais, mas sim, que éramos, “realmente”, adultos participando nisso. Nesse momento comecei a entender o sonho da paciente como refletindo um aspecto do mundo objetal interno da Sra. A., sobre o qual eu apenas me dera conta subliminarmente: a imagem das relações, no sonho, era de uma relação morta. O velho (simultaneamente representando eu, o mundo interno da paciente e a relação analítica) estava deprimido e solitário, simplesmente representando os movimentos de leitura, ou, talvez, tentando escapar à sua depressão por meio de uma excitação sexual vazia e solitária.

À medida que “emergi” do semidevaneio e de pensamentos subseqüentes, tentei reenfocar a atenção no que a paciente dizia. Naturalmente, eu não estava voltando a “um lugar onde tínhamos nos interrompido” e, sim, a um “lugar” que não existira previamente. A Sra. A., inicialmente, falou sobre o sonho, ligando seus temores perenes de eu estar doente ao fato de que, no sonho, a doença era uma depressão. Ela disse, então, que o sonho lhe lembrava algo que acontecera na sala de espera no início da sessão. Contou-me que me olhara para ver se eu estava cansado ou doente, verificando se eu tinha círculos escuros sob os olhos. Ela esperava que eu não a tivesse visto olhando-me “daquele jeito”.

Então, subitamente, mudou de assunto. Perguntei-lhe se ficara ansiosa quando se interrompeu no meio das suas observações e sentimentos sobre o que observara na sala de espera. Ela disse: “Eu me sinto em todos os lugares, sempre”. Senti que seria





perigoso ser tão específica a respeito de olhá-lo”. (Parecia-me que a paciente estava, inconscientemente, tentando [de maneira ansiosa e ambivalente] falar comigo a respeito dos perigos do drama emocionante de olhar e ser olhada que tinha sido dramatizado (enacted) na análise e que estava sendo representado no sonho).

Disse-lhe que pensava que ela se vivenciara como estando em mais de um lugar ao mesmo tempo no sonho e, talvez, também, no relacionamento comigo. Embora ela se tivesse vivenciado, em parte, como uma das pessoas que olhavam pela janela, parecia-me que também estava identificada com o velho sujo no meu consultório e o estava observando no ato de observá-la com excitação. (A conexão entre o velho e eu, no sonho, era tão óbvia que não senti necessidade de falar nisso detalhadamente).

Falei-lhe que ela ligara o sonho ao fato de ter-me dado uma olhada de soslaio na sala de espera. Disse-lhe que pensava que, há algum tempo, ela, simultaneamente, queria e temia que eu compreendesse a importância de certo tipo de mirada secreta que ela sentia ser vergonhosa para ela. Disse-lhe, ainda, que pensava que ela estava tentando mostrar-me, no sonho, que ela sentia que um aspecto do nosso relacionamento envolvia um tipo de excitação ligado à experiência de olhar secreta e excitadamente e de ser pega nesse ato. (Resolvi não ser mais específico, nesse momento, a respeito das atuações no setting analítico, a fim de não entrar em outra forma de atividade sadomasoquista). A interpretação levou a uma sensação de palpável alívio para ambos. A Sra. A. ficou em silêncio por alguns minutos após meus comentários (o primeiro período de silêncio demorado que ocorrera na análise), durante os quais me senti relaxado de uma maneira que até então não experimentara com ela.

A paciente contou-me, a seguir, que minhas palavras fizeram com que ela se sentisse “compreendida, mas não exposta, se é que essa diferença faz sentido”. Ela disse que esperara sentir-se dolorosamente constrangida, quando eu me referisse a esse seu aspecto e não falou mais nos poucos minutos restantes da sessão.

A Sra. A. começou a próxima sessão dizendo que tivera um sonho na noite anterior. Nele, ela era ela própria quando criança. Acordou, no sonho, para verificar que tinha poliomielite (doença a respeito da qual fora bastante fóbica desde pequena). Ao acordar (no sonho), não conseguia mexer as pernas, nem tinha qualquer sensação nelas. Ficou, ao mesmo tempo, extremamente assustada e surpreendentemente calma. Imaginou que nunca mais poderia mexê-las ou senti-las.

A paciente disse que sentia que o sonho era uma resposta àquilo que acontecera na sessão anterior: o sonho tinha sido tranquilo, de uma maneira que lhe lembrava os silêncios da nossa reunião. O sentimento, no sonho, também era uma combinação muito estranha de terror e alívio ligado ao fato de que a coisa que ela mais temia finalmente acontecera. Pensei na noção de Winnicott (1974) de que o evento temido





Thomas H. Ogden

(o medo de colapso) é um evento que já ocorreu, mas ainda não foi vivenciado. Também pensei, mas não o disse, que a morte emocional/sensorial da paciente (paralisia e falta de sensação) estava começando a ser reconhecida sem ser enterrada imediatamente em histórias divertidas: o silêncio, por enquanto, não era preenchido com ruído. Parecia que a paciente evidenciava os rudimentos da capacidade de observar e poder pensar a respeito daquilo que, então, vivenciava, isto é, a sensação de morte. Havia, por ora, um aspecto dela (representado pela sua parte sensível/não paralisada no sonho) que, paradoxalmente, podia sentir a morte de outro aspecto seu e vivenciar a mentira (o ruído) como mentira.

Não é possível, no espaço deste trabalho, descrever detalhadamente os eventos da análise durante os meses e anos sucessivos. O movimento de transferência-contratransferência recém descrito foi seguido de uma discussão do papel central, na análise, da experiência da paciente de olhar-me secretamente de maneira sexualmente excitante e sua fantasia de observar-me, excitada e perigosamente no ato de observá-la do mesmo modo. Gradativamente, no decorrer desse período de trabalho, discutiram-se detalhes do acting in (por exemplo, a paciente que me observa observando-a colocar sua roupa aos meus pés). De novo, essas discussões não se realizaram de modo a criar o efeito de um despir embaraçoso/excitante da paciente, do analista, ou da análise. Em lugar disso, o sentimento predominante era da sua solidão e desesperança a respeito de, alguma vez, poder sentir-se outra e não “uma pessoa inventada”.

A Sra. A. começou a entender as formas pelas quais os elementos de defesa perversa tinham sido de grande valor em protegê-la de uma experiência de morte emocional que ela temera viesse a ser insuportável. No decorrer da análise, descreveu aspectos da sua vida aos quais aludira anteriormente, mas que mal tinham existido no tratamento como “objetos analíticos”, isto é, como eventos portadores de significado que podiam ser vivenciados, notados, considerados e pensados no contexto da rede de significados em elaboração. Seria inaccurado dizer que essas percepções de eventos passados tinham sido inconscientes, ou que tinham sido inconscientemente retidas; antes, esses aspectos, em grande parte não mencionados de sua vida (que serão discutidos), haviam produzido uma sensação tão desconectada da divertida narração de histórias que “simplesmente nunca me ocorreu falar sobre essas coisas”. (Veja Freud [1927] para uma discussão do processo de desconexão psíquica envolvido na perversão. Uma forma análoga de cisão refletiu-se na experiência de contratransferência de estar “no escuro”, ou “em vôo cego” e ter “furos” na minha consciência).

Com o tempo, a Sra. A. contou-me que, desde sua infância, se sentia “consumida” pela necessidade de fazer com que pessoas, tanto meninos como meninas, homens e mulheres a achassem misteriosa e sexy (sensual). Tornou-se uma “obses-





são em grande escala”, no secundário, conseguir que os rapazes tentassem namorá-la. “Em todos os lugares em que estivesse e em tudo que eu fazia, ficava olhando de esguelha para ver quem me olhava.”

A Sra. A. fora extremamente promíscua na adolescência. Na escola secundária, via-se como “rebelde liberada”, mas tornou-se um sofrimento, com o passar do tempo, sentir que era impelida por algo que não conseguia controlar. Além disso, era incapaz de falar com alguém a respeito de perceber-se fora de controle, o que fazia com que se sentisse intensamente solitária. Procurou, então, compensar sua sensação de isolamento, tratando de nunca ficar sozinha. Lembrava-se de falar com amigos, na faculdade, noite a dentro, até que eles, finalmente, dormiam; nesse momento, então, a paciente dormia no chão de suas casas.

Durante esse período de promiscuidade e solidão, a paciente era quase totalmente incapaz de pensar ou falar consigo ou com outra pessoa sobre o que lhe aconteceria. Em vez disso, o que poderia ter-se tornado um pensamento ou sentimento era vivenciado como uma tensão muscular extrema, em combinação com uma variedade de doenças psicossomáticas, inclusive amenorréia crônica, dermatite e cefaléias severas. Era incapaz de ler ou concentrar-se e conseguia fazer seu trabalho de aula freqüentemente colando nas provas e plagiando o trabalho de outros estudantes. O próprio ato de colar tornou-se excitante: a Sra. A. tinha prazer em “exibir”, aos seus amigos, os riscos que assumia.

Disse-me que sentia uma mistura de vergonha e orgulho, quando me contava suas aventuras. O que tornava fácil ser tão ousada era que “eu realmente estava cagando se me pegassem. O que poderiam me fazer?” A escolha das palavras da Sra. A. surpreendeu-me pelo fato de que ela não usara linguagem escatológica anteriormente. Perguntei-me (silenciosamente) se ela imaginava que não ter um corpo que necessitava envolver-se em funções humanas comuns tais como defecação (“estar cagando”) lhe proporcionaria um meio de escapar da armadilha emocional e corporal na qual ela se sentia presa e em perigo de ser morta fisicamente. Mais tarde sugeri (pouco a pouco, através de várias semanas) que a Sra. A. estava-me contando indiretamente que o fato de ela afirmar, de maneira tão desafiadora, estar viva “fora do sistema” (fora da lei e fora do seu corpo) fora, por muito tempo, um modo importante de tentar proteger-se contra ser invadida pelas vidas internas de outras pessoas. Disse-lhe que parecia que ela se sentira muito privilegiada e especial e, ao mesmo tempo, como se estivesse deixando de “ser alguém”. A paciente começou a reconhecer a profunda confusão que experimentara a respeito do desejo de quem é que alimentava seu desejo/necessidade de estar nas festas. Não parecia mais possível separar, de uma maneira significativa, seus próprios desejos dos de outros. As implicações na transferência de tais reconhecimentos foram exploradas, inclusive, no sonho, a confusão sobre a





Thomas H. Ogden

quem cabia tal ou qual excitação sexual, bem como nos eventos de transferência e contratransferência ocorridos na análise.

Ao discutir esse conjunto de sentimentos, ela deu-se conta da maneira pela qual, defensivamente, lhe servira criar a ilusão de que o poder de “fazer qualquer coisa” que desejava a separava dos demais. A ansiedade associada com a confusão de não saber de quem era o desejo que ela vivenciava foi um tanto minorada pela ilusão de que “ocupava um universo diferente de todos os outros”. Veio a entender que, oculto pelo seu senso de poder, havia um sentimento inconsciente de impotência (paralisia) em pensar, sentir e comportar-se fora dos termos das suas aventuras, maquinações e manipulações. O mundo dela era de ação irrefletida e reação. Disse-me que houvera períodos de sua vida, especialmente nos últimos anos de faculdade, durante os quais, brevemente, reconhecera a natureza bizarra do seu modo de viver e se sentira horrorizada e profundamente envergonhada com isso. Embora tivesse tido um grande número de experiências sexuais, sentia-se entediada com o sexo. Durante as relações sexuais sentia-se como se olhasse o que estava acontecendo à maneira de “um programa de televisão não muito interessante”. Às vezes ficava perturbadoramente consciente da qualidade desumana desse e de outros aspectos da sua vida; contudo, o sentimento de desespero, associado com esses momentos de consciência do self, era de curta duração.

Na fase do trabalho em que se desenvolveu essa narrativa e o conjunto de sua compreensão, experimentei uma sensação progressiva de continuidade entre os conteúdos da simbolização verbal da Sra. A. e a matriz da transferência-contratransferência (Ogden, 1991). Os anos iniciais de análise, em retrospectiva, tinham sido marcados por uma descontinuidade manifesta e latente, de conteúdo verbal e contexto experiencial. O aspecto manifesto e reconhecido do relacionamento analítico tinha sido completamente desconectado de uma “segunda narrativa” perturbadora e excitante, que resistia à simbolização; em lugar disso, permaneceu uma construção intersubjetiva, poderosa e erotizada (predominantemente inconsciente).

Discussão

A primeiríssima afirmação da Sra. A. para mim foi de seu casamento (inconscientemente a sua vida) ser uma ficção. Levei muito tempo para entender, em alguma profundidade, o que ela estava tentando dizer-me inconscientemente. Desde o início a Sra. A. se apresentava com uma certa pudicícia sedutora subliminar. Também havia uma qualidade de mistério transmitido por tudo que não estava sendo dito, o que contribuiu para meu sentimento de estar “no escuro”, talvez inconscientemente num





quarto escuro de dormir. Retrospectivamente, meus pensamentos iniciais a respeito da paciente e de mim como personagens de um filme de detetives podem ser entendidos como um reflexo da minha sensação, então inconsciente, de que o relacionamento analítico estava sendo construído sobre uma fundação que envolvia uma mistura confusa de fantasia erotizada grandiloquente, prevaricação, auto-ilusão e o tema de fundo de uma cena primária perversa (o relacionamento incestuoso sadomasoquista representado em *Chinatown*).

Eu julgara os relatos que a paciente fazia da sua infância (suas histórias) não apenas interessantes, mas também, muitas vezes, fascinantes. Havia uma maneira pela qual a paciente continuava a ser cativada (e cativante) pela sua experiência de ter ocupado uma posição privilegiada na qual podia posar como criança, ao mesmo tempo que não se sentia criança, num mundo secreto de excitação sexual adulta e de exibicionismo. Ela observou as festas, ou delas participou à distância (festas que, inconscientemente, eram equiparadas à cena primária). A paciente sentia que nenhuma criança comum teria permissão de conhecer, muito menos de ver, ouvir, cheirar ou tocar esses eventos extraordinários. Imaginou que conhecia segredos importantes e assustadores, por exemplo, o segredo da falência financeira, sexual e emocional do seu pai e o segredo de que algumas pessoas tinham conseguido permanecer, ao mesmo tempo, no sexo masculino e no feminino, representados pelo homossexualismo e travestismo que observou e dos quais se lembrava vivamente.

Menos consciente para a paciente, nos relatos iniciais da sua infância, era o papel central da ilusão de não ser “apenas uma criança” e, em lugar disso, fazer parte de um relacionamento (sexual) adulto no qual, em identificação com figuras homossexuais e travestidas, ela não se limitava a ser membro de um único sexo, nem fixada numa única geração (veja Chasseguet-Smirguel, 1984).

Por mais excitante que a Sra. A. achasse o discurso/relacionamento adulto que observava e do qual participava em fantasia, a relação era, paralelamente, vivenciada como morta. Inconscientemente, a paciente sabia a respeito dos arranjos separados dos seus pais para dormir e sentia o vazio da cena sexual exibicionista, hipomaniaca, parcialmente induzida pelas drogas, que achava assustadora, repulsiva, de outro mundo e, contudo, repetitiva e entediante. Essa monotonia paradoxal da experiência “excitante” representava um elemento potente da transferência-contratransferência. Tanto a paciente quanto eu tentamos disfarçar e tornar mais vívida a ausência persistente de pensamento espontâneo na análise com uma esperteza inconscientemente erotizada, por exemplo, a pressão à qual ambos reagimos, ou citando nomes ou nos esforçando para usar “exatamente a expressão certa, de quem sabe tudo”.

Minha “rêverie” a respeito da inauguração do lava-carro no estacionamento proporcionou um meio importante através do qual se vivenciaríamos elementos da trans-





Thomas H. Ogden

ferência-contratransferência presentes desde cedo, mas muito pouco disponíveis para permitir que a Sra. A. ou eu gerássemos um significado analítico verbalmente simbolizado. Essa “rêverie” envolvia a fantasia de um aspirador de pó ruidoso, operado por um casal diabólico do qual eu estava separado, sem possibilidade de solução. O casal parecia agir num âmbito acima da lei e além do alcance das palavras e das emoções humanas. No devaneio, não apenas não havia lei na prefeitura, como também não havia presença humana no seu centro.

Esse devaneio desempenhava um papel importante na evolução do processo analítico, no fato de permitir-me tomar pé, até certo ponto, numa perspectiva que estava ao mesmo tempo fora da e ainda assim informada pela construção intersubjetiva da qual eu participara (o sujeito perverso da análise).

O significado da “rêverie do lava-carros” parecia completamente desconectado da minha experiência na transferência-contratransferência, e, contudo, a “rêverie” teve um efeito profundamente perturbador em mim e levou-me a ficar alerta de maneira qualitativamente diferente daquela que eu estava vivenciando com a paciente. Comecei a notar, consideravelmente envergonhado, tanto o orgulho que sentia de ser o analista da Sra. A. (o prazer de “ser visto com ela”) quanto o prazer em observar-lhe a roupa que era colocada aos meus pés. Ao mesmo tempo, dei-me conta da sensação de um “buraco” ou ponto cego na minha consciência que me fazia sentir que eu estava cegando-me a algo importante no meu papel como analista da Sra. A. (Veja Steiner [1985], para uma discussão dos significados de “fazer vista grossa” no mito edípico).

O acréscimo de experiência que descrevi transformou a ansiedade bastante difusa que vinha sentindo numa ansiedade sexual muito mais claramente definida e conscientemente articulada, associada com ver e ser visto. Vivenciei essa ansiedade na forma da fantasia (consciente) desacorçoante de que, cada vez que encontrava a Sra. A. na sala de espera, eu o fazia como se fôssemos sair juntos em namoro.

O fato de a paciente contar-me o sonho do homem observado serviu para cristalizar diversas constelações de significados inconscientes poderosos que haviam estruturado a experiência de transferência-contratransferência até aquele momento. Apesar do meu sentimento de reconhecimento súbito, minha consciência da importância central da experiência de observar secretamente e ser observado já estava em desenvolvimento há um tempo bastante longo (conforme o refletido nos meus devaneios). Quando a paciente me narrou o sonho, ocorreu um movimento afetivo acentuado. O que eu vivenciara anteriormente como idéias a respeito de observação erotizada e de ser observado tornou-se, então, um conhecimento visceral detalhado da experiência de ser pego no ato de olhar de determinada forma sexualizada e curiosa. A natureza da exposição envolvida nesse evento de transferência-contratransferência





foi a exposição do bebê/criança observando excitadamente (e, em sua fantasia, participando da) a cena primária. Meus sentimentos de vergonha associados com esse ato derivam, em grande parte, do sentimento de ser revelado como um bebê/criança presunçoso e auto-iludido que fazia de conta que era um adulto participante da cena primária.

A experiência de transferência-contratransferência em discussão não era simplesmente uma experiência de ser dolorosamente exposta; era igualmente uma experiência (inconsciente) de apresentar, excitadamente, uma tentação ao observador e, depois, expor o observador como sendo o bebê/criança excluído que ele ou ela é. Fundamental à experiência do paciente de “apanhar o observador no ato” era sua recusa defensiva, cisão e projeção dos seus sentimentos de ser o bebê auto-iludido, despertado sexualmente, curioso, excluído, invejoso. Além disso, o ato da Sra. A. de tentar-me da maneira descrita era uma fonte de excitação em si, porque havia o perigo sempre presente de ela ser “apanhada no ato” de secretamente observar-me observando-a. Deve ser lembrado que tudo isso ocorria no contexto daquilo que era, de outra forma, um discurso/intercurso morto (“reportagem” e “relato de histórias” não-auto-reflexivo, quase totalmente destituído de pensamento criativo e espontâneo). À luz disso, a “excitação” do jogo excitante/perigoso que estava sendo descrito representava um esforço inconsciente de criar um substituto para um discurso/intercurso autenticamente criativo. As imagens do sonho da paciente sublinhavam o entorpecimento da relação: o velho deprimido numa sala escura apenas realizava, automaticamente, os movimentos de leitura e tentava (sem sucesso) usar a excitação sexual para distrair-se de seu vazio e de sua depressão. A excitação/perigo no sonho (parcialmente vivenciado como a sensação de estar à beira da micção involuntária) estava no ato de observar secretamente o homem (sua relação simbólica) e em ser secretamente observado no ato de observar. As interpretações que ofereci, nesse momento, foram informadas pelas minhas experiências na e da transferência-contratransferência perversa, as quais me permitiram entender e sentir compaixão tanto pelos aspectos expostos como expositores da relação de objeto interna que tanto dominavam a vida da paciente e a vida da análise.

A paciente, então, engajou-se no processo de “recontar uma vida” (Schafer, 1994), não no sentido de contá-la de novo, mas no sentido de reformular o passado no contexto de um novo conjunto de experiências intersubjetivas ocorridas na transferência-contratransferência e que estavam em processo de ocorrer na análise. Uma nova narrativa foi gerada pela paciente, contendo uma forma de coesão do passado e do presente enraizada numa experiência menos temerosa, de menos decepção consigo mesma e com o relacionamento com os outros. Nesse período do trabalho, a Sra. A. evidenciou capacidade de pensamento reflexivo e suas palavras não eram mais





Thomas H. Ogden

primariamente uma mídia para criar um canto de sereia; em lugar disso, eram usadas como um veículo para participar num discurso analítico moldado pelo reconhecimento dos papéis de analista e analisando. Além disso, a paciente, pela primeira vez, manifestou os inícios de uma capacidade de conter (viver com) o medo da morte psíquica (representada no sonho de estar paralisada e sem sensação nas pernas) que tentara, com tanto esforço, mascarar por meio do uso da sexualização defensiva. O silêncio podia agora ser tolerado, em vez de imediatamente transformado no “ruído” das histórias contadas magnética e erotizadamente.

Ao mesmo tempo, deve enfatizar-se que o movimento analítico que se descreve reflete apenas o início daquilo que acabaria por tornar-se um conjunto mais estável de mudanças psicológicas. A pseudomaturidade defensiva envolvida na excitação perversa das fases iniciais da análise foi seguida de outras formas de defesa contra o sentimento de humilhação de ser “apenas um bebê” num mundo adulto causador de confusão/assustador/excitante/morto. Por exemplo, enquanto a Sra. A. me contava as maneiras pelas quais ela se sentia “possuída” na adolescência e como jovem adulta, a transferência (como “situação total” [Klein, 1952; Joseph, 1985; Ogeden, 1991] envolvia uma sensação de ansiedade ligada a funcionar como colegial na qual havia um esforço de negar diferenças de geração e de papel no relacionamento analítico. Além disso, a intelectualização era usada para proteger a paciente de sentimentos de não saber, de “estar no escuro”. Embora as ansiedades de transferência que eram mantidas afastadas fossem semelhantes, em natureza, àquelas vivenciadas nas primeiras fases do trabalho, a perversão da transferência-contratransferência não constituía mais o meio principal de comunicação, defesa e relação de objeto.

Antes de deixar a parte clínica do presente trabalho, gostaria de discutir um pouco mais uma idéia implícita na discussão precedente. Um elemento da técnica que se reflete na análise descrita é o uso, pelo analista, dos seus pensamentos, sentimentos, sensações, fantasias, devaneios, ruminação, cotidianos, não-obstrutivos, mundanos, no processo de tentar entender a rede de significados intersubjetivamente gerados que constituem a transferência-contratransferência. A experiência de compreensão que se desenvolveu na parte da análise recém descrita tem a qualidade de um reconhecimento perturbador, um sentido de reversão súbita. Essa qualidade de movimento psicológico (isto é, um reconhecimento inquietante de um discurso inconsciente anteriormente cindido) refletia a natureza do processo perverso e sua tensão precária, potencialmente explosiva entre a honestidade e a decepção, a intimidação e a manipulação, o autêntico e o falso. É importante ter em mente que o uso da “rêverie”, na compreensão da transferência-contratransferência, é geralmente um processo muito mais “tranquilo” e não leva freqüentemente a tais mudanças dramáticas de perspectiva ou sentimentos de autodecepção vergonhosa.

504 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Alguns comentários teóricos

A partir da compreensão de aspectos da transferência-contratransferência perversa acima discutida, bem como da minha experiência em analisar dramatizações (enactments) semelhantes de transferência-contratransferência no trabalho com outros pacientes (Ogden, 1994b), passo a expor alguns pensamentos hipotéticos a respeito do que acredito serem elementos importantes da estrutura dessa forma de perversão. O indivíduo perverso do tipo em discussão vivencia um sentimento de morte interna, uma ausência do sentimento de estar vivo como ser humano (Khan, 1979; McDougall, 1978, 1986). Ao mesmo tempo, desenvolve-se um conjunto de fantasias defensivas concretamente simbolizadas de que há vida na relação (tanto sexual como não sexual) entre os pais e de que a única maneira de “adquiri-la” é entrar naquela relação (a fonte da vida) que exclui o indivíduo e o deixa morto (Klein, 1926, 1928; Meltzer, 1973; Britton, 1989; O’Shaughnessy, 1989). Naturalmente, de maneira literal, é a relação parental que é a fonte da vida do paciente, mas esse fato biológico, para o paciente perverso, deixou de tornar-se um fato psicológico.

Ao mesmo tempo, esses pacientes perversos fantasiam/vivenciam a relação parental (no sentido mais amplo da palavra) como um evento vazio e imaginam que a falta de vida na cena primária seja a fonte da sua própria sensação de morte interior. Em parte, essa fantasia baseia-se no ataque invejoso do próprio paciente contra a relação parental. Também reflete a experiência da paciente (uma combinação de percepção e fantasia) do vazio do vínculo entre os pais. Essa percepção/fantasia de uma ausência no cerne do núcleo do discurso/intercurso humano faz com que esses indivíduos perversos sintam que não há esperança de alcançar uma sensação de vitalidade tanto no seu próprio mundo interno quanto no seu relacionamento com objetos externos. O que é específico a essa perversão é a erotização compulsiva do vazio que se sente estar no centro daquilo que poderia ter sido e que finge ser uma união fértil entre os pais. A excitação daí resultante é usada como substituto para a sensação de vitalidade humana, bem como para o reconhecimento da humanidade de outras pessoas. Essa substituição erótica é inconscientemente vivenciada como uma mentira, outras pessoas sendo aliciadas compulsivamente na dramatização dessa mentira sexualizada.

A relação parental vazia inconscientemente fantasiada é defensivamente tornada excitante, em parte através da sensação de perigo que lhe é atribuída. Esses pacientes perversos repetida e compulsivamente incluem outros no processo de dramatização (enactment) da fantasia de entrar na relação parental, dramatização essa sentida como envolvendo uma ameaça à vida do paciente (McDougall, 1986). Ao mesmo tempo há um ato fundamental de auto-ilusão que permite ao paciente isolar-





Thomas H. Ogden

se da consciência da realidade do perigo ao qual está-se sujeitando. O indivíduo se ilude e se orgulha da sua crença de que pode, mais do que qualquer outro, “voar mais perto da chama”, sem sofrer lesão. Ele ou ela acredita-se imune a todo perigo, ao mesmo tempo que se excita intensamente com esse perigo. A necessidade desesperada de extrair vida de e infundir vida na relação parental vazia leva o paciente a expor a realidade externa e afirmar inconscientemente que ele existe fora da lei, o que inclui tanto as leis da sociedade como as leis da natureza (Chasseguet-Smirgel, 1984). Como a vida psicológica do indivíduo, em certo sentido, já foi perdida, ou, mais acuradamente, nunca chegou a existir, há certa realidade na idéia de que ele nada tem a perder.

Os comentários precedentes poderiam ser afirmados resumidamente na forma do seguinte conjunto de proposições esquemáticas:

1. No desenvolvimento sadio, uma sensação de si mesmo como ser vivo é igualada a um intercurso (relação) parental amoroso e fértil. Dessa relação nasce um sentimento de vida, do qual o paciente extrai uma sensação de realidade e vitalidade de seus pensamentos, sentimentos, sensações, subjetividade, relações de objeto, etc.

2. Uma perversão do tipo em discussão representa um esforço fútil e infundável de extrair vida de uma cena primária sentida como morta.

3. Esse tipo de perversão envolve um tipo de excitação resultante da destruição cínica daquilo que se crê ser a verdade do vigor do intercurso parental cuja fonte de vitalidade é sentida como inacessível e provavelmente inexistente. Em outras palavras, o intercurso parental, aparentemente amoroso e fértil, é sentido como uma mentira, um embuste. Esses indivíduos perversos introjetam uma relação degradada e fantasiada; subseqüentemente envolvem outros numa atuação compulsivamente repetida desse conjunto de relações internas de objeto.

4. Nessa forma de perversão, gera-se um círculo vicioso no qual o intercurso fantasiado dos pais é representada como destituído de amor e de vida, não resultando em procriação; o paciente tenta, em vão, infundir na relação uma pseudo-excitação da qual busca extrair vida (ou, mais exatamente, criar-lhe um substituto). Como o intercurso parental fantasiado do qual o paciente perverso tenta extrair vida é vivenciado como morto, ele ou ela procura extrair vida da morte, verdade da falsidade. Alternativamente, o paciente poderá tentar usar a mentira como um substituto da verdade/vida (Chasseguet-Smirgel, 1984).

5. Um método importante de procurar infundir vida na cena primária vazia (excitação e outros substitutos da sensação de estar vivo) é a experiência de “flertar com o perigo”, provocando o destino, ao “voar próximo demais da chama”.

6. O desejo desses indivíduos perversos é cooptado e confundido com o dese-





jo de outros, levando-os mais acentuadamente ao “falso reconhecimento” e à “falsa designação” defensivos de suas experiências, de modo a criarem a ilusão de que o desejo foi gerado pelo indivíduo (self-generated desire) (Ogden, 1988).

7. A análise da perversão, conforme se ilustra clinicamente no presente trabalho, fundamentalmente envolve o reconhecimento (a nomeação exata) da mentira sem vida que constitui o cerne da dramatização da transferência-contratransferência da perversão. Dessa forma, a paciente, talvez pela primeira vez em sua existência, pôde sentir-se engajada num discurso experimentado como vivo e real.

8. As sensações iniciais de estar vivo e de realidade, na análise, surgem do reconhecimento da falta de vida/mentira da transferência-contratransferência; por conseguinte, são, mais frequentemente, sensações assustadoras de morte. Essa experiência é diferente do amortecimento da falta de vida/mentira não reconhecida como tal e que desfilara fantasiada de verdade. Anteriormente, a mentira (intercurso vazio) tinha que ser impregnada de excitação falsa/perversa, num esforço de trazer a vida ao intercurso vazio e de adquiri-la dele. O reconhecimento da mentira não é uma experiência de excitação sexual, porém ele possibilita um estado mental em que se podem vivenciar tanto a vitalidade sexual (no contexto de relações de objeto inteiras) quanto um pensamento e um discurso criativos.

Comentários finais

Neste trabalho, illustrei clinicamente a maneira como a análise da perversão envolve forçosamente a elaboração de uma transferência-contratransferência perversa inconsciente, para a qual há contribuição e participação tanto do analista como do analisando. Essa construção intersubjetiva é potentemente conformada pela estrutura perversa do mundo objetal interno inconsciente do paciente. O entendimento do analista a respeito da dramatização perversa da qual ele ou ela participa sem querer é desenvolvido, em parte, através da elaboração e análise de pensamentos, sentimentos, fantasias, “rêveries”, ruminções, sensações e assim por diante, cotidianos, não-obstrutivos, que, muitas vezes, aparentemente, não têm relação com o paciente. Compreensões desenvolvidas dessa forma são utilizadas no processo da formulação de interpretações de transferência. □





Thomas H. Ogden

Summary

In this paper I suggest that the analysis of perversion necessarily involves the elaboration and analysis of a perverse transference-countertransference. Both analyst and analysand contribute to and participate in the perverse transference-countertransference which intersubjective construction is powerfully shaped by the perverse structure of the patient's unconscious internal object world. In the fragment of an analysis that is presented, I illustrate the way in which the analyst makes use of his experience in (of) the transference-countertransference in gaining understanding of the perverse scenario that the patient is utilizing as a form of psychic organization defense, communication, and object relatedness. I discuss the analyst's use of his own unobtrusive, mundane thoughts, feelings, fantasies, ruminations, sensations, and so on, in the service of understanding the perverse transference-countertransference, which understanding is utilized in the formulation of transference interpretations.

The perversity of the transference-countertransference is viewed as deriving from the patient's defensive use of particular forms of sexualization as a way of protecting himself or herself against the experience of psychological deadness. Compulsive erotization is understood as representing a method of creating an illusory sense of vitality. The subversion of the recognition of the experience of psychological deadness is achieved in part through compulsively enlisting others in the enactment of exciting, erotized, and often dangerous substitutes for the experience of being alive.

Referências

- BION, W. R. *Learning from Experience*. New York: Basic Books.
- BRITTON, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In: *The Oedipus Complex Today: Clinical Implications*. London: Karnac, p.83-102.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1984). *Creativity and Perversion*. New York: Norton.
- FREUD, S. (1923). Two encyclopedia articles. *S. E.*, v. 18, p. 233-239.
- . (1927). Fetishism. *S. E.*, v. 21, p.147-157.
- GREEN, A. (1975). The analyst, symbolisation and absence in the analytic setting. (On changes in analytic practice and analytic experience). *Int. J. Psychoanal.*, v. 56, p.1-22.
- JOSEPH, B. (1985). Transference: the total situation. *Int. J. Psychoanal.*, v. 66, p.447-454.
- . (1994). "Where there is no vision...": from sexualization to sexuality. Presented at the San Francisco Psychoanalytic Institute, San Francisco, April.
- KHAN, M. M. R. (1979). *Alienation in Perversions*. New York: Int. Univ. Press.
- KLEIN, M. (1926). Psychological principles of infant analysis. In: *Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945*. London: Hogarth Press, 1968, p.140-151.

508 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





- . (1928). Early stages of the Oedipus conflict. In: *Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945*. London: Hogarth Press, 1968, p.202-214.
- . (1952). The origins of transference. In: *Envy and Gratitude and Other Works, 1946-1963*. New York: Delacorte, 1975, p.48-56.
- LOEWALD, H. (1986). Transference-countertransference. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, v. 34, p.275-287.
- MALCOLM, R. (1970). The mirror: a perverse sexual phantasy in a woman seen as a defence against a psychotic breakdown. In: *Melanie Klein Today*, vol. 2, ed. E. Spillius. New York: Routledge, 1988, p.115-137.
- MCDOUGALL, J. (1978). The primal scene and the perverse scenario. In: *Plea for a Measure of Abnormality*. New York: Int. Univ. Press, 1980, p.53-86.
- . (1986). Identifications, neoneeds and neosexualities. *Int. J. Psychoanal.*, v. 67, p.19-31.
- MELTZER, D. (1973). *Sexual States of Mind*. Perthshire, Scotland: Clunie Press.
- OGDEN, T. (1988). Misrecognitions and the fear of not knowing. *Psychoanal. Q.*, v. 57, p.643-666.
- . (1989). *The Primitive Edge of Experience*. Northvale: Jason Aronson.
- . (1991). Analysing the matrix of transference. *Int. J. Psychoanal.*, v. 72, p.593-605.
- . (1992a). The dialectically constituted/decentred subject of psychoanalysis. I. The Freudian subject. *Int. J. Psychoanal.*, v. 73, p.517-526.
- . (1994a). The analytic third – working with intersubjective clinical facts. *Int. J. Psychoanal.*, v. 75, p.3-20.
- . (1994b). The concept of interpretive action. *Psychoanal. Q.*, v. 63, p.219-245.
- . (1994c). Identificação projetiva e o terceiro subjugador. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 2, p.153-162. (Published in English as “Projective identification and the subjugating third”. In: *Subjects of Analysis*. Northvale: Jason Aronson, 1994, p.97-106.)
- . (1994d). *Subjects of Analysis*. Northvale: Jason Aronson.
- . (1995). Analysing forms of aliveness and deadness of the transference-countertransference. *Int. J. Psychoanal.*, v. 76, p.695-709.
- O'SHAUGHNESSY, E. (1989). The invisible Oedipus complex. In: *The Oedipus Complex Today: Clinical Implications*. London: Karnac, p.129-150.
- SCHAFER, R. (1994). *Retelling a Life: Narration and Dialogue in Psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- STEINER, J. (1985). Turning a blind eye: the cover-up for Oedipus. *Int. Rev. Psychoanal.*, v. 12, p.161-172.
- WINNICOTT, D. W. (1974). Fear of breakdown. *Int. Rev. Psychoanal.*, v. 1, p.103-107.

Tradução de **Hedy Hofmann**
Revisão técnica de **Anette Blaya Luz**

Thomas H. Ogden
306 Laurel Street
San Francisco – California – 94118 – USA

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **510** é branca





Entrevistas





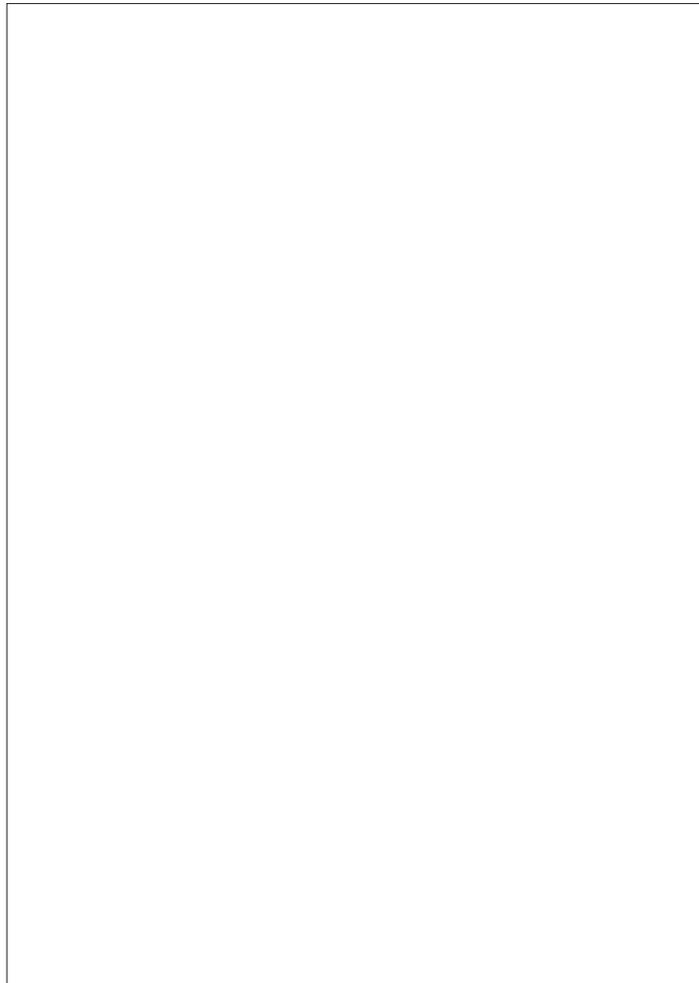
Atenção montador
a página **512** é branca





Entrevista com Betty Joseph*

Entrevista concedida, em 05 de janeiro de 1997, a Mauro Gus, Joel Nogueira, Anette Blaya Luz, Carmem Keidann, José Carlos Calich, Jussara Dal Zot, Raul Hartke, Theobaldo Thomaz e Ida Gus.



* Membro da Sociedade Britânica de Psicanálise.





RP – *Sra. Betty Joseph, é um grande prazer tê-la conosco. A senhora não nos conhece, mas nós a conhecemos muito, através dos seus escritos, que lemos com muita atenção, que servem de referência para os nossos trabalhos, para seminários que damos aos nossos alunos no Instituto e para discussões nas nossas grandes reuniões plenárias. Seu nome e o que a Sra. escreveu são muito freqüentemente citados na nossa Sociedade.*

Gostaríamos de lhe dizer que nossa Revista de Psicanálise foi lançada para comemorar os 30 anos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre como entidade ligada à IPA. Era um velho sonho podermos lançar uma revista consistente, pluralista e que contivesse trabalhos científicos de todas as orientações escolásticas. Tivemos a honra de entrevistar numerosos convidados da Sociedade, entre outros, Otto Kernberg, Elisabeth Spillius, David Tuckett, Donald Meltzer, Jean Laplanche, Daniel Widlöcher, André Green e, agora, sentimos uma grande satisfação em estar com a senhora.

Pediríamos que a senhora selecionasse algumas das perguntas que lhe parecessem mais interessantes; iniciariamos, dessa maneira, um diálogo em torno de suas respostas. Muito Obrigado.

Lista de perguntas:

1. *Por favor, fale-nos um pouco de sua formação analítica e do que mais, em sua vida, a Sra. pensa ter contribuído para essa formação.*

2. *Qual o status da formação analítica na Inglaterra? Há procura pela formação? Quem procura? Há procura por parte de profissionais médicos? Isso faz diferença? Ouvimos falar que, na Inglaterra, a formação analítica tem sido menos procurada por médicos e por homens.*

3. *Outra questão que tem sido debatida é sobre a vinculação da psicanálise e da formação psicanalítica às instituições universitárias e outras. Há opiniões favoráveis e desfavoráveis que dizem que essa vinculação tolheria as análises e traria uma tendência à “busca de resultados”. Qual sua opinião a respeito?*

4. *Nos EUA, na Europa em geral e na América do Sul (conhecemos bem a situação no Brasil), a psicanálise vem sofrendo uma espécie de “concorrência” causada pelas terapias chamadas “alternativas”. Qual a situação delas e da psicanálise na Inglaterra, nos dias de hoje?*

5. *Crise da psicanálise, crise teórica, prática, técnica? Valores da humanidade?*

6. *Os pacientes de hoje em dia são diferentes dos pacientes da época de Freud e Klein? Há mais pacientes narcisistas ou há mais diagnósticos de pacientes narcisistas? Há influência da cultura nisso? O papel da mulher na sociedade atual influencia? E as novas “estruturas familiares”?*





7. *A introdução da idéia de transferência situação total, publicada pela Sra. em 1985, traz, como consequência, alterações na teoria da técnica, inclusive a de um conceito correlato que é o de “contratransferência situação total”. Isso nos conduz à idéia de “campo analítico”. Que implicações técnicas isso acarreta?*

8. *Dentro da chamada teoria kleiniana atual, qual a importância da figura paterna? O terceiro na relação? O papel do terceiro como fundamental na criação dos espaços psíquicos e, portanto, na simbolização e capacidade de pensar os pensamentos?*

9. *E sobre a sexualidade na psicanálise britânica? Existem autores que criticam esse aspecto, salientando que só a pré-genitalidade é valorizada, como se os aspectos prazerosos e a genitalidade ficassem esquecidos. O que pensa sobre isso?*

10. *Como é a formação de analista de crianças e adolescentes, em sua Sociedade? Em sua opinião, deve ser vinculada à formação de analista de adultos ou não?*

11. *Como a Sra. vê a observação de bebês dentro da psicanálise?*

12. *Em outra entrevista aqui no Brasil, a Sra. informou haver feito duas análises. Outras pessoas proeminentes na psicanálise também o fizeram. Essa é uma prática menos freqüente no Brasil. Freud recomendava que fossem feitas re-análises periódicas. Ainda que a duração das análises tenha sido modificada (aumentaram) e os seus objetivos ampliados, como vê a questão?*

13. *Que rumos teóricos acha que a psicanálise deverá tomar na virada do milênio?*

BJ – Muito obrigada por aquilo que disse. Agradeço a todos por me convidarem a participar na sua Revista. Mas, por onde devemos começar?

RP – *Por onde a senhora quiser. Mas, me parece que, se iniciar pela primeira e se sentir à vontade com isso, seria muito interessante.*

BJ – Bem, comecei minha vida profissional como assistente social psiquiátrica. Então pensei que nunca poderia fazer esse tipo de trabalho se não me tivesse analisado. De modo que, tão logo terminei minha graduação, decidi que procuraria um emprego somente em local onde houvesse uma universidade, para que fosse mais interessante, como também um psicanalista. Assim, fui a Manchester, onde se encontrava Michael Balint. Na época tinha cerca de 23 anos de idade. Comecei a análise lá e não tinha qualquer intenção de fazer a formação analítica. Contudo, Balint sugeriu que eu a fizesse. Com 23 ou 24 anos, fui entrevistada e aceita. Essa é uma maneira completamente errada de começar a ser analista. Porém, o treinamento principal era





Entrevista com Betty Joseph

em Londres e, após alguns anos, Balint decidiu ir para lá e eu também. E assim, fui e fiz a formação comum em psicanálise de adultos e, em seguida, a de crianças. Então, simplesmente segui a carreira normal. Salvo que, passados alguns anos, minha análise com Balint estava, por assim dizer, terminada e, pouco depois, com a aprovação dele, interessei-me pelo trabalho kleiniano. Fui-me analisar, então, por alguns anos, com Paula Heimann, isso, naturalmente, antes de ela deixar o grupo kleiniano. Depois, da maneira usual, tornei-me analista didata, e é essa a história da minha vida. Mas é interessante que nunca sequer considereei tornar-me psicanalista. Não fora a influência de Balint, duvido que o tivesse feito. O que é engraçado, porque Balint, na minha opinião, realmente não era um bom analista. Era um excelente psicoterapeuta.

Mas, é melhor olharmos a pergunta número 2, porque realmente acho que envolve tudo, não? A situação na Inglaterra, até onde posso ver, é semelhante à situação em grande parte do mundo. Recebemos cada vez menos profissionais da área médica para treinamento, a idade dos candidatos tende a ser um pouco mais avançada e, de modo geral, recebemos mais mulheres de meia idade do que antes, eu quero dizer, realmente, de meia idade, não as muito jovens.

RP – *Na década dos quarenta?*

BJ – Não, fins dos trinta anos. Mas a nossa regra era que ninguém de mais de quarenta anos podia começar a formação. Agora, se as pessoas têm uma boa formação em trabalho clínico, tendemos a considerá-las candidatas, com maior facilidade do que antes. Ninguém sabe, acredito, por que a psicanálise atrai menos pessoas para a formação do que anteriormente. Isso está ligado a toda essa questão da posição da psicanálise no mundo de hoje, não? Vocês têm os mesmos problemas aqui?

RP – *Talvez tenhamos esse problema em forma inicial, porque aqui, na nossa Sociedade, até 5 ou 6 anos atrás, a Sociedade só aceitava médicos para treinamento. E só pessoas até 40 anos. Isso se modificou nesses 5 ou 6 anos, quando começaram a entrar profissionais da área da psicologia e o perfil da procura, portanto, começou a se modificar. Ainda há, porém, uma procura razoável por parte de médicos. Por exemplo, neste ano, temos selecionado meio a meio. Quanto ao sexo, tende mais para o feminino: é a grande maioria. Nossa tendência é, talvez, de ficarmos com o perfil próximo ao que há na Inglaterra. Mas, no momento, ainda não é assim.*

BJ – Creio que o que ocorre na Inglaterra é semelhante ao que ocorre em grande parte da Europa. É que na Inglaterra teria sido muito difícil não aceitar profissionais não médicos, devido à presença de Anna Freud e Melanie Klein.

516 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





RP – *Pensava em Zaira Martins, a esposa do nosso fundador. Foram a Buenos Aires, ela se analisou com Celes Cárcamo e o Mário Martins com Angel Garma. Daí nossas origens nessa cidade e, também, a forte influência kleiniana dentro da nossa Sociedade.*

BJ – Interessante. Creio, porém, que isso está relacionado àquilo que chamam de a crise atual da psicanálise. Eu não sei se há uma crise. Na minha opinião, a queda dessa popularidade, nos Estados Unidos, por exemplo, foi uma coisa boa. E é, contudo, muito interessante que haja tal antagonismo, realmente, à análise. Acredito que a mídia, na Inglaterra e na América, faça muitas críticas, muitos ataques e que se esteja menosprezando a psicanálise. Provavelmente mais do que aqui, e ainda não está claro o porquê. Há uma outra questão sobre o que chamamos crise: verifica-se uma diminuição muito grande de interesse real e de crença verdadeira na psicanálise. Os jovens de hoje parecem inclinar-se mais pelas ciências estatísticas e médicas, que podem ser comprovadas.

RP – *Na sua opinião, Sra. Joseph, o fator econômico não seria o determinante nessa transformação que há na Inglaterra, Europa e Estados Unidos, no sentido de que a psicanálise não é mais um objeto de consumo neste momento?*

BJ – Acredito que devem existir fatores econômicos e sociais importantes envolvidos. Você quer dizer que não é mais uma boa maneira de ganhar a vida, ou é algo mais profundo?

RP – *Seria uma disputa de mercado no sentido que a Sra. descreveu: os médicos psiquiatras não demonstram interesse tão grande como há anos atrás?*

BJ – Pessoalmente sinto que é uma coisa muito mais complicada; o ponto que está mencionando é importante, mas há todo tipo de fatores envolvidos, como o que chamaríamos, na Inglaterra, o “thatcherismo”, a pressão do interesse em obter resultados rápidos.

RP – *As terapias alternativas oferecem uma propaganda de resultados rápidos e prontos. Seria isso?*

BJ – Sim, penso que há algumas psicoterapias de tipos diferentes, cognitivas, comportamentais. Penso que essas desempenham um papel em afastar o interesse pela psicanálise, mas há muitos outros elementos. Por exemplo, constato que, na Inglaterra, alguns dos outros treinamentos psicoterápicos sérios também não estão





Entrevista com Betty Joseph

obtendo pacientes. Como se houvesse um movimento muito mais profundo na sociedade contra o interesse pelo inconsciente. Acredito que há tantos fatores que é impossível sugerir um só como o principal.

RP – *Gostaríamos de perguntar algo que é curioso. Parece que há um aumento na busca de atividades e de interesses de resultados imediatos, mas também um aumento crescente do misticismo. Ao mesmo tempo, uma maior resistência à análise, que busca conhecer a realidade interna.*

BJ – Exatamente, essa é uma das coisas, mas, por que? É por isso que ri quando vi estas 13 perguntas simples a serem discutidas numa só hora.

RP – *Esse número de perguntas, Sra. Joseph, expressa também o quão excitados ficamos com sua vinda.*

BJ – Todas estas perguntas são interessantes do ponto de vista técnico. Contudo, será que se poderia ousar discuti-las todas? Por exemplo, a número 6. Será que os pacientes são diferentes daqueles da época de Freud? Eu diria que não são diferentes, só que me parece que as histéricas muito floridas ou “escancaradas” tornaram-se mais complexas e menos ruidosas. Mas suspeito que não seja o caso, que hoje apenas sejamos mais sensíveis e nosso trabalho mais acurado. Pensaria que, onde antes pacientes muito narcisistas eram desencorajados de se analisar, ou algo assim, hoje em dia, na verdade, vemos o narcisismo como algo analisável. Suspeito que, atualmente, somos muito mais sensíveis a perversões mais sutis. Mas, duvido muito que as coisas tenham realmente mudado. Por exemplo, vocês diriam que o papel da mulher na sociedade de hoje tem alguma influência na natureza da personalidade das mulheres? Mas será que isso significa que há mudanças reais na natureza das doenças? Duvido.

RP – *Ocorre-me que a relação entre a mãe e o filho é diferente, hoje em dia, na qualidade, na quantidade de tempo; certamente não se cria um bebê, hoje, como na época de Freud; certamente isso teria alguma influência na personalidade que trataríamos.*

BJ – Sim, deve ter uma influência significativa. Porém, o que pensava era que os problemas que agora surgem certamente seriam do mesmo tipo que surgiriam com meninas cujas mães foram negligentes por diferentes motivos, ou que as superprotegeram por sentimento de culpa devido a outras causas. Na realidade era nisso que pensava.

518 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





RP – *Pensamos num outro componente: no modo como a sexualidade é tratada hoje em dia na criação de crianças, e que isso influiria no fato de não termos “históricas” tão “grosseiras”.*

BJ – É possível, mas duvido. Penso, e considero esta uma questão muito interessante; se olhássemos, se realmente tivéssemos tempo de observar esse aspecto, será que verificaríamos que os pacientes são diferentes dos pacientes que eram observados, digamos, há 30 anos atrás? Deve haver uma diferença para a criança criada mais livremente, mas, então, estamos perguntando “será que significa que há mais crianças criadas mais livremente e que, por isso, temos uma gama diferente de doenças?” Duvido que signifique doenças diferentes como tais. O que digo é que seria muito interessante observar esse aspecto em casos reais.

RP – *Dentro desse mesmo contexto, o que sabemos da importância de Klein, e de Klein como mulher, no preenchimento desse espaço que praticamente não havia na psicanálise? A mulher tem uma disposição, via de regra, uma função de maternidade, de abarcar, de conhecer, de sentir, de vivenciar aspectos mais primitivos, que foram os grandes acréscimos pós-Freud. E isso se nota na sociedade, até numa modificação no número de mulheres que participam ativamente, e eu digo sociedades em geral, em que a expressão da feminilidade, da sexualidade feminina não é tomada apenas naquele aspecto histórico, a partir de uma visão, de alguns anos, do homem a respeito da mulher: Qualquer manifestação da mulher além da prevista seria considerada histórica.*

BJ – Possivelmente. Vejo o que você quer dizer com a maior liberdade das mulheres, e isso nas mentes dos homens também. Você acha que o que, antes, teria sido considerado sintoma histérico, agora, é menos provável que fosse visto assim?

RP – *Hoje a histeria seria mais determinada em função de traços de caráter, da conduta.*

BJ – O que é verdade. Acho que é verdade. Mas, há algo que não está certo na pergunta 8. Posso falar primeiro da 8? Julgo que alguém pensa que o pai não desempenha um papel importante na teoria kleiniana. Ora, penso que isso não é assim, mas creio que alguns dos primeiros escritos davam a impressão de que o pai estava em segundo plano. Certamente não foi isso que a Sra. Klein quis dizer; fica claro, em muitos dos seus escritos, que sua idéia é que o relacionamento do bebê com a mãe rapidamente seria repetido com o pai, ou sofreria interferência de parte dele. Mas





Entrevista com Betty Joseph

vocês verão que muitos dos escritos mais recentes dão grande importância à configuração e ao papel do terceiro. Conhecem o *Complexo de Édipo Hoje**, não? Ele enfatiza muito o papel primitivo da terceira pessoa. Todavia, reconheço que, nos primeiros escritos, parecia que o pai tinha sido deixado de fora. Claramente, porém, não era a idéia que ela queria transmitir. Acredito ser antes uma impressão que se teve, devido à grande ênfase dada pela Sra. Klein ao relacionamento muito precoce e, portanto, com a mãe. Não creio que, por um momento sequer, ela tenha deixado o pai de fora no trabalho. Mas é interessante o quanto o terceiro está sendo enfatizado, atualmente.

Quanto à questão da dependência, a dependência realmente deve começar com a mãe, não é? Se não houver uma relação de dependência apropriada com a mãe, então não será possível uma apropriada elaboração edípica, ou não haverá um adequado relacionamento com o pai. Mas, penso que o que se dizia aqui era que toda a questão de dependência e de separação do objeto foi tão elaborada em relação à mãe que, às vezes, de fato, parece que o pai ficou de fora.

RP – *É que ela observa um momento em que o pai está presente apenas indiretamente e descreve esse momento, depois que Freud descreveu o complexo de Édipo, montando toda a teoria psicanalítica baseada no complexo de Édipo reduzido à observação do fato analítico enquanto relação da mãe com o bebê, que é o que Melanie Klein fez, não?*

BJ – Mas ela não a reduz.

RP – *Parecer-nos-ia que, do ponto de vista observacional, sim. E aí só para completar isso, eu teria de incluir mais outra pergunta: o que a Dra. Joseph pensa da questão da observação da relação mãe-bebê?*

BJ – Penso que um dos grandes valores da observação de bebês está realmente no fato de treinar pessoas a observar, a ter a dor de não poder interferir, tentar ver qual é a sensação verdadeira da contratransferência, ou aquilo que seria contratransferência num trabalho analítico, como é despertada, como os estudantes se sentem tentados a tomar o partido do bebê contra a mãe, ou da mãe contra o bebê. Na minha opinião, o verdadeiro valor está em ajudar o estudante a observar em geral e também a observar pequenas ações (pequenos episódios) entre a díade. Nessa díade, eu lamentaria muito se o observador não levasse em conta o papel do pai em prejudicar ou incentivar aquilo que está ocorrendo.

* Refere-se ao livro de Britton, R. "Complexo de Édipo Hoje".





RP – *Então, na sua opinião, quais os pontos de investigação mais importantes no momento, na prática e na teoria psicanalítica?*

BJ – Só Deus sabe.

RP – *O que a senhora acha que, na Inglaterra, de momento, recebe a maior ênfase de preocupação e de estudo?*

BJ – Depende. Penso que seria muito difícil dizer, porque depende muito do grupo ao qual pertence o analista.

RP – *E no grupo kleiniano?*

BJ – Acredito que houve muito progresso na compreensão de assuntos como identificação projetiva, que se liga à questão toda do relacionamento entre paciente e analista e ao tema da transferência. Mas, quando digo isso, há um perigo, porque essa é minha área de interesse pessoal. Penso realmente que a maior sensibilidade quanto ao que ocorre dentro da sessão, ou dentro do relacionamento, entre analista e paciente, nos ajudou enormemente não só a olhar coisas como questões técnicas, “acting out”, “acting in”, mas também a esclarecer vários pontos teóricos, por exemplo, estamos realmente falando mais a respeito de identificação e tipos diferentes de identificação. Depois, vejam, existe toda a área de sintomatologia propriamente dita, há muito interesse em perversão, não apenas, ou não principalmente, devido à perversão grosseira, mas mais à questão de formação de um tipo de caráter perverso. Penso que tudo isso está interagindo no momento; não seria justo, porém, dizer que esses seriam os principais interesses do grupo freudiano contemporâneo, mas eles estão muito interessados nisso. Vocês podem ver quanto o trabalho de Joseph Sandler se liga ao nosso; há um certo tipo de união, certa infiltração de idéias.

RP – *Uma base comum.*

BJ – Base comum e interesses em comum.

RP – *E quanto à pergunta nº 9?*

BJ – Realmente? Eu não tinha nenhuma idéia de que haveria uma forte crítica a respeito da psicanálise inglesa na revisão da sexualidade. Os ingleses ainda estão fazendo filhos...





Entrevista com Betty Joseph

Penso que há uma ênfase considerável na sexualidade pré-genital, mas não é verdade que, quando tentamos ver a dependência de uma capacidade de absorver (compreender), que representa uma parte tão grande do nosso trabalho, estamos falando a respeito de qualidades que raramente são de importância básica para a verdadeira genitalidade? Ou, quando falamos sobre pessoas que têm a capacidade de fazer bom uso de suas agressões ou do seu poder, sem ficar excessivamente ligadas, digamos, ao sadismo, falamos sobre algo que realmente contribui para a potência? Creio que o elo todo entre genitalidade adulta e pré-genital, dá-se nessa conexão na qual eu considero que estamos interessados. É muito interessante saber que há essa crítica. Será que o que estou dizendo faz sentido?

RP – *Sim.*

BJ – Porque penso que o que estamos vendo são as características da sexualidade pré-genital, que será a substância da verdadeira sexualidade adulta.

RP – *Gostaríamos de saber o que a Sra. considera serem os focos mais destacados, na evolução da psicanálise e para onde a Sra. acha que leva o futuro? Houve uma mudança na valorização da relação paciente/analista, uma maior preocupação com o papel do analista, com o campo analítico, do ponto de vista da técnica. O que estaria acontecendo atualmente? Quais as perspectivas futuras?*

BJ – Pensaria que o que vemos é o que chamaria de um tipo de refinamento do ponto de onde Freud começou. Se olharem os trabalhos de Freud sobre técnica, o que penso que estamos fazendo é o seu refinamento. Ele também estava tentando ajudar as pessoas a não se envolverem com seus pacientes. De certa forma isso é o que ainda estamos tentando fazer. Encontro essa ênfase nos kleinianos muito mais do que em outros. A propósito, odeio a palavra kleiniano. Voltarei a isso daqui a pouco. Mas, a maior ênfase centra-se em tentar permitir-nos sentir o que está acontecendo, em dar-mo-nos conta do ponto onde quase cometemos um acting out e procurar usar isso construtivamente para buscarmos entender: a) o que está acontecendo no paciente e b) em nós. Odeio o trabalho sobre a assim chamada contratransferência, na qual o interesse parece ser por aquilo que o analista sente, em lugar daquilo que está acontecendo no paciente. Porque há alguns trabalhos realmente péssimos, feitos em nome da contratransferência. Quase gostaria de carregar uma bandeira: “Esqueçam-se de vocês mesmos”. Claro que não é bem assim. Agora, vindo de mim... vocês devem saber o que eu quero dizer. Bem, quanto à palavra kleiniano, por que lhe faço objeção? Odeio a idéia de dividir gente em grupos dessa maneira: ou somos psicanalistas

522 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





ou não. Assim, quando as pessoas vêm-me dizer “Você é kleiniana”, com um tipo de brilho no olhar, respondo: “Não, sou psicanalista!”.

RP – *A própria Melanie Klein teria dito isso uma vez, segundo a biógrafa.*

BJ – Acho que provavelmente seja verdade

RP – *Está no livro de Phyllis Grosskurth. Lembra-se disso?*

BJ – Ela disse isso mesmo? Infelizmente, essa pessoa que escreveu o livro não é muito confiável.

RP – *Não?*

BJ – Não.

RP – *É importante que a Sra. diga sua opinião sobre a biógrafa. Não tínhamos idéia. No livro lê-se que a Sra. Klein lhe disse que não tinha a intenção de ser kleiniana, nem de formar uma teoria kleiniana e a Sra. lhe contestou: “Bem agora é tarde!”.*

BJ – Mas vejam o que quero dizer, afinal de contas, é que Freud, ou Winnicott, ou Klein ou qualquer um, são pensadores de quem todos nós tomamos emprestado. Tomamos de empréstimo, ou não tomamos de empréstimo. Todos eles influenciam nosso trabalho em maior ou menor grau, mas isso não significa que olhemos somente para isso. E a idéia toda de que Klein pertenceria a um grupo de pessoas é completamente errada, ou que Freud não pertence a todos nós, sabem, também o é!

RP – *Gostaríamos de saber a respeito da biografia de Melanie Klein, de Phyllis Grosskurth, porque o seu comentário me deixou uma dúvida. A biografia dela não é confiável porque não dá uma idéia simpática da Sra. Klein, ou porque falseia ou distorce dados sobre Melanie Klein? Gostaria de ter uma idéia a respeito.*

BJ – Vejam, em termos muito gerais, muitos de nós falaram bastante livremente com Phyllis Grosskurth; realmente sentíamos que ela era uma verdadeira amiga da Sra. Klein. Quando a biografia foi publicada, não apenas nós ficamos horrorizados; antes, as pessoas do grupo independente que tiveram o livro nas mãos – porque a Karnac, editora de Londres, conseguiu uma cópia antes de ser publicado –





Entrevista com Betty Joseph

mostraram-na a um ou dois dos independentes casualmente presentes na loja naquele momento e eles se horrorizaram com o tom do livro. Um deles me emprestou uma cópia para o fim de semana e também fiquei consternada. Penso que grande parte do trabalho histórico é excelente: ela captou detalhes e encontrou pessoas que conheciam a Klein de maneira brilhante, e tudo isso, na minha opinião, é muito louvável. Alguns dos fatos que ela apresenta, na verdade, estão errados, um ou dois dolorosamente errados. Mas, algo de que realmente a maioria não gostou é quanto à descrição das pessoas. Até onde posso ver, apenas uma se sai bem: Eric Klein, o filho. Há um bom motivo para que ele tenha sido apresentado de maneira simpática.

RP – *Winnicott também. De certa forma.*

BJ – Sim, é como se inconscientemente ela tenha apenas captado as características ruins: são as que aparecem no livro. E ela cita um comentário que fiz, de maneira bastante jocosa, a respeito de Winnicott. Mas, por que citar apenas aquele comentário? O livro é perspassado de um tipo de...

RP – *Malícia?*

BJ – Sim, uma qualidade maliciosa. Aqueles de nós que falaram muito com ela, nunca chegaram a suspeitar que faria isso. Não quero sugerir que o livro não seja extremamente útil, também, desde que a pessoa se dê conta de que existe algo muito negativo e de que Melanie fica parecendo uma pessoa de péssimo caráter. Se você o lê, tem dificuldade em pensar que ela foi, creio que se pode usar o termo, um gênio. Isso não transparece, o livro tem algo de malicioso e mesquinho.

RP – *Nós faríamos uma pergunta bastante breve. Já que a senhora nos informou sobre esses aspectos da biografia, eu gostaria de saber o que pensa sobre o livro de Jean Michel Petot sobre a teoria psicanalítica?*

BJ – Ainda não o li, de modo que não poderia dizer. O que vocês acharam?

RP – *É um bom estudo sistemático e histórico. Ele coloca a obra kleiniana sob uma perspectiva histórica.*

BJ – Até onde eu li, concordo.

524 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





Entrevista com Betty Joseph

RP – *Gostaríamos de lhe agradecer por sua disponibilidade que, inclusive, superou o cansaço da viagem, muito obrigado.*

BJ – Muito obrigada, realmente, pela atenção de todos vocês. □

Transcrição e tradução de **Hedy Hofmann**

Revisão técnica de **Anette Blaya Luz, Carmem Keidann e Jussara S. Dal Zot**

© Revista de Psicanálise – SPPA



Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997 □ 525





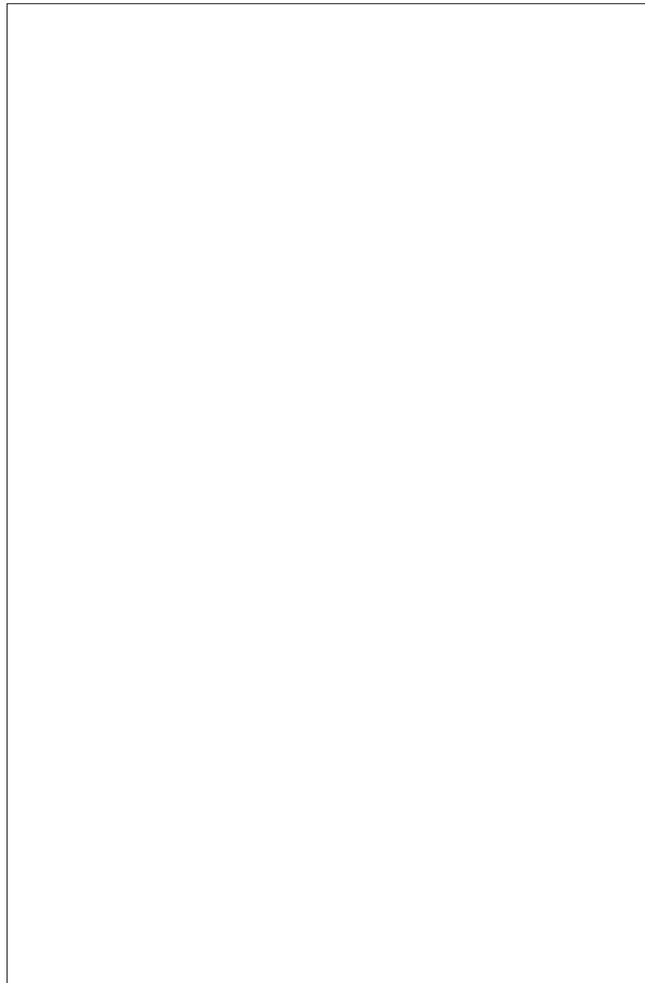
Atenção montador
a página **526** é branca





Entrevista com Roy Schafer*

Entrevista concedida, em Barcelona, a Mauro Gus, Anette Blaya Luz, Jussara Dal Zot, Raul Hartke e Ruggero Levy. Estavam presentes também: Ida Gus, Paulo Favalli e Sérgio Lewkowicz.



* Membro da Associação Psicanalítica Americana.





Entrevista com Roy Schafer

RP – *Dando início a esta entrevista, queremos agradecer-lhe a presença, dizer-lhe que consideramos muito interessante seu pensamento psicanalítico. Gostaríamos que nos contasse alguma coisa sobre sua vida como psicanalista, sua formação e principais influências teóricas.*

RS – Com certeza. Minha vida como psicanalista começou na faculdade. Nem mesmo planejava dedicar-me à psicologia, mas, depois de ler *Introdução Geral à Psicanálise* de Freud, numa disciplina que era requisito obrigatório, soube que qualquer coisa que fizesse em minha vida teria que relacionar-se à psicanálise. Era a minha vocação; essa leitura foi uma “daquelas” experiências. Antes disso era um adolescente que tirava boas notas, mas que não sabia o que faria no futuro. Concentrei-me, então, em psicologia. Em andamento havia um projeto de pesquisa sobre testes psicológicos na Clínica Menninger. Estavam selecionando assistentes de pesquisa. A Segunda Guerra Mundial estava em curso, mas, como eu ainda não havia sido chamado pelo Exército, fui contratado. Foi a grande oportunidade da minha vida, porque meu mentor, David Rappaport, se tornou um teórico muito conhecido em psicanálise. Naquela época ele estava não só encarregado dos testes na Clínica Menninger como das pesquisas sobre aqueles que ainda não tinham sido desenvolvidos ao ponto de se transformarem em bons instrumentos clínicos. Preocupavam-se com testes para medir a inteligência. Já havia um, o Rorschach, além de alguns outros, mas nada que pudesse ser aplicado, sistematicamente, nos pacientes. O trabalho que ele realizou, no qual eu o auxiliiei, tornou-se, para muitos, a base da moderna psicologia clínica.

Bem, trabalhei com ele, na Clínica Menninger, durante 3 anos, até ser convocado. Terminamos o projeto e, quando saí do Exército, retornei à mesma atividade; fui encarregado dos testes, sempre em constante associação com ele. Mudamo-nos, então, para o Centro Western Riggs, em Massachussets. Ao longo desse tempo, líamos Freud e a psicologia do ego.

Naquela época, psicólogos não faziam psicoterapia, porque a Associação Psicanalítica Americana não autorizava o treinamento de não-médicos. De modo que eu tinha uma base muito ampla em teoria psicanalítica e a usava nos testes. Escrevi vários livros que influenciaram o uso das idéias psicanalíticas em testes psicológicos. Pude, então, fazer a formação psicanalítica, porque abriram uma janelinha (risadas) chamada de “psicólogos de pesquisas”. Fui o primeiro, ou dos primeiros, a entrar. Assim, fiz minha formação psicanalítica no recém criado Western New England Psychoanalytic Institute e lá me diplomei. Na realidade, Rappaport estava ministrando os seminários teóricos sobre Freud, mas, como ele queria ensinar outros temas, mesmo antes de me formar, nomearam-me para o corpo docente, pois eu já sabia

528 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





muita teoria, embora ainda fosse candidato, uma situação estranha (risadas). Tornei-me membro da Sociedade e, com o passar do tempo, seu Presidente, em meados da década de 1960.

Assim, durante muitos anos da minha formação psicanalítica, fui um ferrenho defensor da psicologia do ego de Freud, embora um dos meus supervisores, na realidade o meu primeiro, fosse Hans Löwenstein, cujo trabalho vocês talvez conheçam. Ele já estava adotando um ponto de vista mais próximo da teoria das relações objetais, mas nunca falava disso abertamente, embora utilizasse sempre os conceitos antigos para ensinar idéias novas. Também se interessava muito pelo existencialismo, que estudara um pouco na Alemanha. Acredito que havia muito do existencialismo no seu modo de pensar. Para mim, ele era um freudiano muito comprometido com a psicologia do ego. Essa foi minha orientação; fomos doutrinados a pensar que qualquer coisa kleiniana era demoníaca (risadas) – uma das palavras então empregadas – era análise selvagem, loucura, fantasias de uma mulher estranha (risadas)..., de modo que tínhamos opiniões sem conhecimento, realmente, pois não nos ofereciam nada para ler.

Ora, no decorrer dos meus estudos, comecei a dar-me conta de que havia grandes lacunas na teoria; alguns dos meus alunos mais inteligentes contestavam-me. Na realidade, essas lacunas tinham a ver com o desenvolvimento precoce e a agressão precoce, aspectos que não estavam sendo enfatizados na psicologia do ego. Tudo começava com o complexo de Édipo, tal como havia dito Freud. Eu sei que Freud disse muitas coisas e sei, também, que há vários meios de se encontrarem pensamentos e achados relacionados à teoria das relações objetais, mas não era assim com os psicólogos do ego, tais como Hartmann, Kris, Löwenstein e Rappaport. Mesmo em trabalhos como *O Ego e o Id, Inibição, sintoma e ansiedade* e em outros posteriores, sempre enfocaram os aspectos que se referiam às estruturas psíquicas e à energia, o que é, geralmente, conhecido como metapsicologia freudiana. Perito nisso, no fim da década de sessenta, publiquei um livro chamado *Aspects of Internalization*.

Era uma revisão, mas também continha alguma crítica à versão mais avançada da metapsicologia de Freud. Eu conhecia, e penso que ainda conheço muito bem, Hartmann, Kris, Löwenstein, Rappaport, por dentro e por fora. Muitas pessoas, nos Estados Unidos, ainda sentem que devem grande fidelidade àquela versão, no entanto, a citam erroneamente. Quanto a mim, só expresse opiniões quando dominar completamente um assunto, o que significa que sou um tanto quanto limitado, mas muita gente não se dá conta disso. Não consigo me concentrar em tudo. Como escrevo bastante, não me sobra muito tempo para leituras.

Mas, voltando à minha experiência de ensino, dei-me conta de que havia problemas na teoria de Freud sobre as mulheres, sobre o desenvolvimento infantil, a





agressão e comecei a escrever a respeito. Redigi meus primeiros trabalhos sobre a teoria clínica dos afetos, sobre superego e empatia e sobre assuntos que não eram discutidos na literatura da psicologia do ego. Julgava que estava aperfeiçoando a psicologia do ego, mas foi o início do meu desvio para algo diferente: dei-me conta, finalmente, de que estava abandonando a metapsicologia de Freud. Apresentei trabalhos e as pessoas disseram: “São boas críticas, mas é tudo que temos”. Assim, tomei isso como um desafio e decidi: “Vejam como fazê-lo de maneira diferente” e fiz. Embora não tenha um preparo formal em filosofia, li muito sobre interpretação dentro da filosofia e da crítica literária. Para mim isso é que é a psicanálise: interpretação. Em um teste psicológico, você tem números, tem respostas, mas o que significam? É necessário encontrar um significado. E isso é interpretação.

Dei-me conta de que a maneira de fazê-lo não era como a de Freud: começar com um modelo do tipo “que pensamentos são necessários para tornar a psicanálise uma ciência respeitável?” Ele disse isso em cartas e escritos, pois se comprometeu com tornar a psicanálise uma ciência tão digna quanto as ciências físicas e químicas de sua época. Penso que aquela era a hipótese errada e, no pensamento moderno, também seria a hipótese errada. A hipótese correta seria: “O que estamos fazendo? Que tipos de hipóteses precisamos para fazê-lo? Vamos desenvolver conceitos apropriados para isso.” De modo que é assim que cheguei à idéia de uma nova linguagem para a psicanálise. Dei-me conta disso, mas não se constituía numa recomendação para mudar. Muita gente me interpretou mal, inclusive Laplanche e Leary. Não recomendava nada diferente dos métodos psicanalíticos estabelecidos, mas sim reexaminou os métodos, conforme os entendo. Talvez nem todos concordem com isso.

De modo que indagava de que hipóteses necessitamos, em que operações nos envolvemos com relação aos métodos e que afirmações, em termos de conhecimentos, nos sentimos no direito de fazer e por que. Basicamente, estamos ajudando as pessoas a entenderem que constroem sua própria experiência com base na realidade psíquica, relacionando-a com uma realidade mais ou menos objetivamente construída, sob forte influência daquilo que é denominado de inconsciente. Isso realmente significa ajudá-las a tornarem-se pessoas que, em termos kleinianos, estão, agora, em posição depressiva. Podem refletir, podem assumir responsabilidade, podem tolerar a ambivalência e podem considerar-se não como controlando tudo nas suas vidas, mas como um centro ativo nas suas vidas, em vez da maneira como tantas delas se apresentam, como vítimas passivas das circunstâncias, de outras pessoas, de pais ruins, tudo externalizado. Não é assim que os psicanalistas trabalham. Os psicanalistas explicitam o que há de novo, agora, que possa estar contribuindo para seus sintomas; abordam o caráter e o seu destino e assim por diante, e isso podemos interpretar. A propósito, posso parar a qualquer momento para responder a perguntas.





Comecei, assim, a abordar a linguagem da ação. Há um ramo da filosofia denominado filosofia da ação que discute detalhadamente questões relacionadas, na qual baseei muito do meu trabalho. Depois, na medida em que avançava, comecei a desenvolver um aspecto, do ponto de vista dessa abordagem, que é o seguinte: o mesmo comportamento, a mesma conduta, o mesmo modo de pensar podem ser considerados de diferentes pontos de vista. Por exemplo, hoje estou sendo entrevistado pela Revista e vocês podem dizer isso de diferentes modos: um, que desejo causar uma certa impressão, ou que me sinto contente de estar aqui, porque tive problemas com minhas costas antes do Congresso e nem sequer estava certo de poder vir, de modo que estou celebrando e assim por diante. Ou seja, há uma maneira de escolher a descrição que vocês consideram a mais apropriada para o contexto, a mais relevante para vocês. Isso também é muito relevante para a teoria da crítica literária moderna e para a moderna filosofia como eu as entendo. Também acredito que esse aspecto sempre foi importante no pensamento de Freud. Nisso é que consiste o trabalho em termos de contexto dinâmico, motivacional, histórico. Não se trata da verdadeira história, mas como a pessoa a imagina, o que nos leva de volta à fantasia inconsciente e para algo assim como a realidade. Não estamos, porém, em situação de dizer que é, absolutamente, isso mesmo. Antigamente, inclusive Freud, costumava-se pensar: “podemos reconstruir o evento real”, como no Homem dos Lobos. As relações sexuais ocorriam, segundo esse enfoque, de certa maneira, a certa hora do dia e isso é o que se encontra presente em sua memória atual.

Porém, hoje em dia, há todo um ramo da psicologia que consiste no estudo da memória e que afirma que não retemos memórias de registros separados. O que retemos são o que chamam “scripts”, na forma de narrativas completas ou estruturas de histórias. Pensando desta forma, que pode haver escolhas, que há diferentes modos de narrar algo, que tudo se estrutura segundo um roteiro que se quer consistente é que comecei a introduzir idéias sobre a narrativa de uma estrutura da história. E assim escrevi outra série de trabalhos, não porque abandonei a linguagem da ação, mas porque essa lhe deu origem. Escrevi, no início da década de noventa, um livro reconstruindo uma vida segundo esse tipo de narrativa, embora em outro livro anterior, *The Analytic Attitude*, já tivesse começado a introduzir a mesma idéia. Quase terminei, não vou ocupar todo o nosso tempo com isto.

RP – *Não... Sinta-se à vontade...*

RS – Como parte da minha exploração crítica da metapsicologia de Freud, comecei a ler Melanie Klein, Fairbairn e os trabalhos ligados aos debates Klein-Freud e publicados como trabalhos separados. Foi muito difícil, mas vi que havia





Entrevista com Roy Schafer

neles algo, não empregado na psicologia do ego, que poderia ser utilizado. Interessei-me de tal forma que, como professor do meu Instituto, comecei uma disciplina acerca do pensamento britânico sobre as relações objetais e, por um ano, uma disciplina sobre o pensamento de Klein que desenvolvi da melhor forma possível. Sempre senti, assim como Hartmann e outros, que havia algo importante ali. Eles escreveram um trabalho sobre o superego e um novo trabalho sobre agressão. Tentavam incorporar idéias que realmente deviam a Melanie Klein, sem dar-lhe esse crédito, e incluí-las na psicologia do ego. Contudo, faziam-no em termos muito formalistas, segundo seu modo de pensar. Porém, o rico conteúdo das fantasias não estava presente.

E assim foi, até o momento em que Betty Joseph começou a publicar seus trabalhos. Não os primeiros, mas os mais recentes como *On Understanding and Not Understanding*, ou *Addiction to Near Death* e assim por diante. Fiquei simplesmente abismado com esses trabalhos: não apenas ela se servia de suas raízes em Klein, como também realizava uma grande evolução. Essa, na minha opinião, consistia numa maneira de usar Klein que não envolvia o fluxo direto da reconstrução psicanalítica do início da vida na qual há poucas comunicações do paciente. Trata-se de toda uma maneira de ouvir, de todo um tipo de “tato” psicanalítico, de um sentido de momento (timing) e de uma atenção especial para descobrir se o paciente está num nível e num estado de espírito capaz de ouvir e de usar o que você está dizendo, ou, caso contrário, se o analista (para capacitá-lo a ouvir) tem alguma outra tarefa a realizar antes disso.

Essa idéia não é alheia à psicologia freudiana do ego. Eles também falam a respeito de preparar o terreno, mas não no mesmo sentido. O tipo de interpretações que Betty Joseph faz, ou o tipo de concepção da posição esquizoparanóide que requer não está presentes neles. Assim, passei a julgá-la cada vez mais útil no meu trabalho clínico e, gradativamente, comecei a lê-la mais e mais. Ainda não posso dizer que domino o assunto, mas...

Creio que a própria Betty Joseph, muitas vezes, aprecia meus trabalhos. Apresentei (risadas), ontem, um a que ela assistiu e do qual gostou muito. Mal posso dizer a vocês como fiquei feliz com isso. Penso assim e o disse: “Se puder agradá-la, realmente sinto que consegui realizar algo”. Minha esposa tem uma história semelhante, de certo modo. Embora sua formação original tenha sido diferente, também se tornou uma fã de Betty Joseph desde cedo. Nós nos reunimos e agora temos vários workshops em Nova York, para formar analistas interessados. Há um interesse crescente nos Estados Unidos por qualquer tipo de pensamento que envolva as relações de objeto. Infelizmente, é muito mais fácil assimilar Winnicott do que Klein, porque Winnicott permite muito mais liberdade pessoal para se ser mais poético, mais literário. Não





ficamos trabalhando dentro de uma disciplina conceitual e técnica severa, como faziam os kleinianos modernos.

De fato esse é um ponto interessante que discuti com alguns deles. Não se pode usar esse método, de modo absoluto e rígido, com a maioria dos americanos. A cultura americana exige a permissão de que cada um seja ele mesmo, para tornar-lhes a análise aceitável. E você tem de dar-lhes mais tempo, ser mais paciente e assim por diante. Mas trouxemos Joseph e Feldman, Steiner e Spillius para grupos de estudo nos Estados Unidos. Temos workshops com eles. Todos causaram uma impressão maravilhosa. Mas há gente treinada para ser estritamente psicólogo de ego e assim acham muito interessante os analistas acima, mas não fica claro que possam usá-los no seu trabalho. Isso é que é o difícil. Porque nisso está envolvida uma identidade profissional, até mesmo o apoio econômico. Se as pessoas ficam sabendo que é nessa direção que você está indo, passam a ter grandes reservas a respeito de encaminharem-lhe pacientes. Minha esposa e eu sentimos isso, porque somos publicamente identificados como kleinianos. Meu trabalho ainda aproveita minha formação na psicologia do ego, que me preparou para pensar mais detidamente sobre as estruturas das defesas de um modo organizado. No pensamento kleiniano... bom, falo de coisas que já sabem. O esforço dá-se no sentido de abordar todo o possível em termos de fantasia inconsciente, mesmo as defesas. Utilizam termos a respeito das defesas, mas, interpretativamente, tudo é sempre compreendido em termos de fantasia inconsciente, se for possível, o que penso ser extremamente útil no trabalho clínico. Ajuda a vencer certas dificuldades na comunicação com os pacientes, diversamente do que ocorre com a psicologia do ego. Nos Estados Unidos há uma decepção crescente com a psicologia do ego como técnica. Por isso estão-se voltando para a teoria das relações objetais. Mesmo Heinz Kohut, com sua psicologia do self. Não sei se ele é bem conhecido no Brasil, mas sua influência está-se disseminando. Consiste em outra versão da psicologia das relações de objeto, embora prefira falar do objeto do self, em vez dos objetos da fantasia inconsciente, dos diferentes estados do self, em lugar das fantasias inconscientes a respeito de um fragmento do self. Ele nem utiliza mais a palavra “inconsciente”. Muitas pessoas pensam, no tocante à linguagem da ação, que há outras coisas dentro do conceito do inconsciente. Creio que Laplanche pensa assim, mas podemos falar sobre isso mais tarde. De qualquer forma, isso lhes dá uma idéia da posição em que agora me encontro. Se deixei fora muitas coisas, falei de muitas outras também.

RP – Temos percebido sua aproximação com os kleinianos. Inclusive, um dos seus últimos livros é sobre os kleinianos de Londres, hoje. Mas, ao lado dessa aproximação, existiriam alguns pontos de divergência? Quais os principais?





Entrevista com Roy Schafer

RS – Eu me preparei. (Risadas).

Mencionei uma das diferenças técnicas que não está sujeita a discordâncias, embora, quando vêm fazer workshops, muitas vezes insistam com os estudantes para que comecem a interpretar mais cedo, mais ativamente do que nós realmente tendemos a fazer. Posso entender que digam isso: penso que pode funcionar melhor com os britânicos, pois o paciente britânico médio foi criado numa cultura com muito mais resíduos de um sistema social autoritário. Sua formação escolar e vida em família preparam-no para aceitar o que dizem os mais velhos e funcionar segundo regras, embora eu saiba que a vida britânica moderna está mudando radicalmente.

RP – *Eles têm uma rainha.*

RS – Sim... eles não podem abandonar a rainha (risadas). Há muitos sintomas disso. Os jornais estão cheios de notícias sobre a família real, na sua maioria um bando de idiotas... Assim, penso que suas idéias exigem, entre nós, uma introdução mais lenta junto aos pacientes. Não há apenas uma diferença cultural. Poderíamos dizer que, mesmo com o paciente britânico, minha impressão é de que as interpretações são, muitas vezes, feitas cedo demais, em medida excessiva, podendo criar um efeito de estruturar o pensamento do paciente. Penso que eles contam coisas demais, excessivamente cedo. De modo que foi um tipo de adesão inconsciente, que, embora muito sensível, talvez não capte suficientemente esse aspecto. Sei que todos os pacientes começam a usar o modo de pensar do seu analista e não creio que seja ruim, mas que isso pode ocorrer muito cedo e de forma excessiva. O modo como costumam trabalhar elimina certos tipos de ambigüidades a respeito do trabalho analítico. Grande parte da vida também não é tão clara assim. Sabemos que envolve diferentes coisas, mas exatamente como ou quanto, ou, o que é mais importante, é meio difícil de dizer. Mas muitas das suas interpretações pressupõem um conhecimento definitivo que vem da teoria e não do paciente. Mais uma vez, isso vale para toda a psicanálise: não acredito naqueles psicanalistas que dizem que se deve ouvir apenas o paciente e utilizar o que o paciente diz. Isso não é mais psicanálise, na minha opinião. Consiste numa conversa sensitiva (risadas). Psicanálise significa que se usam certas idéias e se espera que o paciente, na medida em que pode assimilá-las autenticamente, comece a ver que é valioso pensar dessa forma, sem muita variação. Isso quanto ao aspecto técnico. Do ponto de vista teórico, há uma grande diferença: penso que os kleinianos ainda se sentem obrigados a expressar fidelidade a conceitos tais como a pulsão de morte. Até mesmo escrevem trabalhos. Hanna Segal recentemente escreveu *The Clinical Uses of the Death Instinct*. Mais uma vez, fazendo uso da minha maneira de entender o método da Psicanálise, se você olhar o que fazem, eles estão interpretando

534 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





a agressão, agressão contra o self ou contra o outro. Enfim, diferentes versões da agressão, todas as diferentes emoções nela envolvidas: raiva, inveja, onipotência. A identificação projetiva tem um lado agressivo. Penso que psicólogos do ego freudianos, mesmo que Freud tenha introduzido a teoria dual dos instintos, rejeitaram a pulsão de morte e disseram que ainda acreditavam numa pulsão agressiva. Não a utilizam de maneira tão rica quanto os kleinianos, e considero que isso é uma vantagem clínica. Dos kleinianos a gente consegue não apenas ver a agressão, mas também dar-se conta de quanta ainda existe no caminho. Quando apresentei meu trabalho ontem a Jacques Allain Müller, o lacaniano criticou-me dizendo que eu fazia com que o paciente parecesse um inimigo. Respondi-lhe: “Há uma parte do paciente que é teu inimigo desde o início”. Eles têm medo de mudar.

RP – *Sim, mas o senhor disse que sua abordagem era esperar para interpretar, que demora um tempo até interpretar.*

RS – Sim, antes de aparecer o amor autêntico e o ego. E esse é um antigo princípio da interpretação kleiniana. Na realidade, remonta a Melanie Klein. Não é possível chegar à libido com amor, a não ser que se tenha eliminado toda a agressão.

Ora, Hartmann, mesmo na psicologia do ego, estava começando a entender isso, quando elaborou a metapsicologia das defesas. Ele explicitou que a defesa usa energia agressiva. Não tão primitiva como no id, mas consiste em energia agressiva. Bem, e na psicologia do ego, a análise das defesas tem sempre a prioridade. Isso quer dizer que você está analisando a agressão. Mas a maioria deles não pensa exatamente dessa forma. Eu tento nunca dizer todo mundo, porque não acredito que isso se ajuste a todo mundo. Mas a tendência é de falar sobre a defesa e não sobre todas as maneiras com as quais o paciente está sendo agressivo contra você numa situação. Aí é que a abordagem da fantasia kleiniana tem grande utilidade.

Porém, eles ainda ligam isso à idéia de pulsão de morte, o que penso ser uma hipótese desnecessária. Pode-se fazê-lo, mas não creio que acrescente alguma coisa à teoria. Estamos fazendo algo que Freud começou e que, na minha opinião, consiste num pensamento filosófico antiquado. Para que discutamos algo, é necessário perguntar: “Como é possível que esteja aí? Como é possível que haja agressão?” Assim pensava Freud, numa era em que todo mundo tinha ficado muito instigado pelos instintos. Ele disse, então, que havia um instinto agressivo ou destrutivo. Pensou da mesma forma com relação à libido: “Como é possível ter desejo sexual?” Deveria ser a libido. Hoje é perfeitamente permissível, filosoficamente, dizer: “as pessoas manifestam certos tipos de sentimentos e fantasias em seus comportamentos e determinadas sensações e tudo isso pode ser compreendido sob a idéia de que se trata de desejo





Entrevista com Roy Schafer

sexual, excitação sexual”. Tudo isso se inclui naquilo que denominamos de amor. Perpassa todos os aspectos da vida. Também é perfeitamente possível falar sobre agressão. Você não precisa dizer de onde vem. Você não precisa dizer quais são os grandes princípios da vida, como o prazer e a dor, ou atividade e passividade. Você toma os conceitos de que necessita para realizar as operações que faz. Isso vale até mesmo na física. Não sou um grande estudante de física, mas temos diferentes teorias. Há a teoria das ondas e a teoria das partículas. Há duas teorias diferentes quanto ao modo pelo qual é transmitida a luz. Ambas as teorias respondem pela compreensão de determinados tipos de fenômenos. A idéia de que se pode estabelecer o que é denominada uma teoria local evoluiu a partir disso. Se você tem um conjunto de idéias, e essas funcionam para determinada área da natureza, e se você puder demonstrar isso, ótimo! Algumas pessoas pensam que algum dia necessitaremos de uma teoria que abranja tudo. Outras pessoas pensam: “Que importa?”. Tendo a pensar dessa forma. Temos muitas idéias produtivas, utilizemos o que temos, ou, em outras palavras, minha atitude tem sido, sempre: “Vejam o que utilizamos, não façamos suposições desnecessárias”. Assim, não falo muito sobre a libido como fonte básica de energia, ou a respeito da pulsão de morte. Acredito que se pode analisar com sucesso, sem ter de presumir que a agressão está em toda a parte, e a libido ou o sexo, em sentido geral, está em toda a parte, seja nas formas mais primitivas ou mais avançadas. Isso corresponde às necessidades da psicanálise e de muitas coisas das quais você não se dá conta e não apenas com relação àquilo que queira desconhecer. Se você quiser chamar isso de inconsciente, ótimo! Acredito que isso é necessário para o nosso trabalho. É exatamente o que disse Freud: “O funcionamento mental está cheio de lacunas, descontinuidades, contradições. Contudo, de alguma maneira, deve fazer sentido”. Se pressupomos que há uma mente inconsciente com motivações, fantasias e idéias, podemos preencher as lacunas e resolver as inconsistências, podemos tornar a vida psíquica mais compreensível. Então o façamos. É possível encontrar isso nos seus escritos. Mais tarde, as pessoas se tornaram o que, em termos filosóficos, é chamado de essencialismo. Isto é, pensam que há um inconsciente; ou uma compulsão à repetição, mencionada por Laplanche; ou, ainda, que há uma libido, uma pulsão de morte. Hoje diríamos que devemos utilizar esses conceitos como axiomas para nosso trabalho. Não temos qualquer validação absoluta para dizer: “Aí está, não existe outra maneira de falar a respeito!” Kohut fala de maneira diferente, os psicólogos do ego de outra, os analistas interpessoais de outra. Conforme se enfocem os conceitos, temos um sistema diferente que pode afetar o modo pelo qual você trabalha clinicamente e se sente a respeito disso. Não estou dizendo, porém, que são apenas maneiras diferentes de falar sobre a mesma coisa.

536 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





RP – *Dr. Schafer, o senhor pensa como Heinz Hartmann a respeito do conceito de adaptação, quando fala sobre esse ambiente cultural e a capacidade do ego de relacionar-se com o objeto interno e a realidade externa. Pergunto-lhe sobre o conceito essencial de adaptação de Heinz Hartmann. O senhor crê nos conceitos principais da teoria desse autor?*

RS – Conforme ele a definiu? Ou como os franceses o fizeram?

RP – *Sim, como ele a definiu.*

RS – Os franceses pensam que se trata de uma atitude americana de conformidade e aceitação da ordem social estabelecida. Não é isso que Hartmann quis dizer. Hartmann quis dizer que poderia significar deixar isso para trás, ou podia significar mudar aquilo, mas olhava uma pessoa como estando sempre fora de si mesma. Tomou a idéia da biologia de como se desenvolvem os organismos. Os estudos modernos do desenvolvimento do bebê estão mostrando isso, por exemplo, com fitas de vídeo. Uma criança nasce já preparada para começar a sintonizar os sinais da mãe, o que você não pode ver com a percepção normal. Mas, na televisão, imagem por imagem, você pode ver todos os sinais e influências em ação. Ele se interessava muito por isso. Consiste numa teoria de campo sobre o desenvolvimento, isto é, que se está sempre numa relação com o meio. Mas que tipo de relação? Poderia ser de qualquer tipo. O que ele queria dizer era: “Temos de pensar a respeito”. O que também quis dizer foi que, para tanto, temos de pensar sobre o que acontece com a mente dos bebês, para que se obtenha algum tipo de imagem confiável do mundo a sua volta. Qualquer coisa que passe por objetiva, qualquer coisa que suponha ver outra pessoa não como pura figura de fantasia ou de suas projeções e, sim, uma figura completa, com suas próprias diferenças em relação a você. Não é possível chegar a isso a partir somente dos instintos. As pulsões instintivas dominariam a mente por completo. Assim temos de pensar sobre como a mente se desenvolve para poder, pelo menos, tentar constantemente estar numa relação com um ambiente externo. De modo que possa haver uma ligação com esse. Isso não significa que você funciona sem fantasia inconsciente, mas ele, Hartmann, não quis permitir um papel importante para a fantasia inconsciente, quis abordar as funções cognitivas do ego necessárias à adaptação.

RP – *No sentido primário e secundário.*

RS – Sim. No sentido primário tem a ver com aquele estado de prontidão





Entrevista com Roy Schafer

inicial para relacionar-se com o mundo externo, de modo que a criança possa vincular-se a sua mãe.

RP – *Em um artigo publicado em 1994, no Psychoanalytical Quarterly, Kimberlyn Leary afirma que sua descrição do processo analítico como um processo narrativo não seria apenas uma simples revisão da teoria psicanalítica, mas sim, uma nova visão, “implicitamente informada” pela perspectiva pós-moderna e tece críticas a esse respeito. O que o Sr. pensa sobre esses comentários e críticas?*

RS – Bem, penso que o trabalho de Kimberlyn Leary está cheio de erros sérios. Ela escreveu a respeito da teoria pós-moderna. Eu não a conheço. Essa é minha idéia sobre o que ela escreveu. Acho que ela não tem uma boa formação naquele aspecto da filosofia, ou naquilo que se denomina teoria crítica. Penso que ela leu muito a respeito, cita alguns livros. Preparou-se, porém não utiliza bem o material. Por exemplo, no seu trabalho, diz que o pós-modernismo consiste numa maneira de ver a teoria. Isso é incorreto. Em primeiro lugar, não existe uma versão única do pós-modernismo. Esse consiste numa coleção de modos de pensar que se afastam da idéia da existência de um fundamento absoluto da verdade, uma única verdade a respeito de qualquer coisa. Há diferentes verdades. Assim abordam a questão do conhecimento, ou o que permita afirmar que se possa conhecer. Há aqui, então, uma abordagem dos métodos usados, das hipóteses nas quais os baseou, dos valores que influenciaram sua escolha daquele método. Em outras palavras, qualquer conjunto de conhecimentos pode ser examinado criticamente, porque ninguém tem o direito de dizer: “Esta é a única verdade”. Isso é religião. Não é o que nós denominaríamos ciência, seja uma ciência humana ou uma ciência natural. Assim, ela diz isso e, depois, diz, como indica essa pergunta, que se trata de uma nova teoria, uma nova visão da teoria que estou propondo. O que proponho, o que venho fazendo desde sempre, é: “Vamos examinar todos os métodos e hipóteses da psicanálise”, pelo menos aqueles que me interessaram particularmente, conforme descrevi antes, em que bases você escolhe sublinhar essas, mas não aquelas idéias, em que bases se pode fazer uma crítica do porquê Freud concebeu a análise da maneira que o fez, quando ele o fez. Ele tinha certos tipos de valores, preocupava-se com a recepção da psicanálise num ambiente hostil, de modo geral católico. Ele era judeu... já era suspeito na Áustria. Essa foi uma das razões que o atraiu para Carl Jung, sabe-se bem disso. Na sua vida pessoal era muito influenciado pelos chamados valores e gostos da moderna classe média burguesa. Suas idéias a respeito de método foram adaptadas da ciência de sua época, que não é a ciência de hoje. Assim, ele pensava de certa forma, e as operações nas quais se envolveu, que eu considero muito adequadas para o pensamento moderno,

538 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





desenvolveu um conjunto de conceitos baseados no pensamento então prevalente. Assim, o pensamento e a desconstrução pós-modernos e todas as formas de análise às quais ela se refere no seu artigo são modos de examinar argumentos quanto àquilo que está sendo afirmado aqui, o porquê se chegou a isso. Tentei explicá-lo antes. Penso que aquilo que fazem os analistas consiste em descrever ações a partir de certo ponto de vista, particularmente sexo e agressão. Descrevem a posição da pessoa na vida atual em diferentes versões, ascendendo do mais socializado ao mais primitivo. Ora, esse é o tipo de relato que os pacientes nos contam cujo sentido tentamos ajudá-los a entender. Eles dizem: “Oh, eu venho de tal e tal família e tive essa experiência e simplesmente detesto minha esposa e meus pais eram gente horrível”. Mais no final da análise, nada disso permanece como verdade, temos uma história diferente. Será essa a verdade absoluta a respeito de tudo? Não podemos dizê-lo, pois consiste numa outra versão de uma história de vida, de sua atual posição na vida; posição que, nesse interim, eles terão modificado, se fomos eficazes. Você não está inventando uma história nova e sim encontrando uma maneira melhor e mais útil de ajudá-lo a pensar sobre seu conflito. Não estou dizendo que é isso que os analistas devem fazer, mas é o que sempre fizeram.

RP – ... *Maybe o que podem fazer.*

RS – Eles falaram sobre diferentes histórias. Não julgo que ela entenda isso. Ela pensa que eu estou tentando ensinar aos pacientes uma nova maneira de pensar que teria a ver com contar histórias. Há um psicólogo americano, também analista, chamado Donald Spence, que vem escrevendo a respeito disso. Ele escreveu um livro sobre a narrativa em psicanálise, pois se interessa muito pelo antigo ponto de vista objetivo, de que há uma única história verdadeira. Os analistas não têm feito pesquisas suficientes a respeito. Tudo que têm feito consiste em inventar coisas, à medida que avançam, e ele critica muito isso. Eu não, nem mesmo digo que não seja uma história verdadeira, mas que acabamos obtendo uma história melhor, mais verídica sobre nós, do que a inicial.

RP – *A própria passagem do estado mental esquizoparanóide para o depressivo dita uma nova versão da história.*

RS – Sim. Veja como você conta sua vida a partir da posição depressiva e como a vive de uma forma mais genuína.

RP – *Em alguns de seus artigos e livros, o Prof. Jean Laplanche o caracteriza*





Entrevista com Roy Schafer

e critica como um representante do que ele denomina corrente “fenomenológica” em relação ao inconsciente ou, então, o considera um representante do ponto de vista hermenêutico na psicanálise. Ele discorda de sua visão do inconsciente como um auto-engano do sujeito, afirmando que o inconsciente freudiano implicaria na existência de “uma outra coisa” dentro de nós que funcionaria segundo modalidades de “causa” e não de “sentido”. O que o Sr. diria sobre essas observações do Prof. Laplanche?

RS – Bem, penso que palavras como fenomenológico e hermenêutico, definitivamente, se aplicam ao meu modo de pensar, mas, também sempre se aplicaram ao pensamento psicanalítico...

Toda interpretação, desde o início, tinha de ser feita apenas em um determinado contexto. Se alguém diz sim, você não sabe se quer dizer sim ou se quer dizer não. Freud sabia disso. Segundo ele, se alguém diz sim, não sabemos se realmente está de acordo ou não. Poderia ser simplesmente submissão. Se diz não, não sabemos se é uma verdadeira negativa ou outra coisa. Poderia ser resistência.

Não se pode ter uma autoridade externa absoluta. Deve-se entender as coisas no seu contexto. Uma das minhas filhas é historiadora, especializada em história moderna. Ora, também entre os historiadores há uma grande guerra: há alguns muito mais interessados em semiótica e hermenêutica, em Foucault, Kristeva e Lacan, em todos que usam tal abordagem em que se considera quem diz o que, em que contexto, em que circunstâncias, em que ponto do seu desenvolvimento. Então, você pode saber melhor o que algo quer dizer.

Freud, originariamente, pensou: “Tenho de escutar com cuidado e utilizar algumas das minhas hipóteses básicas, já que meu material está indicando isso”. Era o que ele apreciava dizer. Ele não foi obrigado a usar nada. Escolheu o que fazer, limitado pela linguagem disponível na época. Aplicou as idéias disponíveis para ele, de certa maneira e agiu como se tivesse descoberto a verdade! Mas não se tratava disso. Ele encontrara uma maneira, dadas todas suas hipóteses, métodos e material, de dar sentido a algo de certo modo muito útil, tanto terapeuticamente quanto para construir uma teoria da mente. Mesmo hoje em dia, temos mais teorias da mente do que essa. A teoria da mente de Melanie Klein não é exatamente a mesma que a de Freud, nem a de Kohut. Estão relacionadas, mas também apresentam hipóteses bastante diferentes.

Não cheguei especificamente a Laplanche, mas, vejam, ele toma idéias como “o inconsciente”, ou a “compulsão à repetição”, como fatos absolutos. Não se pode explicar nada sem determinadas certezas... e essas são certezas. Se você não as leva em conta, você não estará fazendo psicanálise. Digo, porém, que não são certezas e sim hipóteses. Isso é certamente verdade, por exemplo, na questão da repetição. Os

540 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





pacientes repetem as coisas “ad infinitum”, não importa quão dolorosa é a vivência que tiveram delas. Penso que, na prática real da psicanálise, sempre ajuda perguntar por que se apegam a essa repetição. Deve haver algo pior contra o qual essa vivência o protege, ou obtêm nisso algum prazer inconsciente, mesmo que conscientemente seja doloroso. Mas isso não exige a suposição de que haja uma compulsão à repetição. Essa é minha diferença em relação a Klein.

RP – Temos mais três perguntas. De modo geral, quais, na sua opinião, são os principais desafios da psicanálise como profissão e como teoria na virada do século? Qual é a sua opinião a respeito da psicanálise latino-americana, hoje em dia?

RS – Penso, considerando que há uma expansão da influência da teoria das relações objetais de uma forma ou outra, em todo o mundo, que há certos aspectos que não estão sendo devidamente teorizados. Essa não leva em conta alguns aspectos que a psicologia do ego considera, por exemplo, como alguém com tantas fantasias, tantos desejos e sentimentos primitivos, se torna uma pessoa racional e civilizada no mundo? Por que você não é governado por fantasias esquizoparanóides durante toda sua vida?

Por isso Melanie Klein disse explicitamente, e também Hanna Segal, que há o amadurecimento constitucionalmente garantido e que a mente desenvolve uma maior capacidade cujo uso depende de fatores emocionais. Acredito que essa idéia consiste noutra versão da teoria dos instintos: acontecerá normalmente. Se as coisas forem muito mal, o amadurecimento instaurará o senso de realidade.

Tome-se outro fator na vida, não muito discutido, que aparece, muitas vezes, apenas numa nota de rodapé, que explica o desenvolvimento dos níveis avançados do ego. Não há uma abordagem teórica suficiente disso, se você quer uma teoria da mente em geral. Isso, porém, não é necessário. Pode-se ter uma teoria suficiente para o trabalho clínico, creio, ao longo de certas linhas. É, de modo geral, o que chamo de “kleiniano moderno”, com alguns aspectos da psicologia do ego. Os kleinianos modernos também falam muito sobre as defesas e sobre o desenvolvimento de um senso de realidade. Falam, também, de como a análise pode encontrar formas de ser contigente e do tipo de interpretação certo para tornar a fantasia inconsciente tolerável para uma pessoa. Antes não era assim. Como todos nós sabemos, há pacientes que têm momentos muito difíceis, pelo menos quando estão intensamente regredidos. Não importa o que você diga, se falar gentilmente, eles interpretam mal, se falar impessoalmente também, se não falar é pior, é impossível acertar.

Ora, mesmo a mais sutil das interpretações poderia ser interpretada dessa forma pelo paciente. Mas, em algum lugar, se pressupõe que, se você puder encontrar a





Entrevista com Roy Schafer

maneira certa de abordar o problema, o paciente encontrará a maneira de usá-la. Ora, isso consiste numa suposição que não é explicitada. Há algo mais que a pessoa é capaz de fazer, mesmo na posição mais regressiva.

RP – *Encontraremos uma maneira de comunicar. O que mais há? Poderia ser a vida e um instinto que faz com que o paciente encontre um jeito? Porque ele quer isso.*

RS – Sim, se você usa a teoria dos instintos, então deve pressupor a pulsão de vida. Mas, se não a utiliza, o que esta pressupondo, pelo menos, é que haja algum tipo de funcionamento primitivo do ego, mesmo nas piores condições. Porém, alguns nunca responderão. Não estou falando a respeito deles.

RP – *O Sr. consideraria isto como área livre de conflito?*

RS – Seria uma abordagem possível. Tem que ser totalmente livre de conflitos, ou talvez outra abordagem possível é dizer que quaisquer que sejam os conflitos, não estão num nível tão primitivo, de modo que os pacientes talvez possam ouvi-lo em um nível um pouco mais avançado. Assim, se estiver pensando nas fases libidinais, eles podem ouvi-lo no nível anal primitivo, em lugar do nível oral precoce. Ainda há muitos conflitos, mas você já avançou um pouco. Não sei qual é a melhor maneira de fazê-lo. Mas esse é um dos problemas. Não estou falando a respeito das idéias comuns agora, do que falou, por exemplo, Wallerstein. Porém, há um problema, não importa que teoria se use.

E os psicólogos do ego realmente não dispõem de uma boa maneira de acomodar a fantasia inconsciente, tampouco as pessoas que trabalham a partir da fantasia inconsciente. De modo que ambas as teorias precisam se desenvolver ainda mais, cada uma dentro de seu próprio referencial.

Outra coisa que queria dizer é que os proponentes de qualquer uma das teorias mencionadas, geralmente, falam sobre a mesma como um produto mais acabado do que é. Como se os limites dos conceitos fossem muito claros e também o modo de utilizá-los. Não é assim. Quando escrevi meu livro *Internalization*, tudo começou como um trabalho sobre identificação. Comecei a ler toda a bibliografia a respeito e cada uma das principais autoridades tinha uma abordagem diferente.

RP – *Sim...*

RS – Concordei com todas elas. De modo que penso ser necessário trabalhar





mais os limites do nosso conceito e o que nos torna iguais e o que nos torna diferentes. Não há nada estabelecido, conforme gostam de dizer os pensadores teóricos. Nossas teorias são mais primitivas do que muitas vezes gostaríamos. Um dos meus amigos, respeitado nos Estados Unidos, William Grossman, está muito envolvido nisso. Não publicou muito, mas é editor de alguns livros. Interessa-se pelos problemas de limites entre diferentes conceitos e diferentes níveis de desenvolvimento. Até mesmo pensar sobre limites é muito complicado, tão complicado que fica bloqueado ao pensar a respeito, mesmo sendo um ótimo pensador. Isso é tudo que vou falar sobre este assunto.

Quanto ao que tenho a dizer sobre a psicanálise latino-americana, sinto-me constrangido, mas prefiro ser franco. Trata-se de uma área que não estudo há algum tempo, de modo que não me sinto no direito de ter uma opinião a respeito. Sei que muito do pensamento latino-americano tem-se orientado para Klein. Entendo que Lacan está começando a ter certa influência na América Latina, pelo menos na Argentina. Não sei a respeito de Kohut. Não sei se há grupos de psicólogos do ego em algum lugar, havia-os no México, mas ignoro se ainda existem, de modo que hesito em ter uma opinião. Não li trabalhos dos latino-americanos, mas eles me parecem mais próximos da Melanie Klein original do que os britânicos. Por isso me concentrei nesses últimos. Sinto que os britânicos modernos são mais compatíveis com meu pensamento e que isso, provavelmente, se deve à minha formação em psicologia do ego. Creio que tiveram seus próprios problemas com os freudianos da psicologia do ego em Londres, os quais estão-se tornando mais kleinianos.

Vou contar-lhes uma história interessante. Ackly Lafer, uma freudiana moderna, londrina, debatedora numa reunião na qual se apresentou um trabalho sobre a psicologia das mulheres, no qual não se mencionou Melanie Klein, disse: “Como podem falar a respeito sem mencionar Melanie Klein?” Isso que ela não é kleiniana. Eles têm-se aproximado mais uns dos outros, o que julgo é mais compatível.

RP – *E sobre a demanda de treinamento analítico nos Estados Unidos?*

RS – Está-se tornando um problema sério entre o pessoal com formação médica. Todos os departamentos de psiquiatria, após a Segunda Guerra Mundial, voltaram-se para a psicanálise. Nos últimos anos afastaram-se dela: estão todos interessados em neurobiologia, farmacologia. Como motivo apresentam o fato que os departamentos de psiquiatria das escolas de medicina, em geral, são muito caros. As universidades não podem sustentá-los. Insistem em que recebam apoio para pesquisa, de modo que devem dirigir-se ao governo e às companhias farmacêuticas a fim de obter dinheiro. Ora, quem tem o dinheiro tem o poder. E eles têm o poder agora. Assim, o





Entrevista com Roy Schafer

ensino, do ponto de vista dinâmico, está desaparecendo nas escolas de medicina, salvo em algumas. Nessas como a Columbia, que é eminentemente médica, ainda há também uma forte orientação dinâmica. Meu instituto, o Columbia Institute, recebe muitos candidatos da Columbia. Ora, o mesmo acontece entre os psicólogos, mas os estudantes de psicologia não estão aceitando isso. Muitos ainda querem tornar-se clínicos. Há, ainda, dois outros inimigos: há estudantes demais recebendo formação e não há pacientes suficientes para todos. Todo o mundo está dizendo que há menos pacientes analíticos, mas não creio que seja possível demonstrá-lo. Há dez vezes mais analistas do que havia e muitos com uma formação bastante medíocre, porque atualmente há muitos institutos. Institutos extra-oficiais surgem de repente, todos os anos há um novo.

RP – *Temos o mesmo problema.*

RS – Eles precisam de estudantes, assim tornam-se analistas didatas e, então, têm pacientes.

RP – *Sim.*

RS – São negócios. Vocês sabem sobre a psicanálise. Marx tinha razão. Ele disse que tudo está relacionado à economia... (Risadas). Há grandes interesses. Há excesso de analistas agora e, especialmente, com má formação. O outro inimigo consiste em que as companhias farmacêuticas desenvolveram muita influência sobre as companhias de seguro e as Organizações de Manutenção da Saúde (Health Maintenance Organizations-HMOs) às quais a maioria das pessoas tem de pertencer, porque o tratamento médico sai muito caro. As Organizações de Manutenção da Saúde não permitem terapia intensiva. Recusam-se a pagar!

RP – *Custa caro!*

RS – Ainda há gente que procura psicoterapia e que procura análise, mas essas pessoas precisam ter empregos que paguem muito bem, ou boa renda, como os profissionais liberais, médicos ou advogados, jornalistas bem-sucedidos, ou escritores bem-sucedidos, ou ser pessoas de recursos econômicos. Se são jovens, têm de ter pais com recursos econômicos. Assim, há um segmento menor da população que aparece para análise. Há muitos pacientes ainda. Analistas e terapeutas de renome ainda conseguem pacientes. Mais difícil é conseguir pacientes que venham cinco vezes por semana, ou mesmo três. Muitos aceitam três. Em parte trata-se de resistên-

544 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





cia. Mas, na vida moderna, pelo menos nos Estados Unidos, é difícil achar tempo, diariamente, para ir ao analista. Não era assim antigamente.

RP – *As pessoas mudam de cidade freqüentemente.*

RS – Mudam-se. Aqueles que viriam, como os advogados, por exemplo, nunca sabem quando terminarão o trabalho, apenas podem ver-nos a certa hora da manhã, antes do horário de abertura dos tribunais. As pessoas, no mundo das finanças, iniciam suas reuniões de trabalho às 8 horas, de modo que muitos analistas começam a atender pacientes às 7 horas. Outros têm que viajar, todos nos acostumamos com pacientes que ficam fora dois ou um dia por semana, ou uma semana inteira. Não há o que fazer a respeito. Assim, é cada vez mais difícil praticar a psicanálise da maneira como foi desenvolvida. Mas ainda há muita gente que pode fazê-la e a faz. É necessário, porém, que fiquem numa localização favorável.

RP – *OK. Dr. Roy, eu vou falar em português e explico porque: gostaríamos que o senhor começasse a se acostumar com nossa língua. Queremos convidá-lo para ir a Porto Alegre, à nossa Sociedade, para uma série de conferências e supervisões. Certamente nossa Sociedade ficará tão encantada quanto nós com sua entrevista. Se já nos sentíamos assim, agora ficaremos muito mais. Suas idéias sobre a psicanálise, expostas pelo senhor em uma síntese muito didática, são extremamente importantes, atuais e modernas. Atualmente, no movimento psicanalítico, precisamos muito de pessoas como o senhor. Muito obrigado.*

RS – Se me permitem responder, foi um prazer e uma honra manter uma discussão com todos vocês. Descobrir que acharam que valeu a pena é gratificante.

RP – *Muito obrigado.* □

Transcrição e tradução de **Hedy Hofmann**

Revisão técnica de **Rose Eliane Starosta e Ruggero Levy**

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **546** é branca





Cem anos de Cinema e Psicanálise





Atenção montador
a página **548** é branca





O Homem das Estrelas – cinema e psicanálise

Viviane Sprinz Mondrzak, Porto Alegre*



* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997 □ 549





Viviane Sprinz Mondrzak

A possibilidade de se aproximar cinema e psicanálise é sempre muito bem-vinda. Oferece, antes de tudo, a oportunidade de viajarmos pelo imaginário humano, através de linguagens distintas que, nestas discussões, se enriquecem e se complementam em suas diferenças.

Quando assisti ao *Homem das Estrelas*, chamou-me a atenção a forma como esse filme possibilitava que se pensassem temas muito caros à psicanálise e à própria técnica psicanalítica.

E é nesta linha que pretendo seguir. Sem buscar compreensões psicológicas que expliquem os personagens ou as intenções do diretor. Mas sim, tentar fazer um exercício livre, uma leitura imaginária que traça paralelos entre o que se vê na tela e alguns aspectos da teoria e da técnica psicanalíticas.

A Sicília, a infância e o inconsciente

A Sicília pós-guerra, palco do filme, parece delimitar um espaço capaz de provocar um misto de estranheza e nostalgia, como só pode proporcionar o que nos é muito conhecido, mas de épocas de nossas vidas das quais temos pouca lembrança, como Freud descreveu no seu trabalho “O Estranho”. Portanto, talvez, pudéssemos transpô-la para o mundo de nossa infância, onde os acontecimentos realmente importantes se passam num pequeno espaço e envolvem poucas pessoas – algo como uma pequena comunidade.

E, se formos um pouco além, não poderíamos encontrar no “caldeirão fervente” siciliano (nas palavras do ator), semelhanças com o mundo dos sentimentos inconscientes, onde contamos, sem palavras, nossas histórias mais íntimas?

Senão, vejamos: um mundo conservador como a Sicília, já que sabemos o quanto é difícil abandonarmos velhos padrões estabelecidos de comportamento, enclausurados que ficamos, com frequência, em vilarejos como o do filme, resistente à passagem do tempo, indiferente aos avanços tecnológicos, temerosos de enfrentar mudanças. No mundo dos sentimentos inconscientes, somos povoados por contradições que convivem lado a lado e guardamos aspectos de uma sexualidade polimorfa, inerente ao desenvolvimento humano. Nesse sentido, o filme oferece uma pequena coletânea dessas manifestações, com uma pincelada de homossexualismo, de aspectos voyeuristas, anais (bem característico no menino, latente, contando a piada da freira) e genitais.

E isso, sem falarmos na Máfia, a grande instituição siciliana. Assim como a Sicília, carregamos nossas pequenas (ou grandes) “máfias”, sentimentos e intenções

550 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





que se infiltram, corrompendo e comandando várias áreas de nossas vidas; são sentimentos que queremos combater, mas com os quais somos, ao mesmo tempo, coniventes, já que nos acenam com a promessa de proteção contra o sofrimento. Da mesma forma, nossos processos mentais mais primitivos são também comandados por “princípios” mafiosos – a violência, a vingança do “olho por olho, dente por dente”.

Assim, a Sicília do filme poderia sobrepor-se, neste exercício livre a que nos propomos, ao cenário privilegiado de nossos filmes psíquicos, os processos mentais inconscientes.

O setting

Grande parte do valor de uma obra de arte, independente do veículo que utilize, vem justamente de sua capacidade de falar de sentimentos universais, possibilitando nossa identificação com os mais variados personagens e as mais diversas situações. Dessa forma, podemos viver nossos próprios dramas através de histórias que, aparentemente, não têm nada a ver conosco, que se passam em lugares distantes e épocas remotas.

Talvez isso seja possível porque a essência das angústias e dos anseios humanos permaneça basicamente a mesma, variando apenas sua forma de apresentação: o desejo de sermos amados, a necessidade de nos sentirmos importantes para alguém que prezamos, presente desde o nascimento, quando o sentido da própria existência é dado pelo olhar com o qual cada mãe olha seu bebê. Junte-se a isso o medo do abandono e da solidão, para citarmos algumas das principais questões que ocupam nossa vida mental.

O Homem das Estrelas toca profundamente na imensa vontade de sermos ouvidos, de podermos compartilhar nossas dores e nossos sonhos. Na verdade, não apenas vontade, mas sim, necessidade imperiosa.

Tornamo-nos especiais no momento em que alguém a quem atribuímos valor se interessa por nós, tornando cada pedaço de nossas vidas importante e com sentido.

Dessa forma, vemos desfilar diante dos olhos os sonhos e esperanças, as dores e conflitos de cada uma daquelas pessoas que levam uma vida anônima e apagada mas que têm, intermediada pela filmadora e através do homem que as escuta, a sensação de importância, a possibilidade de uma nova chance .

Ora, não encontramos aqui uma linha que leva diretamente ao tratamento psicanalítico? Não é base do efeito da psicanálise justamente o relacionamento que se estabelece entre duas pessoas, no qual é possível falar de suas dores e alegrias e ser ouvido, oferecendo um ambiente emocional em que cada pequena questão ganha





Viviane Sprinz Mondrzak

importância fundamental e espaço para ser pensada? No filme, a palavra é valorizada como meio de expressar sentimentos e o relacionamento interpessoal aparece como intermediário imprescindível desse processo, uma imagem que serviria muito bem para ser aplicada a uma visão contemporânea da psicanálise.

Assim, chegamos à importância de que se crie um “setting”, um ambiente conhecido, com princípios que ajudem a criar a continência, a estabilidade e a neutralidade necessárias para o trabalho psicanalítico. No filme encontramos uma espécie de “setting”, montado para a realização dos testes de filmagem, propondo determinadas regras que deveriam permanecer constantes.

Joe e o psicanalista

É aqui que levamos esse paralelo mais longe, sendo necessário para isso um esforço imaginativo muito maior.

Tanto o personagem Joe, como o psicanalista, são procurados a partir de um mesmo desejo básico, de encontrar algum meio de se sentir melhor, de viver melhor. No entanto, a semelhança termina aqui e nos conduz a uma diferença crucial: enquanto Joe vende falsas ilusões, a psicanálise tem a dura tarefa de vender um peixe bastante indigesto, a realidade, com todas as decepções que vêm embutidas nela, mas, ao mesmo tempo, a única fonte de alguma mudança consistente e a chance de valorização das próprias capacidades, pois é da aceitação das limitações que se abre espaço para o reconhecimento de nosso valor. Ao contrário de promessas de fama e fortuna, o psicanalista acena com a constatação das diferentes manobras de nossas “máfias” pessoais e se propõe procurar, a dois, um sistema mais honesto e verdadeiro de administrar as contradições dos sentimentos.

Assim, o Joe-analista oferece um modelo de atitude que podemos considerar perverso e que é a própria antítese do que se espera de um psicanalista, já que é baseado em enganos e, acima de tudo, se aproveita da inevitável fragilidade de quem está necessitado de ajuda.

É marcante a atitude de desprezo e superioridade de Joe em relação ao lugar onde está e às pessoas que encontra ali, justamente o oposto do que deveria nortear as relações humanas em geral e, especialmente, as relações analista-paciente. Ao invés do desprezo, uma postura de respeito pelo sofrimento e pelas aspirações de quem está diante de nós; ao invés da arrogância, humildade para reconhecer as dificuldades da tarefa que se propõe.





Mudanças em Joe e mudança psíquica

Há uma longa trajetória para que Joe se modifique. Essa trajetória passa pelos sofrimentos que a realidade lhe impõe, duros golpes na sua onipotência. Já não pode se dizer inatingível, aquele ser quase imortal, que sempre ressurgue das cinzas.

Essa trajetória passa também pela consciência de, pelo menos, um vínculo importante em sua vida, uma constatação que vence a barreira defensiva formada pela onipotência e pelo desprezo (Beata é a catalisadora desse processo, através da sinceridade de seu apego desesperado).

Assim, Joe, como ele próprio reconhece, não é mais o mesmo homem ao final dessa jornada. A atitude arrogante é substituída por uma postura deprimida, sofrida, na qual, de alguma forma, reconhece a importância e o valor de todas as esperanças das quais tinha sido depositário, bem como o impacto dessas experiências em sua vida.

Essa evolução do personagem descreve, em linhas gerais, uma visão do que se entende por crescimento psíquico: a possibilidade de substituir uma postura onipotente por outra, na qual o indivíduo leve em conta suas próprias limitações e possa reconhecer a importância essencial de um outro em sua vida.

Penso que nós, psicanalistas, ao contrário de Joe, que procurava não se emocionar, devemos nos deixar tocar profundamente pelas experiências emocionais com nossos pacientes, das quais somos parte ativa (e que também produzem mudanças em nós mesmos), para obter dessas experiências novas compreensões .

Cinema e psicanálise neste final de século

Para finalizar, gostaria de remeter à cena, no final do filme, em que vemos a televisão chegando à pequena cidade e um grupo embevecido a sua volta. Essa cena faz pensar em algumas características dos dias de hoje, em que cada vez a pressa é maior e sobra menos disposição para se assistir a um bom filme no cinema ou para um investimento demorado e tão pessoal como a psicanálise. Ao mesmo tempo, podemos pensar num cinema e numa psicanálise com energia e vitalidade suficientes para acompanhar as mudanças e se manter em constante evolução. □

Viviane Sprinz Mondrzak

Av. Taquara, 198/201

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **554** é branca





O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate**

*Alda Dornelles de Oliveira***, Porto Alegre.*

*Antonio Carlos S. Marques da Rosa***, Porto Alegre.*

*Ingeborg Magda Bornholdt***, Porto Alegre.*

*Isaac Pechansky**, Porto Alegre*

*Mery Pomerancblum Wolff***, Porto Alegre.*

*Tula Bisol Brum***, Porto Alegre.*

Através da sensível obra “Como água para chocolate” da mexicana Laura Esquivel, que narra a saga de uma família no interior do México à época da revolução que derrotou Diaz, fazemos algumas reflexões sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina, seus possíveis (des)caminhos e a relação com a identidade materna, como ingrediente mais importante na receita da feminilidade.

* Trabalho resultante da discussão, em um Grupo de Estudos, sobre a Sexualidade Feminina, durante o ano de 1996.

Apresentado no “Ciclo de Cinema, Filosofia e Psicanálise”, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em agosto de 1997.

Apresentado na 43ª Feira do Livro de Porto Alegre, em painel promovido pela Câmara Rio Grandense do Livro, mediado pelo escritor José Clemente Pozenato e com a participação da escritora Laura Esquivel (autora do livro), da Profª. Tânia Carvalhal, e da Profª. Márcia Navarro.

** Membro Efetivo da SPPA e Coordenador do Grupo de Estudos.

*** Candidatos do Instituto de Psicanálise da SPPA.





Alda Dornelles de Oliveira et alii

“Sugiro-lhes colocar um pequeno pedaço de cebola na moleira, com a finalidade de evitar o desagradável lacrimejar que se produz quando alguém a está cortando. O ruim de chorar quando a gente pica cebola não é o simples fato de chorar mas sim o de que às vezes se começa, como se diz, a gente se pica, e então não pode parar”. (pág.3)

Com essa frase Laura Esquivel inicia seu livro, escrito em 1989, e assina também o roteiro do filme *Como água para chocolate* (1991). Há uma tristeza enorme no que nos espera à frente, pode-se deduzir, mas, em vez da proteção da cebola, vamos permitir à narradora que nos encante e mobilize com sua história. Como em um relato de paciente, vamos acompanhá-la em seu mundo subterrâneo para compartilhar e entender os intensos sentimentos de ódio e paixão, morte, tristeza e loucura dessa família de mulheres.

A narradora é uma jovem mulher, bisneta de uma geração retratada a partir da matriarca, mãe Elena. Através de Elena e sua prole feminina, nosso objetivo é refletir sobre os possíveis destinos da sexualidade feminina a partir da identificação materna.

Segue-se o resumo da história relatada no filme que, exceto em poucas ocasiões, é fiel ao livro.

O nascimento de Tita é doloroso e difícil. Seu pai morre ao ver revelada a possibilidade de que a filha não seja sua. A mãe assume a condução da família e delega a uma serviçal, Nacha, o cuidado da filha. Nacha é muito afetuosa com a menina e a cria na cozinha, entre panelas, ensinando-lhe a vida através de um código alimentar. Ela acompanhou o parto de Tita e previu que se enamoraria do primeiro homem que a olhasse. A previsão se cumpre, mas a mãe não permite o casamento já que Tita, como última filha, segundo a tradição, deve cuidar da mãe até sua morte, sem se casar. Oferece ao pretendente a filha Rosaura. Pedro aceita essas bodas, como única maneira de permanecer próximo à amada. Tita prepara a festa de núpcias da irmã com dor no coração e lágrimas nos olhos. Nacha se entristece ao ver o sofrimento de Tita. Na noite da véspera, ambas exaustas na preparação, Nacha manda Tita dormir e vai terminar o bolo. Ao comerem do bolo, os convivas sentem-se nauseados e tem lugar um imenso vomitório comum, do qual Tita não participa, por ter-se afastado do banquete. Nacha morre após o casamento. Tita assume a cozinha da casa e se torna a responsável pela alimentação da família. Gertrudis, a outra filha, mantém-se em plano secundário desde o início, mas, ao desabrochar da juventude de Tita, manifesta-lhe apoio, mesmo que velado, para não afrontar a mãe. Rosaura é também uma jovem reservada, que se abstém de mostrar sentimentos. Pedro tenta ao máximo evitar o contato sexual com a esposa. Quando Rosaura consegue tê-lo sexualmente, sente-se apta para alimentar a família, prepara uma refeição, mas fracassa. Tita per-

556 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





manece a responsável pela alimentação e transmite, através da comida, os seus sentimentos. Por Rosaura, tem sentimentos hostis e prepara comida que lhe causa gases, mal-estar digestivo e halitose. Para Pedro, procura fazer alimentos que transmitam seu amor. Em Gertrudis, o efeito é que “sai em chamas” em busca do homem amado e foge com ele. A mãe decreta em casa o esquecimento de Gertrudis. Pedro e Rosaura têm um filho que ela é incapaz de cuidar. Quem o faz é Tita, que o amamenta no peito. Após algum tempo, a mãe determina que o casal vá viver longe, para afastar Pedro de Tita, e a criança sucumbe de inanição. Tita culpa a mãe pela morte do neto e fica psicótica. A mãe a envia para um hospício, mas o médico leva-a para sua casa, trata-a com carinho e, acima de tudo, reconstrói com ela o caminho para a saúde mental. Tita aceita o pedido de casamento do médico, mas desiste com o passar do tempo, com o retorno de Pedro e Rosaura para casa, com a morte da mãe e com o nascimento de uma sobrinha, de quem se encarrega novamente. Rosaura morre e Tita cuida da sobrinha e mora com Pedro. Passam-se anos e a sobrinha de Tita casa-se com o filho do médico. Pedro e Tita sentem-se, então, liberados para viver sua história de amor. Pedro morre em seus braços, após uma relação sexual, e Tita decide morrer com ele, envoltos na manta que teceu ao longo da vida.

Trata-se de uma crônica que abrange quatro gerações de uma família de mulheres de personalidades diversas e de homens fracos ou ausentes. Há uma nítida alusão à situação político-social em que estava mergulhado o país na saga dessa família (povo) e do seu rancho (México). O domínio da mãe totalitária e a oposição à ela têm como pano de fundo o contexto histórico do México, imerso em lutas contra a repressão, a partir da independência do país que ocorre em 1821, bem como a disputa pelo poder após o estabelecimento da República em 1872. Nesse clima conturbado, de revolta e lutas pela liberdade, de ameaças de fome e de morte, que coincide com o movimento revolucionário de 1910, é que se desenvolve a história da família de Tita.

De um incêndio no velho rancho, o que restou foi um livro que mistura receitas com anotações diárias, escrito pela tia-avó da narradora, Tita, heroína da história. É a partir desse livro que a narradora repassa os rumos da sexualidade dessas mulheres, marcados por acontecimentos familiares e históricos e suas repercussões nas relações interpessoais e nos traços de personalidade. São as receitas para formar o feminino.

A cozinha

A narrativa inicia e termina na cozinha e a ela retorna muitas vezes, por ser a dependência da casa que melhor identifica e descreve a personagem principal. É





também o cômodo que localiza e centraliza a importância da função materna, deficiente em Elena, mãe de Tita, e que a empregada, Nacha, supre. É ainda um local de transformações, onde as substâncias são processadas, fusionadas ou fracionadas e convertidas em outra coisa. A presença insistente da cozinha indica o nível predominantemente oral da história. Não há presença marcante da genitalidade. Com o auxílio de Nacha, que personifica a mãe que cuida, Tita nasce na cozinha, com sofrimento e sobre a mesa onde se preparam os alimentos. Após secarem as águas do nascimento sobram muitos quilos de sal que, além de usado para cozinhar, irá marcar o destino da sexualidade de Tita. Na cozinha ela se desenvolve e se abriga, aprende a lidar com os sentimentos-alimentos e a expressá-los através da comida. É a partir de um registro alimentar que Tita conhece o mundo para além dos umbrais da cozinha, chegando a *“confundir o gozo de viver com o gozo de comer”* (pág.5). Esse é um recurso defensivo da fase oral que se mostra hipertrofiado na vida de Tita. A predominância oral da história se firma com o nascimento na cozinha e se confirma com cinco mortes com características orais na família: o pai de Tita morre “envenenado” com uma notícia, a mãe envenena-se com um vomitório (segundo a versão do livro), Rosaura morre “de problemas digestivos” que tiveram a influência da comida preparada pela irmã, o filho de Rosaura morre de inanição por recusar qualquer alimento e Tita suicida-se pela ingestão de fósforo.

Tita aparece a um só tempo forte e frágil. Inicialmente submissa à mãe, raiva contida, atitude prestativa, cozinhando e cuidando de todos, principalmente da mãe sádica e tirana. Seu destino é “nutriz” desde o início. Seria o resultado da união de formações reativas a um talento genuíno com os alimentos? O desenrolar da história sugere uma evolução psicológica. Tita sofre primeiro uma regressão a nível psicótico, depois se recupera e enfrenta o fantasma da mãe após sua morte. Esse momento sugere a possibilidade de que seu caráter iria abrir-se às atividades reparatórias propriamente ditas (sublimações, mais que formações reativas).

Helene Deutsch (1952) diz que a sublimação da sexualidade em erotismo na mulher é um longo processo, envolvendo componentes psicológicos (masoquismo moral e narcisismo) que precisam estar em harmonia. *“Parece que essa harmonia depende, em alto grau, da superação de um excesso de agressões; sobretudo o ódio e o temor da menina em relação à sua mãe devem estar substituídos por um sentimento de amor e ternura”* (pág.153).

Tita não passou por esse processo. O poder sádico da mãe sobre ela é determinado, ou justificado, por acontecimentos e valores culturais do local e época de inserção da história. Com a morte do pai, é ela a filha menor que deve viver para cuidar da mãe. A morte do pai não permite que se desligue da mãe, que também não deseja libertá-la. Tita parece forte, uma heroína, mas, como diz Deutsch: *“O masoquismo*





O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*

assume o falso nome de heroísmo e o Ego obtém grandes vantagens da situação, particularmente a satisfação de seu amor por si mesmo... cria uma possibilidade de compromisso entre o dano a si próprio e o amor a si próprio, isto é, entre masoquismo e narcisismo” (pág.253).

Não se trata, sob esse ângulo, do masoquismo feminino em Tita, mas do masoquismo moral – a culpa pelas fantasias de agressão, conduzindo às formações reativas como defesa. Parece que seu talento encantador de preparar alimentos fica sujeito a tal funcionamento (usa-o para manter a vida, mas também para envenenar, satisfazendo ambas as tendências). Quando se apaixona, Tita submete-se a Pedro como sempre o fez com a mãe. Não consegue governar seu masoquismo, mas é governada por ele.

O poder das identificações

Tentaremos acompanhar a construção da feminilidade da heroína e suas irmãs a partir de aspectos da identificação com a mãe. Em “*Escritores criativos e devaneio*” (1908[1907]), diz Freud: “*Nas criações desses escritores um aspecto saliente de forma irrefutável: todas possuem um herói, centro de interesse, para quem o autor procura de todas as maneiras possíveis dirigir a nossa simpatia... O sentimento de segurança com que acompanhamos o herói através de suas perigosas aventuras é o mesmo com que um herói da vida real atira-se à água para salvar um homem que se afoga... todos os demais personagens da história dividem-se em bons e maus, em flagrante oposição à variedade de caracteres humanos observáveis na vida real. Os ‘bons’ são aliados do ego que se tornou herói da história, e os ‘maus’ são seus inimigos e rivais”* (pág.154-5). O destino da heroína é salvar a família: Tita é a catalisadora das ansiedades e desejos de todos.

Elena, mãe de Tita, é uma mulher poderosa e totalitária, que luta para preservar os costumes e a moral. Tem um passado secreto que inclui um romance com o Mulato, cujo fruto é Gertrudis. “*Quando os pais de Mamãe Elena descobriram o amor que existia entre a filha e este mulato, horrorizados, a obrigaram imediatamente a casar-se com Juan de La Garza, o pai de Tita*” (pág.114). O verdadeiro pai de Gertrudis permanece em segredo. Como já vimos, Elena decreta que Tita nunca se casará. A relação entre Elena e Tita é gélida. A falta de amor da mãe não confiável e sádica, e a relação agressiva de ambas, dificulta o rompimento desse laço regressivo, impedindo o avanço a estágios mais evoluídos. “*Tratando-se de partir, dismantelar, desmembrar, devastar, desjarretar, destruir, desbaratar, ou desmamar alguma coisa, Mamãe Elena era mestra*” (pág.80). É Tânatos personificada, mestra em separar,

Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997 □ 559





Alda Dornelles de Oliveira et alii

atestam os prefixos “des”.

A poderosa matriarca Elena diz ao padre, no casamento de Rosaura, que “*os homens não são tão importantes para viver... nem a revolução é tão perigosa como pintam...*” (pág.67). Realmente, sua genitalidade ficou trancada no pequeno cofre, junto à foto do Mulato. Elena odeia a filha mais jovem, seja porque a pequena Tita tenha descoberto seu cofre do segredo, ou porque Tita esteja destinada a repetir sua própria história. Ela mesma semeia as condições para que a filha tenha um amante.

Nacha sustenta Tita com seu amor e atenção e a protege junto ao calor do fogão. É muito afetuosa com a menina, prevê o futuro e a tem como sua protegida. Assim, entre essas duas mães, vai construindo seu ser e registrando em seu diário o amargo e o doce de sua vida.

Pedro, ao lhe ser negada Tita, por quem sempre fora apaixonado, casa-se com Rosaura. Usa de uma lógica perversa para justificar esse casamento. Num nível mais profundo, entretanto, atende à sua oralidade e acomodação. Fica usufruindo dos benefícios do lar, enquanto quem vai à guerra é Gertrudis. Pedro é o segundo personagem masculino a mostrar-se frágil, submetendo-se aos desígnios de Elena. O primeiro é o pai de Rosaura e Tita. Mulato, distante, é apenas uma recordação e uma foto escondida. Ao saber que a irmã casará com Pedro, “*Tita sentiu como que o inverno lhe invadir o corpo de um só golpe... esse frio espantoso haveria de acompanhá-la por muito tempo sem que nada o pudesse atenuar*” (pág.12) O frio, na verdade, é anterior, nascido da ausência de uma relação cálida com a mãe, cuja insensibilidade culmina com a decisão dessas bodas. A colcha que Tita teceu pela vida afora para aquecer-se chegou a três hectares de área, numa alusão à dimensão do seu frio interior. Enquanto viveu nunca conseguiu controlar o frio. Embora rodeada de pretendentes, fica, como Penélope, na tecitura da espera por Ulisses, assinalando a interdição materna.

Tita prepara a festa de casamento da irmã e Nacha sente-se também extremamente triste ao vê-la sofrer. A cada ovo que quebra para o bolo da irmã, Tita sente um arrepio ao lembrar-se dos testículos dos frangos, capados para engordar um mês antes. Imagina que um dos ovos tem um pinto dentro e não pode ser quebrado. Nunca soube o que se passou nessa noite, se foi o cansaço ou uma alucinação. Nesse momento, Tita começa a psicotizar. Há, depois, um dia em que Tita fica como que hipnotizada, observando a brancura do lençol da noiva. É só por alguns segundos, mas o suficiente para lhe causar uma espécie de cegueira. Na infância imaginava-se caminhando, por entre uma fileira de meninas de branco, até o altar cheio de velas e flores brancas. Precisa bloquear essas recordações que a entristecem. Sua importância aqui é marcar o surgimento em Tita dos prenúncios de sua irrupção psicótica.

Ao comerem do bolo, os convidados sentem-se mal; o pranto foi o primeiro





sintoma de uma estranha intoxicação que tinha a ver com melancolia e frustração e as saudades do amor de suas vidas.

Pensemos na identificação de Tita em seu pólo positivo com Nacha (aspectos “bons”) e negativo (aspectos “maus”) com a mãe. Identificada com esses dois aspectos contraditórios, Tita, de fato, apaixonou-se pelo primeiro homem que a corteja, como previra Nacha, mas submete-se ao aspecto interdito da mãe e não se casa. Conheceu o amor materno nas lides da cozinha com Nacha e é essa a via amorosa que encontra para agradar e seduzir Pedro. Torna-se cada vez melhor cozinheira. Assim, atinge seus alvos: acende a paixão em Pedro e na irmã Gertrudis. Por outro lado, também através da comida, ataca a irmã rival Rosaura, tornando-a insuportável. Para Tita foi negada a genitalidade e a maternidade, sobrando-lhe apenas gratificações orais – amorosas ou destrutivas.

Rosaura é a mais submissa das três filhas de Elena e também a mais doente, com manifestações somáticas e queixas digestivas várias. Tem uma vida genital pobre com Pedro e seu funcionamento é predominantemente anal. Sofre de distúrbios digestivos, em parte devido aos “envenenamentos” alimentares que Tita produz. Submissa à mãe, aceita o matrimônio que lhe é designado. Apesar de ter tido dois filhos, nunca consegue alimentá-los, função assumida por Tita. Exerce uma maternidade pobre. Apresenta menos mobilidade e plasticidade psicológica que Tita, embora essa sofra regressões psicóticas e tenha traços masoquistas claros.

Gertrudis é encarregada da genitalidade por todos; isso fica evidente quando Tita e Pedro apóiam-na a realizar-se no plano genital. No dia em que Tita prepara codorna em pétalas de rosas, isso tem em Gertrudis um efeito afrodisíaco. Sente um calor que lhe invade as pernas e começa a exalar um cheiro de rosas por todos os poros, que se sente a quilômetros de distância. Pedro, ao provar do prato, experimenta verdadeira luxúria. “*Parecia que tinham descoberto um código novo de comunicação no qual Tita era a emissora, Pedro o receptor e Gertrudis a felizarda em quem se sintetizava esta singular relação sexual, através da comida*” (pág.42). Pedro e Tita encorajam-na a fugir com um revolucionário villista, atraído pelo cheiro de rosas que a irmã exala. Gertrudis mostra, assim, uma relação mais harmônica entre o masoquismo e o narcisismo: “*Nua como estava, com o cabelo solto caindo-lhe até a cintura e irradiando uma luminosa energia, representava o que seria uma síntese entre uma mulher angelical e uma infernal... Quando fugiram os dois a cavalo, Pedro e Tita se emocionaram até as lágrimas ao ver seus heróis realizarem o amor que para eles estava proibido*” (pág.44). Gertrudis despe-se da submissão à mãe e foge rumo à genitalidade, mas seu caminho não flui livre de percalços. Primeiro se prostitui, como meio de romper com a sexualidade reprimida. Depois, identificada com os aspectos dominadores e sádicos da mãe, torna-se uma “generalista” villista, como é chamada





pelos guerrilheiros. No final encontra um equilíbrio, casa-se e tem filhos e soluciona melhor que as irmãs o drama da feminilidade da família. Elena, enraivecida ao saber da filha num bordel, queima as recordações de Gertrudis, como castigo pela quebra do esquema oral e fuga para a genitalidade. Embora se mantenha mais escondida que Tita até certo momento, mais tarde se libera do domínio da mãe e mostra melhor desenvolvimento psicosssexual. É de assinalar que Gertrudis é filha de um relacionamento amoroso de Elena; não seria absurdo supor que também Elena tivera com Mulato uma relação mais genital que com o pai de Tita e Rosaura.

Elena, sendo fonte original de identificações para as filhas, contém em si os diferentes aspectos observados em cada uma delas. Em Gertrudis, Rosaura e Tita podemos observar, através das identificações, traços predominantes característicos de Elena: a genitalidade de Gertrudis, a analidade de Rosaura e a oralidade de Tita. Chama a atenção como cada uma delas representa aspectos cada vez mais regressivos da mãe, a partir da perda de Mulato.

Pedro e Rosaura têm um filho. Ela é incapaz de cuidar do menino e quem o faz é Tita, que alimenta e cuida do bebê, como o foi ela própria por Nacha. “*O choro da criança invadiu todos os espaços vazios dentro do coração de Tita. Soube então que amava novamente: a vida, esse menino, Pedro, inclusive a irmã, odiada por tanto tempo*” (pág.60). Como Rosaura não tem leite, é contratada uma ama-de-leite, que morre em um tiroteio. O bebê chora exasperado e Tita não suporta aquilo. “Se havia alguma coisa na vida que Tita não agüentava era que uma pessoa faminta lhe pedisse comida e que ela não pudesse dar. Provocava-lhe muita angústia. E sem poder se conter por mais tempo, Tita abriu a blusa e ofereceu ao menino seu peito... Tita nesse momento era a própria Ceres personificada, a deusa da alimentação em plenitude” (pág.63). Após um tempo, Elena determina que o casal vá viver longe da família e a criança morre. É mais uma personagem masculina que sucumbe. Tita enfrenta a lei da mãe má e rebelar-se, acusando-a de ser responsável pela morte do neto. Tal enfrentamento causa um colapso e Tita sobe no pombal e abandona-se, encolhida e nua em posição fetal, catatônica. A mãe manda tirar a escada para que não desça e assim fazendo corta a possibilidade de qualquer vínculo com a realidade. Com a manta que tece por anos a fio, simbolicamente uma tentativa de elaborar a submissão infantil, Tita afasta-se para tratamento com uma extremidade da manta na carroça e a outra no rancho, como que ligando-a à mãe. O médico trata-a em sua própria casa, isto é, acolhe-a dentro de si. É continente, cuida-a com carinho e a alimenta; acima de tudo, reconstrói com ela o caminho para a realidade através de seus gestos e de seu amor por ela. É um homem delicado, forte no sentido maternal, a reedição de Nacha. Na casa do médico, certa feita, Tita vê “*Uma agradável mulher com cerca de oitenta anos, muito parecida com Nacha... pouco a pouco, em lugar dela, foi aparecendo o*





O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*

doutor Brown” (pág.90). Mas realmente só consegue estabelecer contato com o mundo real quando avista Chenchá, a substituta de Nacha, a escada recolocada em seu isolamento, significando que talvez precisasse dessa confrontação com o amor para emergir do estado de depressão psicótica, de ódio e medo da mãe má.

Quando bandoleiros invadem o rancho da família, violentam Chenchá e ferem mãe Elena nas costas, paralisando-a da cintura para baixo. É a expressão concreta da cisão existente em Elena dos aspectos genitais, guardados em cofre, paralisados e não integrados jamais. Aqui há uma importante divergência entre livro e filme. Enquanto no filme Tita retorna apenas após a morte da mãe, ocorrida no episódio da invasão, no livro Tita volta para cuidar dela, que sempre se mostra receosa que a filha a envenene com sua comida. Elena acaba por envenenar-se com o vomitório usado como proteção contra o imaginado veneno da comida da filha. No livro ficam mais claros os aspectos orais envolvidos na morte de Elena.

O bebê homem morre de inanição, a menina sobrevive: as mulheres são mais fortes que os homens, parece repetir o destino. Tita insiste que se dê à menina o nome de Esperanza, opondo-se ao desejo de Pedro que tivesse seu nome, Josefita, e ao desejo de Rosaura de perpetuar a tradição familiar de a mais jovem cuidar da mãe até a morte. Rosaura morre e Tita cuida da sobrinha ao lado de Pedro. Nesse período tem uma pseudociese, da qual só consegue livrar-se ao dizer ao fantasma da mãe que a odeia.

Tita sofre cedo o interdito materno para a genitalidade e a maternidade. Restam-lhe apenas os componentes orais. Exerce de forma marginal a maternidade com o filho de Rosaura, na função nutriz. A mãe fecha-lhe essa possibilidade. Ao rebelar-se contra a mãe sofre uma regressão psicótica. Emerge aparentemente disposta a tentar uma solução ao nível genital com Pedro, mas não consegue. A relação sexual termina em morte e suicídio – pela boca.

Cumpre-se o destino

Detenhamo-nos um pouco no contraponto masculino-feminino da história, cujo mote é a força da psicologia feminina. São elas que conduzem, ditam destinos, fazem nascer e morrer, enquanto os homens, frágeis, são instrumentos para as realizações femininas. O marido de Elena sucumbe à dor da traição. Pedro não luta por seu objeto amoroso e capitula ante a sugestão de Elena de casar-se com Rosaura. O pai de Pedro esboça uma crítica à complacência do filho, mas se resigna frente aos inconsistentes argumentos de Pedro. O marido de Gertrudis, embora, no início, guerreiro villista vigoroso ao elevá-la nos braços até a garupa de seu corcel, depois adota posi-





Alda Dornelles de Oliveira et alii

ção secundária e Gertrudis assume o posto de “generalá”. Todo o bando subordina-se a ela. Apenas o doutor Brown tem um papel mais valorizado: é ele quem consegue curar Tita. Mas, se procurarmos no que ele é realmente valorizado, encontraremos as assim chamadas características femininas: é continente e paciente; abdica do amor de Tita, desde que ela seja feliz. Ele a cuida e alimenta, perdoa-a maternamente. Viúvo, exerce a maternagem com seu filho e com a velha tia surda. Não se queixa dessa situação a qual, para H. Deutsch, é característica típica do masoquismo feminino. Além do mais, guia-se pelas filosofias e receitas também de uma mulher, sua avó índia.

Até o final, Tita tenta atender às suas duas exigências internas. Dessa forma, busca sua sonhada genitalidade com Pedro. Quando podem realizar esse sonho, Pedro morre em seus braços. “Com ele morria a possibilidade de voltar a acender seu fogo interior, com ele iam embora todos os fósforos” (pág.203). Tita, envolta na manta que a acompanha há longo tempo, engole os fósforos que, ao se encontrarem dentro dela com as luminosas imagens que evocavam dela e de Pedro, se acendiam. A luz intensa mostra um túnel e nele Pedro a espera de braços abertos. Corre para ele e se fundem, em um longo abraço. De forma simbólica, a tão desejada genitalidade, proibida desde pequena, é vivida como desobediência às ordens maternas e tem o custo da morte. Seu último gesto é oral, suicida-se engolindo fogo. O calor desprendido nessa morte opõe-se à frieza polar da mãe: necessitava de uma relação materna mais quente, como água para chocolate, como ingrediente vital na receita da sua feminilidade. As velas colocadas por Nacha, assinalamento da intimidade, tornam-se as velas de uma capela mortuária. □

Summary

By means of the sensitive creation of the mexican writer Laura Esquivel, *Como água para chocolate*, which narrates a family saga in Mexico inland by the period of the revolution that deposed Diaz, we reflect about the female sexual development, its possible (mis)carries and its relation to mother identification, as the essential ingredient in the feminine recipe.

Referências

- DEUTSCH, H. (1952). *La psicología de la mujer*. Buenos Aires: Losada S.A., 1977.
ESQUIVEL, L. (1989). *Como água para chocolate*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

564 □ Revista de Psicanálise, Vol. IV, Nº 3, dezembro 1997





O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*

- . (1991). Roteiro do filme *Como água para chocolate*. Direção e produção de Alfonso Arau, México: Arau Films International S.A., 1991.
- FREUD, S. (1908[1907]). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. IX.
- HOUAISS, A. *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1979.

Alda Dornelles de Oliveira

Av. Cristóvão Colombo, 1918/502
90560-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA





Atenção montador
a página **566** é branca





Normas Gerais de Publicação de Trabalhos* **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**

1. Os artigos publicados na *Revista de Psicanálise da SPPA* devem ajustar-se ao que se segue:

- a. O artigo deve ser inédito (excetuam-se trabalhos publicados em anais de Congressos, Simpósios, Mesas Redondas ou Boletins de circulação interna de Sociedades Psicanalíticas locais), quanto a publicações científicas de porte.
- b. O artigo não pode infringir nenhuma norma ética e todos os esforços devem ser feitos de modo a proteger a identidade dos pacientes mencionados em relatos clínicos.
- c. O artigo deve respeitar as normas que regem os direitos autorais.
- d. O artigo não deve conter nenhum material que possa ser considerado ofensivo ou difamatório.
- e. O autor deve estar ciente de que, ao publicar o artigo na *Revista de Psicanálise da SPPA*, ele estará transferindo automaticamente o "copyright" para essa, salvo as exceções previstas pela lei, isto é, fica vedada sua reprodução, ainda que parcial, sem a devida autorização da *Revista*.
- f. O artigo não deve estar sendo encaminhado simultaneamente para outra publicação sem o conhecimento explícito e confirmação por escrito do Editor. A *Revista* normalmente não colocará obstáculos à divulgação do artigo em outra publicação, desde que informada previamente. Quaisquer violações dessas regras, que impliquem em ações legais, serão de responsabilidade exclusiva do autor.
- g. Os conceitos emitidos são da inteira responsabilidade do autor.

2. Os originais deverão obedecer às seguintes exigências mínimas:

- a. Serão entregues, em quatro cópias e disquete, à Editoria da *Revista*, cujo endereço é o da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre – Rua General Andrade Neves, 14, 8º andar, conj. 802A – 90010-210 - Porto Alegre - RS.

* Baseada nas normas e recomendações do *International Journal of Psychoanalysis* e da *Revista Brasileira de Psicanálise*.





Normas gerais de publicação de trabalhos

b. O artigo deverá adequar-se às dimensões deste tipo de publicação. Sugere-se, que, sem comprometer a clareza do texto, sua extensão não ultrapasse as 20 páginas datilografadas, em espaço duplo, em papel formato ofício. Tabelas, gráficos, desenhos e outras ilustrações sob forma de cópias fotográficas devem ser enviadas em duplicatas de tamanho adequado. O conteúdo total de ilustrações não deverá exceder $\frac{1}{4}$ do espaço ocupado pelo artigo; as ilustrações em excesso, se aprovadas, terão seu custo indenizado pelo autor, que será previamente informado.

Solicitamos que os artigos sejam entregues em disquete, observando-se o seguinte: os arquivos devem ser gerados no *Word for Windows* ou formato texto (*.TXT), com a identificação do autor e título do trabalho.

c. Os trabalhos deverão conter, em sua estrutura: Título, Resumo em português e inglês e Referências. A forma de apresentação da discussão dos conteúdos ficará a critério do autor.

d. O resumo deverá ter em torno de 150 palavras e ser capaz de comunicar, ao leitor em potencial, os pontos principais que o autor deseja expressar.

e. O nome do autor deve constar no canto esquerdo, logo abaixo do título, esse indicando a que Sociedade ou Grupo de Estudos pertence, com o correspondente "status".

f. O endereço do autor deverá ser mencionado após as Referências.

3. As Referências deverão incluir os trabalhos estritamente relevantes e necessários, sem se acumular, desnecessariamente, vasta bibliografia. As referências, no decorrer do texto, serão dadas citando-se o nome do autor seguido do ano de publicação entre parênteses, como, por exemplo, Freud (1918) ou (Freud, 1918). Se dois co-autores são citados, os dois nomes deverão ser mencionados, por exemplo Marty & de M'Uzan (1963) ou (Marty & de M'Uzan, 1963). Se houver mais de dois autores, a referência no texto indicará o primeiro, por exemplo: Rodrigues et al. (1983) ou (Rodrigues et al., 1983).

A referência completa das obras citadas figurará na lista das Referências, colocada no final do artigo, lista essa que deverá corresponder exatamente às obras citadas, sem referências suplementares. Os autores serão mencionados em ordem alfabética e suas obras pela ordem cronológica da publicação. (Para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*). Se vá-





rias obras foram publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras a, b, c, etc.

Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras em que ele é o único autor, seguidas das publicações em que ele é co-autor.

Os nomes dos autores não serão repetidos, mas indicados por um traço.

Os títulos dos livros e das revistas serão grifados, sendo que as palavras mais significativas serão escritas com a primeira letra maiúscula, o lugar da publicação e o nome do Editor serão igualmente indicados. Se uma referência é dada a partir de outra edição que não a original, a data da edição utilizada deverá figurar no final da referência.

Nos títulos dos artigos (e igualmente nas obras de Freud) somente a primeira palavra figurará em letra maiúscula. O título do artigo será seguido da abreviação grifada do título da revista, do número do volume e dos números da primeira e da última página. Para as abreviações dos títulos das revistas, poder-se-ão consultar os números anteriores ou, no caso de dúvida, citar o nome por extenso.

Nos exemplos seguintes, podem-se observar a utilização das letras maiúsculas, a pontuação, os dados e sua ordem de apresentação:

- BOWLBY, J. (1963). *Attachment and Loss*, Volume 1. New York: Basic Books.
- _____ (1979). Psychoanalysis as art and science. *Int. Rev. Psychoanal.*, 6: 3-14.
- FREUD, S. (1905). *Three essays on the theory of sexuality*. S.E. 7.
- _____ (1914). *Narcisismo: Uma introdução*. ESB. vol. 14, Rio de Janeiro: Imago.
- HOLZMAN, P. S & GARDNER, R. W. (1960). Levelling and repression. *J. Abnorm. Soc. Psychol.*, 59: 151-155.
- KHAN, M. M. R. (1960). Regression and integration in the analytic setting. In *The Privacy of the Self*. London: Hogarth Press, 1974, p. 136-167.
- _____ (1967). From selectiveness to shared living. In *The Human Dimension in Psychoanalytic Practice*, ed. K. A. Frank. New York: Grune & Stratton, p. 115-122.
- SUTHERLAND, J. D. ed. (1958). *Psycho-Analysis and Contemporary Thought*. London: Hogarth Press.
- WALLERSTEIN, R. S. (1972). The future of psychoanalytic education. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 21: 591-606.





(Foram propositalmente utilizados os exemplos mencionados no *International Journal of Psycho-Analysis*, com o objetivo de apresentar as Referências brasileiras padronizadas de acordo com as normas internacionalmente aceitas.)

Citações literais: Quando se tratar de citações literais, além de checá-las cuidadosamente quanto à sua fidedignidade, indicar o número da página de onde foram retiradas. As *inserções* que forem feitas no texto original serão indicadas dentro de (), como, por exemplo: “ele (Freud) sugeriu que...”. Itálicos no original serão assinalados, sublinhando-se as palavras no texto datilografado. Ênfase adicional, no texto, também será indicada por sublinhado da parte em questão, acrescentando-se “grifos meus”, entre (), no final da citação. Usar reticências para indicar omissões no texto citado, por exemplo: “considerou-se... que assim foi o caso”.

Nota: O autor que desejar obter separatas de seu artigo publicado deverá, na ocasião em que for informado oficialmente pela *Revista* que seu artigo será publicado, informar à Secretaria da *Revista*. Essa obterá, da gráfica, um orçamento para sua confecção que será submetido ao autor para aprovação.



Procedimentos de avaliação



- Todo artigo entregue para publicação será avaliado através de critérios padronizados por, pelo menos, três membros do Comitê Científico da *Revista de Psicanálise da SPPA*.
- O nome do avaliador será mantido sob rigoroso sigilo pela *Revista*, recomendando-se que o mesmo procedimento seja adotado pelo próprio avaliador.
- Sendo o artigo recomendado pela maioria dos avaliadores, será considerado, em princípio, aprovado para publicação. A decisão final quanto à data de sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Artigos que não forem publicados num período de (6) seis meses, a partir da data de sua aprovação, serão oferecidos de volta ao seu autor, para que esse tenha a liberdade de submetê-lo a uma outra publicação.





Índice de títulos Volume IV (nº/pág.)

- ACTING OUT: EVOLUÇÃO DO CONCEITO E SUA RELAÇÃO COM A INVEJA • Berlin, Gerson Isac – 3/425
- ALGUMAS DIFICULDADES TÉCNICAS NA ANÁLISE DE PACIENTES NARCISISTAS/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Sokolovsky, Benami – 1/87
- ARTE PURA E CIÊNCIA PURA – UM ENCONTRO COM ERNESTO SÁBATO • Meneghini, Luiz Carlos – 3/477
- AVENTURAS LITERÁRIAS DE UM MITO • Carvalhal, Tania Franco – 2/355
- BRUXAS, MONSTROS E DEMÔNIOS: UMA REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA • Rosenfield, Lenora Lerrer – 3/461
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “ALGUMAS DIFICULDADES TÉCNICAS NA ANÁLISE DE PACIENTES NARCISISTAS”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Bugin, Alice Milman – 1/97
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “ALGUMAS DIFICULDADES TÉCNICAS NA ANÁLISE DE PACIENTES NARCISISTAS”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Zaslavsky, Jacó – 1/100
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “EQUAÇÃO ETIOLÓGICA DE FREUD À LUZ DE DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES: O BIOLÓGICO E O TRANSGERACIONAL, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Brito, César Luís de Souza – 1/173
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “EQUAÇÃO ETIOLÓGICA DE FREUD À LUZ DE DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES: O BIOLÓGICO E O TRANSGERACIONAL, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Santos, Manuel José Pires dos – 1/177
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “ETERNA LUTA ENTRE O CONHECER E O NÃO CONHECER. UMA DISCUSSÃO SOBRE A GESTAÇÃO E A TEORIA DO CONHECIMENTO DE W.R. BION, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Duarte, Inúbia – 1/151
- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “ETERNA LUTA ENTRE O CONHECER E O NÃO CONHECER. UMA DISCUSSÃO SOBRE A GESTAÇÃO E A TEORIA DO CONHECIMENTO DE W.R. BION, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Teitelbaum, Paulo Oscar – 1/155





- COMENTÁRIO AO TRABALHO: “NOVELA FAMILIAR ‘IN STATU NASCENDI’, A”/
REVISITA DA VELHA SENHORA, A/CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITAN-
DO OS CLÁSSICOS • Thomaz, Theobaldo Oliveira – 1/217
- COMENTÁRIOS AOS TRABALHOS: “SEXUALIDADE FEMININA: UMA REVISÃO
DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO” E “FEMINILIDADE EM FREUD”/SIMPÓSIO DE
CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE, V • Bornholdt, Ingeborg Magda – 1/133
- COMPREENSÃO E MANEJO DA TRANSFERÊNCIA EM SUPERVISÃO DE ANÁLISE
DE ADULTOS • Eizirik, Cláudio Laks e Araujo, Marlene Silveira – 1/13
- CRISE DA CULTURA E CRISE DA PSICANÁLISE • Ahumada, Jorge L. – 1/51
- DESENVOLVIMENTO DA FEMINILIDADE A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO COM A
MÃE: *COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLI-
SE • Oliveira, Alda Dornelles de; Rosa, Antonio Carlos S. Marques da; Bornholdt, Inge-
borg Magda; Pechansky, Isaac; Wolff, Mery Pomeranclum e Brum, Tula Bisol – 3/555
- ÉDIPO E A ESFINGE: DO LABIRINTO AO ENIGMA • Hartke, Raul – 2/319
- ÉDIPO E SEXUALIDADE CEM ANOS DEPOIS: UM SEMPRE ATUAL DESAFIO • Ro-
cha, Fernando – 2/289
- ÉDIPO: UMA METÁFORA SOBRE O DESEJO, A INTERDIÇÃO E O TRAUMA,
O • Dantas Jr., Alírio – 2/243
- EDITORIAL/ÀS VÉSPERAS DO TERCEIRO MILÊNIO • Mauro Gus – 1/5
- EDITORIAL/COMPLEXO DE ÉDIPO CEM ANOS DEPOIS • Gus, Mauro e Nogueira, Joel
– 2/237
- EDITORIAL/O RESULTADO DE UMA JORNADA • Nogueira, Joel – 3/403
- ENTREVISTA com Joseph, Betty – 3/513
- ENTREVISTA com Laplanche, Jean – 1/183
- ENTREVISTA com Schafer, Roy – 3/527
- EQUAÇÃO ETIOLÓGICA DE FREUD À LUZ DE DESENVOLVIMENTOS POSTERIO-
RES: O BIOLÓGICO E O TRANSGERACIONAL, A/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO
ALEGRE, V • Silva, Maurício Marx e – 1/161
- ETERNA LUTA ENTRE O CONHECER E O NÃO CONHECER. UMA DISCUSSÃO SO-
BRE A GESTAÇÃO E A TEORIA DO CONHECIMENTO DE W.R. BION, A/SIMPÓ-
SIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICA-
NALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Aguzzoli, Margot – 1/139
- FATORES CURATIVOS NAS PSICANÁLISES DE FILHOS DE SOBREVIVENTES DO
HOLOCAUSTO ANTES DA E DURANTE A GUERRA DO GOLFO • Kogan, Ilany –
1/33





- FEMINILIDADE EM FREUD/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Lago, Patrícia Fabrício – 1/119
- “FIN DU SIÈCLE”: REPERCUSSÕES NA CLÍNICA • Gus, Ida Ioschpe – 3/449
- FUNÇÃO CRIATIVA E/OU REVELADORA DA INTERPRETAÇÃO, A • Barros, Elias Mallet da Rocha – 1/21
- HOMEM DAS ESTRELAS – CINEMA E PSICANÁLISE, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE • Mondrzak, Viviane Sprinz – 3/549
- MITO E A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA, O • Thomaz, Theobaldo O. – 2/369
- NOVELA FAMILIAR “IN STATU NASCENDI”, A/CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS • Klein, Melanie – 1/209
- PALAVRA DO PRESIDENTE • Faria, Carlos Gari – 3/405
- PALAVRA DO PRESIDENTE • Mabilde, Luiz Carlos – 1/9
- PALAVRA DO PRESIDENTE • Mabilde, Luiz Carlos – 2/239
- PESTE E A CANTORA CRUEL, A • Schüler, Donaldo – 2/257
- PROCESSO CRIATIVO E SEUS ENTRAVES À ELABORAÇÃO DA SITUAÇÃO EDIPIANA, O • Barros, Elias Mallet da Rocha – 2/273
- “PULP FICTION”/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE • Seewald, Frederico – 1/201
- RECONSIDERAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO • Berenstein, Isidoro – 2/303
- SEXUALIDADE FEMININA: UMA REVISÃO DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V • Lahude, Denise – 1/105
- SITUAÇÃO EDÍPICA E O MEDO DO CAOS, A • Britton, Ronald – 2/335
- SUJEITO PERVERSO DA ANÁLISE, O • Ogden, Thomas H. – 3/487
- SUPERVISÃO COLETIVA, A SOBREVIVÊNCIA DO PSICANALISTA E O MÉTODO CIENTÍFICO, A • Moore, Juan Francisco Jórdan – 1/71
- UMA TEORIA PSICANALÍTICA EXPLICATIVA: A TEORIA DO PROTOMENTAL • Imbasciati, Antonio – 3/409
- WINNICOTT: UMA PSICANÁLISE NÃO-EDIPIANA • Loparic, Zeljko – 2/375





Índice de autores Volume IV (nº/pág.)

- AGUZZOLI, MARGOT • Eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion, A/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/139
- AHUMADA, JORGE L • Crise da cultura e crise da psicanálise – 1/51
- ARAUJO, MARLENE SILVEIRA E EIZIRIK, CLÁUDIO LAKS • Compreensão e manejo da transferência em supervisão de análise de adultos – 1/13
- BARROS, ELIAS MALLET DA ROCHA • Função criativa e/ou reveladora da interpretação, A – 1/21
- BARROS, ELIAS MALLET DA ROCHA • Processo criativo e seus entraves à elaboração da situação edipiana, O – 2/273
- BERENSTEIN, ISIDORO • Reconsideração do complexo de Édipo – 2/303
- BERLIM, GERSON ISAC • Acting Out: Evolução do conceito e sua relação com a inveja – 3/425
- BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA • Comentários aos trabalhos: “Sexualidade feminina: uma revisão do complexo de castração” e “Feminilidade em Freud”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/133
- BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA; BRUM, TULA BISOL; OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; PECHANSKY, ISAAC; ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA E WOLFF, MERY POMERANCBUM • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555
- BRITO, CÉSAR LUÍS DE SOUZA • Comentário ao trabalho: “Equação etiológica de Freud à luz de desenvolvimentos posteriores: o biológico e o transgeracional, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/173
- BRITTON, RONALD • Situação edípica e o medo do caos, A – 2/335
- BRUM, TULA BISOL; BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA; OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; PECHANSKY, ISAAC; ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA E WOLFF, MERY POMERANCBUM • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555
- BUGIN, ALICE MILMAN • Comentário ao trabalho: “Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/97





- CARVALHAL, TANIA FRANCO • Aventuras literárias de um mito – 2/355
- DANTAS JR., ALÍRIO • Édipo: uma metáfora sobre o desejo, a interdição e o trauma, O – 2/243
- DUARTE, INÚBIA • Comentário ao trabalho: “Eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/151
- EIZIRIK, CLÁUDIO LAKS E ARAUJO, MARLENE SILVEIRA • Compreensão e manejo da transferência em supervisão de análise de adultos – 1/13
- FARIA, CARLOS GARI • Palavra do Presidente – 3/405
- GUS, IDA IOSCHPE • “Fin du siècle”: repercussões na clínica – 3/449
- GUS, MAURO • Editorial/Às vésperas do terceiro milênio – 1/5
- GUS, MAURO E NOGUEIRA, JOEL • Editorial/Complexo de Édipo cem anos depois – 2/237
- HARTKE, RAUL • Édipo e a Esfinge: do labirinto ao enigma – 2/319
- IMBASCIATI, ANTONIO • Uma teoria psicanalítica explicativa: a teoria do protomental – 3/409
- JOSEPH, BETTY • Entrevista – 3/513
- KLEIN, MELANIE • Novela familiar “in statu nascendi”, A/CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS – 1/209
- KOGAN, ILANY • Fatores curativos nas psicanálises de filhos de sobreviventes do holocausto antes da e durante a guerra do golfo – 1/33
- LAGO, PATRÍCIA FABRÍCIO • Feminilidade em Freud/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/119
- LAHUDE, DENISE • Sexualidade feminina: uma revisão do complexo de castração/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/105
- LAPLANCHE, JEAN • Entrevista – 1/183
- LOPARIC, ZELJKO • Winnicott: uma psicanálise não-edipiana – 2/375
- MABILDE, LUIZ CARLOS • Palavra do Presidente – 1/9
- MABILDE, LUIZ CARLOS • Palavra do Presidente – 2/239
- MENEGHINI, LUIZ CARLOS • Arte pura e ciência pura – um encontro com Ernesto Sábato – 3/477
- MONDRZAK, VIVIANE SPRINZ • Homem das Estrelas – cinema e psicanálise, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/549
- MOORE, JUAN FRANCISCO JÓRDAN • Supervisão coletiva, a sobrevivência do psicanalista e o método científico, A – 1/71
- NOGUEIRA, JOEL E GUS, MAURO • Editorial/Complexo de Édipo cem anos depois – 2/237





Índice de títulos/autores Volume IV

- NOGUEIRA, JOEL • Editorial/O resultado de uma jornada – 3/403
- OGDEN, THOMAS H. • Sujeito perverso da análise, O – 3/487
- OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA; BRUM, TULA BISOL; PECHANSKY, ISAAC; ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA E WOLFF, MERY POMERANCBLUM • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555
- PECHANSKY, ISAAC; BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA; BRUM, TULA BISOL; OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA E WOLFF, MERY POMERANCBLUM • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555
- ROCHA, FERNANDO • Édipo e sexualidade cem anos depois: um sempre atual desafio – 2/289
- ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA; BORNHOLDT, INGEBORG MAGDA; BRUM, TULA BISOL; OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; PECHANSKY, ISAAC E WOLFF, MERY POMERANCBLUM • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555
- ROSENFELD, LENORA LERRER • Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica – 3/461
- SANTOS, MANUEL JOSÉ PIRES DOS • Comentário ao trabalho: “Equação etiológica de freud à luz de desenvolvimentos posteriores: o biológico e o transgeracional, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/177
- SCHAFER, ROY • Entrevista – 3/527
- SCHÜLER, DONALDO • Peste e a cantora cruel, A – 2/257
- SEEWALD, FREDERICO • “Pulp Fiction”/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 1/201
- SILVA, MAURÍCIO MARX E • Equação etiológica de freud à luz de desenvolvimentos posteriores: o biológico e o transgeracional, A/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/161
- SOKOLOVSKY, BENAMI • Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/87
- TEITELBAUM, PAULO OSCAR • Comentário ao trabalho: “Eterna luta entre o conhecer e o não conhecer. uma discussão sobre a gestação e a teoria do conhecimento de W.R. Bion, A”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA





Índice de títulos/autores Volume IV

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/155

THOMAZ, THEOBALDO O. • Mito e a constituição da memória, O – 2/369

THOMAZ, THEOBALDO OLIVEIRA • Comentário ao trabalho: “Novela familiar ‘in statu nascendi’, A”/Revisita da Velha Senhora, A/CEM ANOS DE PSICANÁLISE. REVISITANDO OS CLÁSSICOS – 1/217

WOLFF, MERY POMERANCBLUM; BORNHOLDT, INGEBOG MAGDA; BRUM, TULA BISOL; OLIVEIRA, ALDA DORNELLES DE; PECHANSKY, ISAAC E ROSA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA • Desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação com a mãe: *Como água para chocolate*, O/CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE – 3/555

ZASLAVSKY, JACÓ • Comentário ao trabalho: “Algumas dificuldades técnicas na análise de pacientes narcisistas”/SIMPÓSIO DE CANDIDATOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE, V – 1/100





Atenção montador
a página **578** é branca





Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Pedidos de assinatura:

Encaminhar este cupom para a secretaria da

Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802-A

90010-210 – Porto Alegre-RS

Tel/Fax: 051 224-3340

Valor da assinatura: R\$ 45,00 – Vol. I/1994
 R\$ 45,00 – Vol. II/1995
 R\$ 55,00 – Vol. III/1996
 R\$ 60,00 – Vol. IV/1997
 R\$ 20,00 – Número avulso

NOME

ENDEREÇO

CEP..... CIDADE..... TELEFONE

(Cheque cruzado, nominal à
 Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)





Dezembro/1997 - Vol. IV - Nº 3

S U M Á R I O

EDITORIAL

O resultado de uma jornada
JOEL NOGUEIRA - 403

PALAVRA DO PRESIDENTE

CARLOS GARI FARIA - 405

ARTIGOS

Uma teoria psicanalítica explicativa: a teoria do protomental
ANTONIO IMBASCIATI - 409

Acting Out: Evolução do conceito e sua relação com a inveja
GERSON ISAC BERLIM - 425

"Fin du siècle": repercussões na clínica
IDA IOSCHPE GUS - 449

Bruxas, monstros e demônios: uma representação pictórica
LENORA LERRER ROSENFELD - 461

Arte pura e ciência pura – um encontro com Ernesto Sábato
LUIZ CARLOS MENEGHINI - 477

O sujeito perverso da análise
THOMAS H. OGDEN - 487

ENTREVISTAS

Entrevista com BETTY JOSEPH - 513

Entrevista com ROY SCHAFER - 527

CEM ANOS DE CINEMA E PSICANÁLISE

O Homem das Estrelas – cinema e psicanálise
VIVIANE SPRINZ MONDRZAK - 549

*O desenvolvimento da feminilidade a partir da identificação
com a mãe: Como água para chocolate*
ALDA DORNELLES DE OLIVEIRA, ANTONIO CARLOS S. MARQUES DA ROSA,
INGEBORG MAGDA BORNHOLDT, ISAAC PECHANSKY,
MERY POMERANCBLUM WOLFF e TULA BISOL BRUM - 555

Revista de Psicanálise
da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

